

DM

## Literatura de Cordel

Uma estratégia para construção da prática pedagógica inovadora  
no 5º ano de uma escola municipal?

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**Sheila Mayara Ribeiro do Carmo**

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - INOVAÇÃO PEDAGÓGICA



UNIVERSIDADE da MADEIRA

*A Nossa Universidade*

[www.uma.pt](http://www.uma.pt)

setembro | 2016

## **Literatura de Cordel**

Uma estratégia para construção da prática pedagógica inovadora  
no 5º ano de uma escola municipal?

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**Sheila Mayara Ribeiro do Carmo**

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - INOVAÇÃO PEDAGÓGICA

ORIENTAÇÃO

Maria Fernanda Baptista Pestana Gouveia  
Rilva José Pereira Uchôa Cavalcanti



UNIVERSIDADE da MADEIRA

**Faculdade de Ciências Sociais  
Departamento de Ciências da Educação  
Mestrado em Ciências da Educação - Inovação Pedagógica**

**Sheila Mayara Ribeiro do Carmo**

**Literatura de Cordel: Uma Estratégia para Construção da Prática Pedagógica  
Inovadora no 5º Ano de Uma Escola Municipal?**

**Dissertação de Mestrado**

**FUNCHAL – 2016**

**Sheila Mayara Ribeiro do Carmo**

**Literatura de Cordel: Uma Estratégia para Construção da Prática Pedagógica  
Inovadora no 5º Ano de Uma Escola Municipal?**

Dissertação apresentada ao Conselho Científico da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade da Madeira, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação.

Orientadores: Professora Doutora Maria Fernanda Baptista Pestana Gouveia

Professora Doutora Rilva José Pereira Uchôa Cavalcanti

**FUNCHAL – 2016**

## DEDICATÓRIA

Aos meus pais: Robério Ribeiro e Maria Ereni Ribeiro e ao meu esposo Flávio Eduardo Maciel.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado discernimento.

Ao meu esposo, Flávio Eduardo Maciel, que acreditou no meu potencial e na efetivação dessa investigação, me dando forças diariamente para que eu concluísse com êxito.

Aos meus pais, Robério Ribeiro e Maria Ereni Ribeiro, pela motivação e orações.

À Professora Dra. Rilva Uchôa, pelas contribuições acadêmicas, confiança, seriedade e dedicação.

Aos professores do mestrado, pelas contribuições e ensinamentos, em especial aos professores Dr. Carlos Fino e Dra. Jesus Maria Sousa, que me conduziram a uma jornada inovadora.

À Professora Dra. Fernanda Gouveia, por sua disposição em contribuir para que tal pesquisa fosse efetivada.

Aos colegas que me motivaram e enriqueceram minha pesquisa, com colaborações e discussões.

Aos amigos, que torceram e acompanharam o desenvolvimento do projeto.

À gestão, coordenação, professora e alunos do 5º ano, da Escola Municipal Antônio Artur, que me permitiram tantas vezes adentrar na sala de aula para o estudo de campo desta pesquisa.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram com estímulo e informações essenciais para que essa pesquisa fosse legitimada, obrigada.

Valeu a pena? Tudo vale a pena  
Se a alma não é pequena.  
Quem quer passar além do Bojador  
Tem que passar além da dor.  
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,  
Mas nele é que espelhou o céu.

Fernando Pessoa

## RESUMO

O presente estudo apresenta a trajetória vivenciada na intenção de investigar se a metodologia de ensino e aprendizagem adotada por uma professora do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública – Escola Municipal Antônio Artur, situada no Município de Pesqueira, Pernambuco - insere-se no contexto da Inovação Pedagógica a partir da utilização do cordel. Desenvolvemos a investigação por meio da etnografia, apoiando-a na observação participante, diários etnográficos, registros fotográficos, gravação de vídeos e entrevistas, analisando a metodologia aplicada na prática educativa e como esta oportunizava o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa em relação aos educandos. Observamos a postura e atitudes da professora a partir dos trabalhos efetuados por esta em sala de aula utilizando o cordel e o reflexo deste na construção do caráter crítico dos aprendizes. Verificamos que as pretensões da docente ao assumir uma prática pedagógica capaz de romper paradigmas insere-se na perspectiva da Inovação.

**Palavras – chave:** Inovação pedagógica – Aprendizagem significativa – Cordel – Prática Pedagógica

## ABSTRACT

This study presents the trajectory performed with the intention to investigate whether the teaching and learning methodology adopted by a teacher of the 5th year of elementary school in a public school - Municipal School Antônio Artur, located in the municipality of Pesqueira, Pernambuco - inserts It in the context of Educational Innovation from the use of the string. We develop research through ethnography, supporting it on participant observation, ethnographic journals, photographic records, video recording and interviews, analyzing the methodology applied in educational practice and how this oportunizava the development of a meaningful learning in relation to students. We observed the posture and attitude of the teacher from the work done by this in the classroom using the line and the reflection of these in building the critical character of the learners. We found that the claims of teaching to take a pedagogical practice able to break paradigms fits into the perspective of innovation.

**Key - words:** Educational innovation - Significant learning - Cordel - Teaching Practice

## RÉSUMÉ

Cette étude présente la trajectoire effectuée avec l'intention d'examiner si la méthodologie d'enseignement et d'apprentissage adoptée par un enseignant de la 5e année du primaire dans une école publique - École Municipale Antônio Artur, situé dans la municipalité de Pesqueira - insérés Si dans le cadre de l'innovation éducative de l'utilisation de la chaîne. Nous développons la recherche à travers l'ethnographie, l'appui sur l'observation des participants, des revues ethnographiques, documents photographiques, enregistrement vidéo et des entrevues, l'analyse de la méthodologie appliquée dans la pratique éducative et comment cela oportunizava le développement d'un apprentissage significatif par rapport aux étudiants. Nous avons observé la posture et l'attitude de l'enseignant du travail accompli par ce dans la salle de classe en utilisant la ligne et la réflexion de ceux-ci dans la construction du caractère critique des apprenants. Nous avons constaté que les revendications de l'enseignement à adopter une pratique pédagogique capable de briser les paradigmes inscrit dans la perspective de l'innovation.

**Mots - clés:** innovation en éducation - Apprentissages signifiants - Cordel - pratiques d'enseignement

## RESUMEN

Este estudio presenta la trayectoria realizada con la intención de investigar si la metodología de enseñanza y aprendizaje adoptada por un maestro del 5º año de primaria en una escuela pública - Escuela Municipal Antônio Artur, situada en el municipio de Pesqueira, Pernambuco - insertos Si en el contexto de innovación educativa de la utilización de la cadena. Desarrollamos investigación a través de la etnografía, apoyándolo en la observación participante, revistas etnográficos, registros fotográficos, grabación de vídeo y entrevistas, el análisis de la metodología aplicada en la práctica educativa y cómo esto oportunizaba el desarrollo de un aprendizaje significativo en relación con los estudiantes. Observamos la postura y la actitud del maestro a partir del trabajo realizado por este en el aula usando la línea y el reflejo de estos en la construcción del carácter crítico de los alumnos. Se encontró que las pretensiones de enseñanza para tener una práctica pedagógica capaz de romper paradigmas encaja en la perspectiva de la innovación.

**Palabras - clave:** Innovación educativa - Aprendizaje significativo - Cordel - Práctica Docente

## SUMÁRIO

DEDICATÓRIA .....	iii
AGRADECIMENTOS .....	iv
EPÍGRAFE .....	v
RESUMO .....	vi
ABSTRACT .....	vii
RÉSUMÉ .....	viii
RESUMEM .....	ix
LISTA DE QUADROS .....	xii
LISTA DE FIGURAS .....	xiii
1 INTRODUÇÃO .....	1
<b>PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO</b> .....	<b>4</b>
<b>2 A CULTURA BRASILEIRA E A LITERATURA DE CORDEL</b> .....	<b>5</b>
2.1 CONCEITO DE CULTURA .....	5
2.1.1 A Cultura Popular .....	10
2.1.2 Cultura Popular Brasileira .....	13
2.2 LITERATURA DE CORDEL E CULTURA POPULAR .....	16
2.3 SOCIEDADE, HISTÓRIA E CULTURA .....	18
2.3.1 Identidade Cultural .....	19
2.4 O CORDEL E A ORALIDADE .....	21
2.5 OS POETAS DO POVO .....	22
2.6 A RELAÇÃO DO CORDEL COM O NORDESTE E COM AS OUTRAS REGIÕES BRASILEIRAS .....	26
2.7 O CORDEL, O REPENTE E AS XILOGRAVURAS .....	28
2.8 CULTURA E EDUCAÇÃO .....	31
<b>3 ASPECTOS HISTÓRICOS E CARACTERÍSTICAS DA LITERATURA DE CORDEL</b> .....	<b>34</b>
3.1 CONCEITO DE LITERATURA .....	34
3.2 O SURGIMENTO DE UMA LITERATURA POPULAR .....	35
3.2.1 A Literatura Popular nas Américas e sua chegada ao Brasil .....	36
3.3 A RELAÇÃO DAS CANTIGAS TROVADORESCAS COM A LITERATURA DE CORDEL .....	39
3.3.1 O Conceito e as Características da Literatura de Cordel .....	40
3.4 MODELOS NORDESTINOS E CLASSIFICAÇÃO POPULAR DA LITERATURA DE CORDEL .....	42
<b>4 O CORDEL NA SALA DE AULA</b> .....	<b>48</b>
4.1 A ESCOLA E A SALA DE AULA .....	48
4.2 CONCEPÇÕES SOBRE DOCENTE E DISCENTE .....	50
4.3 A CONTRIBUIÇÃO DO CORDEL NO PROCESSO DE ENSINO – APRENDIZAGEM .....	52
4.4 O CORDEL NO ENSINO FUNDAMENTAL .....	55
4.4.1 O Cordel e o Ensino de Língua Portuguesa .....	58
4.4.2 A Matemática na Linguagem do Cordel .....	60
4.4.3 O Cordel nas Aulas de Ciências .....	61
4.4.4 O Cordel Como Recurso Didático no Ensino de História .....	62
4.4.5 O Uso do Cordel Como Instrumento Didático nas Aulas de Geografia .....	63

<b>5 INOVAÇÃO PEDAGÓGICA E A EDUCAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE</b>	65
5.1 A Sociedade Pós-Moderna	70
5.2 A Escola e a Necessidade de Novos Paradigmas	72
5.3 A Inovação Pedagógica e a Aprendizagem significativa	73
5.4 O uso da Literatura de Cordel à luz da Inovação Pedagógica	78
5.5 O Cordel Como Meio de Construção da Aprendizagem Significativa	81
<b>PARTE II – O ESTUDO EMPÍRICO DA LITERATURA DE CORDEL NO 5º ANO DE UMA ESCOLA MUNICIPAL</b>	85
<b>6 A METODOLOGIA PARA O ENSINO</b>	86
6.1 Tipo de Estudo: Etnográfico	89
6.1.1 Problemática e Questões da Pesquisa	94
6.1.2 Objetivos da Pesquisa	95
6.1.3 Justificativa da Pesquisa	96
6.1.4 O <i>Lócus</i> da Pesquisa	97
6.1.5 Sujeitos da Pesquisa	104
6.1.5.1 Os Discentes: Caracterização	106
6.1.5.2 A Docente: Caracterização	110
6.2 TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	112
6.2.1 Observação participante	112
6.2.2 Diário Etnográfico	113
6.2.3 Entrevistas	114
6.2.4 Análise Documental	116
6.2.5 Videografia	117
<b>PARTE III – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b>	118
<b>7 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS</b>	119
7.1 ANÁLISE QUALITATIVA DOS DADOS	119
7.2 CATEGORIZAÇÃO: UMA ETAPA SUPLEMENTAR PARA A ANÁLISE DE DADOS	121
7.2.1 A Categoria Estímulo	123
7.2.2 A Categoria Ambientação	125
7.2.3 A Categoria Participação	125
7.2.4 A Categoria Relação	126
7.2.5 A Categoria Aprendizado	126
7.3 TRIANGULAÇÃO E DISCUSSÃO DAS CONCLUSÕES	127
7.3.1 Em que ações pedagógicas ocorrem o uso da Literatura de Cordel no 5º ano da Escola Antônio Artur?	128
7.3.2 Quais são as contribuições da Literatura de Cordel no 5º ano da Escola Antonio Artur?	131
7.3.3 Como atividades em que se utiliza a Literatura de Cordel podem contribuir para que haja aprendizagem significativa dos discentes?	133
7.3.4 Como a Literatura de Cordel pode se caracterizar numa estratégia de ruptura de paradigmas no 5º ano do Ensino Fundamental da Escola Antonio Artur?	138
7.4 A COMPROVAÇÃO DOS DADOS	142
<b>CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES</b>	143
<b>REFERÊNCIAS</b>	147

<b>ÍNDICE DO CONTEÚDO EM CD .....</b>	<b>165</b>
---------------------------------------	------------

### **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1: Categorias a partir de indicadores .....	122
Quadro 2: Identificações .....	123
Quadro 3 – Estímulos com o Cordel .....	123
Quadro 4- Ações Pedagógicas com o Uso da Literatura de Cordel .....	124
Quadro 5- As Contribuições da Literatura de Cordel .....	128
Quadro 6- As Atividades em que se Utiliza a Literatura de Cordel e o Processo de Aprendizagem Significativa .....	131
Quadro 7- A Literatura de Cordel Como Estratégia de Ruptura de Paradigmas .....	135

## LISTA DE FIGURAS

Figura nº 01: Barraca de Cordeis na Feira de Caruaru, a maior feira ao ar livre do mundo .....	16
Figura nº 02: O poeta popular Leandro Gomes de Barros .....	23
Figura nº 03: O poeta popular Francisco das Chagas Batista .....	24
Figura nº 04: O poeta popular Patativa do Assaré .....	25
Figura nº 05: Capa do Cordel “Nordeste- Terra de Bravos”, de autoria de Marco Haurélio .....	26
Figura nº 06: Capa do Cordel “A Literatura de Cordel em São Paulo”, de autoria de Joseph Maria Luyten .....	28
Figura nº 07: Fotos de repentistas na Feira de Caruaru .....	29
Figura nº 08: Xilogravura “Mudança de Sertanejo”, de autoria de J. Borges .....	31
Figura nº 09: Capa do Cordel “A peleja do aluno brigão com o aluno estudioso”, de autoria de Antonio Carlos de Oliveira Barreto .....	38
Figura nº 10: Symphonia da Cantiga 160, Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o Sábio- Códice do Escorial, (1221-1284) .....	39
Figura nº 11: Cordeis pendurados em barbantes .....	42
Figura nº 12: Cordeis espalhados em uma banca de feira popular .....	43
Figura nº 13: Capa do Cordel intitulado “Literatura de Cordel do Sertão à Sala de Aula”, do poeta popular Marco Haurélio .....	54
Figura nº 14: Capa do Cordel “Uma experiência de cordel na sala de aula”, de autoria de Antônio Carlos de Oliveira Barreto .....	55
Figura nº 15: Capas de cordeis direcionados ao ensino da Língua Portuguesa .....	58
Figura nº 16: Capas de cordeis direcionados ao ensino da matemática .....	61
Figura nº 17: Prédio principal da Escola Municipal Antônio Artur de Almeida Soares .....	97
Figura nº 18: Avenida principal do Bairro da Caixa D’água .....	98
Figura nº 19: Entrada da Rua Mestre Alexandre .....	98
Figura nº 20: Principal acesso ao Bairro da Caixa D’água .....	99
Figura nº 21: Prédio principal da Escola Municipal Antônio Artur .....	100
Figura nº 22: Prédio secundário da Escola Municipal Antônio Artur .....	100
Figura nº 23: Alunos do 5º ano .....	103
Figura nº 24: Sala de aula do 5º ano .....	103
Figura nº 25: Turma do 5º ano .....	105
Figura nº 26 Professora do 5º ano .....	105
Figura nº 27: Turma do 1º ano do Ensino Fundamental com a professora Bruna Aquino .....	106
Figura nº 28: Refeitório .....	106
Figura nº 29: Recreio para o Ensino Fundamental II .....	107
Figura nº 30: Alunos do 5º ano sendo acolhidos pela professora no início do horário .....	110
Figura nº 31: Professora Iolanda construindo um cordel junto aos alunos .....	111
Figura nº 32: Trecho do cordel produzido pelos alunos do 5º ano .....	137

## 1 INTRODUÇÃO

Nos sertões nordestinos os folhetos de Cordel rapidamente foram disseminados. Tempos depois foram projetados para o resto do Brasil e para o mundo através da sua capacidade de comunicar acontecimentos, posicionando-se sobre eles, constituindo-se então como um elemento intermediário entre a oralidade e a escrita, com uma linguagem particular.

Os poetas populares que escrevem a Literatura de Cordel interpretam realidades sociais com base nas informações divulgadas pela mídia e esta inspira discussões sobre as mais variadas esferas, desde modificações na educação até questões políticas e econômicas.

No folheto intitulado “Nos caminhos da educação”, o poeta Moreira de Acopiara ressalta a importância da educação e destaca em seus versos Paulo Freire, cuja proposta educativa era a de transformação social através de um ensino problematizador que torne o aluno um sujeito emancipado:

Como disse Paulo Freire,  
Um homem muito sabido:  
Educação e cultura  
Dão à vida mais sentido!  
E educar é libertar  
De uma vez o oprimido.  
(ACOPIARA, 2003, p.09)

O Cordel é considerado uma prática cultural e social que através da problematização das questões apresentadas em seus folhetos, pode colaborar para a construção do conhecimento, fazendo com que o indivíduo posicione-se em relação à sociedade.

Culturalmente falando, é reconhecida a importância do Cordel, porém este se encontra distante da realidade escolar devido ao fato de fazer parte da cultura popular e o sistema escolar valoriza apenas as culturas institucionalizadas (SOUSA, 2000) baseando-se ainda na estruturação educacional advindo da Revolução Industrial. Falamos do paradigma fabril, que associava os saberes escolares a necessidade de atender as fábricas em crescimento (TOFFLER, 1973, SOUSA & FINO, 2001).

Com a chegada da pós-modernidade, fez-se necessária uma ruptura com o modelo de sociedade industrial e a inserção de um novo paradigma educacional que atenda a sociedade do conhecimento (TOFFLER, 1973; KUHN, 1998).

Considerando a Literatura de Cordel como significativa para a educação, observamos que esta pode ser empregada como elemento gerador de conhecimento, uma vez que a sala de aula é um espaço apropriado para a produção e obtenção de saberes e os folhetos oferecem várias temáticas que podem ser abordadas em conteúdos de muitas disciplinas, oferecendo a possibilidade do educando dialogar com outras culturas.

Silva e Arcanjo (2012, p. 2) em seus estudos sobre o uso do Cordel relataram que:

[...] o trabalho com a Literatura de Cordel, no contexto escolar, é extremamente valioso, na medida em que leva para os bancos escolares temas pertinentes que estão diretamente associados à formação dos discentes e associados à coletividade [...].

O Cordel passa a ser multiciente quando este proporciona uma inter-relação com as diversidades, reconhecendo o significado destas e valorizando as identidades formadas a partir da articulação entre as diferenças de grupos sociais.

O presente estudo teve como finalidade fazer uma investigação a respeito da prática do uso da Literatura de Cordel em sala de aula vivenciada por uma professora do 5º ano do Ensino Fundamental I com seus discentes em uma escola da Rede Pública, constatando se esse contexto causa ruptura em relação a velhos paradigmas e constitui-se como Inovação Pedagógica.

A instituição escolar pesquisada foi a Escola Municipal Antônio Artur, da rede municipal do município de Pesqueira, cujos discentes pertencem a uma comunidade marginalizada e excluída pela sociedade. Os principais sujeitos investigados foram: a professora do 5º ano e seus aprendizes.

O interesse em estudar a temática surgiu quando constatamos que havia aprendizagem significativa sendo alcançada no trabalho desempenhado por determinada professora e que estes oportunizavam notoriamente o desenvolvimento dos alunos. Resultados reconhecidos pela escola, pela comunidade e pela secretaria de educação do município.

Com a permissão da gestora da escola e receptividade da docente e dos discentes em questão, estudamos durante quase todo o ano letivo de 2015 as características da prática da professora e seus respectivos reflexos nos alunos.

Diante dessa perspectiva, optamos pela pesquisa etnográfica e consideramos estudar a realidade de uma sala de aula, observando ações e atitudes da docente, descrevendo a prática adotada por ela e seus reflexos no cotidiano de um grupo de alunos.

Observamos também como se desenvolviam os alunos e para isso, fizemos coletas de dados objetivando descrever o processo de evolução deles.

O estudo foi estruturado em duas partes. A primeira contempla o enquadramento teórico e a segunda refere-se a metodologia e os resultados obtidos.

O capítulo II discute as novas configurações da Literatura de Cordel, sua ressignificação para a sociedade contemporânea e sua relação com a cultura brasileira.

No capítulo III trazemos aspectos históricos e características da Literatura de Cordel, contemplando a sua chegada às Américas, sua difusão pelo Nordeste brasileiro, sua estruturação, especificidades na língua portuguesa e importância na atualidade.

O capítulo IV aborda o cordel como um recurso interdisciplinar e apresenta reflexões didáticas e pedagógicas sobre essa ferramenta ao ser usado em sala de aula, discutindo sua capacidade em ser uma expressão cultural, suas variadas formas de linguagem e representações acerca do imaginário popular.

A Inovação Pedagógica é abordada no capítulo V trazendo discussões sobre as novas conjunturas da aprendizagem, a necessidade de uma escola que rompa paradigmas e provoque mudanças que criarão novas culturas escolares. Apresentamos então a Literatura de Cordel á luz da Inovação Pedagógica.

No capítulo VI trataremos do percurso utilizado para investigação, explicando os procedimentos tomados e como esses foram utilizados durante a análise de dados.

O capítulo VII trará descrições dos resultados obtidos, interpretando-os e analisando-os.

Temos, portanto, um estudo que evidencia a finalização da investigação, baseada em vivências e em resultados conquistados através da análise de dados.

**PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

## 2 A CULTURA BRASILEIRA E A LITERATURA DE CORDEL

Na sociedade contemporânea a cultura tem recebido novas configurações e a Literatura de Cordel é tida como uma das mais importantes representações populares do povo do sertão nordestino, ressignificando a identidade regional deste ao abordar problemáticas sociais, políticas e culturais.

O Cordel através de suas narrativas exerce grande poder de comunicação quando este representa diferentes indivíduos em diferentes espaços, considerando o contexto cultural de cada e a maneira como o mundo é interpretado através de suas vivências.

Este capítulo tem por objetivo trazer a discussão de uma Literatura de Cordel que explora espaços e relações sociais e situações do cotidiano para construir o imaginário social, considerando diversidade étnica, religiosidade e tradições, tornando-se uma expressão cultural inerente a identidade do povo brasileiro, principalmente dos nordestinos.

Organizamos perspectivas da Literatura de Cordel relacionando-a com a cultura em vários aspectos.

### 2.1 CONCEITO DE CULTURA

A essência humana possui traços culturais que foram construídos na vida social e esta é transmitida e transformada a todo instante, uma vez que culturas diferentes estão interagindo a todo o momento.

Desenvolve-se através da interação do homem com o meio em que vive e da relação que este mantém com os outros, refletindo na sua maneira de viver, produzir e expressar-se.

Encontramos em Silva e Souza (2006, p.216) a definição de Cultura como “o registro de um povo” e esta possui a intenção de representar a forma como uma comunidade pensa e age em relação aos acontecimentos do mundo. Assim, a Cultura apresenta características diversas em relação ao tempo e espaço em que esta acontece.

O pesquisador Alfredo Bosi (1992), na sua obra intitulada *Dialética da Colonização*, deixa claro que as palavras cultura, culto e colonização são

provenientes do mesmo verbo “colo” e tem como particípio passado a palavra cultus e ainda como particípio do futuro a palavra culturus.

Na Roma da Antiguidade, o verbo “colo” tinha como significado ocupar determinada terra para cultivá-la, surgindo a ideia de cultura do campo. Nesse período da História da evolução do homem, este travava uma busca incessante por formas de domínio e manipulação da natureza e tal característica é passada de geração para geração. Na mesma época, o termo cultura passou a ser associado ao cultivo da mente.

Na obra de Cevalco (2008), observamos que por volta do século XVIII, o termo cultura sofreu mudanças consideráveis e além de ser sinônimo de cultivo de plantações, passa a ser associado ao termo civilização, que se opõe a selvageria. O pensamento de Cultura civilizada difundiu-se e muitos intelectuais iluministas discutiram acerca deste:

[...] a tentativa de resgatar os valores morais, costumes e comportamentos tradicionais dos povos germânicos, na tentativa de se criar a idéia de uma cultura nacional que ajudasse na legitimação de um Estado nacional. Para isso, a idéia de civilização proposta pelos franceses em termos universais, como se fosse aplicável a todas as sociedades européias, precisava ser contestada (p.11).

Desde então o termo Cultura está presente no Renascimento, Iluminismo, acontecimentos da Idade Moderna até a Contemporaneidade, descrevendo e analisando a vida cotidiana, costumes, crenças, modos de vida e valores, desde a cultura das elites até a cultura popular.

Peter Burke (1995), historiador da Inglaterra, alega que o conceito de Cultura é indefinido, pois esta atualmente trata de questões do cotidiano desde o ato de vestir-se, andar, comer e outras ações que vão diferir de uma região para a outra no mundo.

A relação existente entre a Antropologia e a História, ressignificou o termo cultura ampla, pois este agora considera desde acontecimentos da vida cotidiana até questões econômicas e políticas.

Ao observar a Cultura em sua amplitude, percebemos que esta “é o campo simbólico e material das atividades humanas, estudadas pela etnografia, etnologia e antropologia, além da filosofia” (CHAUÍ, 1996, p.14).

Para alguns autores a discussão sobre cultura evidencia a sabedoria popular. Nas palavras de Milanese (2003) “ter cultura é ter posse do saber”. Essa ideia que a cultura está ligada a posse da sabedoria leva a uma visão da existência de pessoas que possuem cultura e outras que são excluídas do conhecimento.

Tal maneira de pensar está ligada a colonização da América e de outros lugares no mundo, quando os colonizadores deixavam claro existir uma diferença entre a elite, que era o povo que tinha cultura e o povo sem letramento, que não a possuía.

Estudos mostram que durante o século XIX a palavra cultura passa a ser utilizada por potências imperialistas como sinônimo e símbolo de dominação e exploração de outros povos.

A Cultura não se apresenta com forma única, pelo contrário, pois esta possui movimento e pluralidade, que fazem esta ter uma diversidade de expressões e integrar-se transformando seus vários tipos. Isso ocorre quando acontecem encontros entre a cultura popular, a de massas e a erudita, perdendo-se os limites e ganhando-se a dinâmica.

Nos estudos de Oliveira sobre pluralidade cultural encontramos que:

A cultura erudita ou de elite é tida como aquela produzida em ambiente acadêmico e sua transmissão dá-se, principalmente, por meio da escrita. Esta cultura é produzida e representada pela classe dominante. Já a cultura de massa, produto da indústria cultural, é transmitida pelos meios de comunicação de massa e visa a atingir um público genérico atingindo diferentes camadas socioeconômicas (OLIVEIRA, 2002, p. 29).

Para Morin (2005, p. 56) a Cultura é o “conjunto de saberes, fazeres, regras, normas, que se transmitem de geração em geração e se reproduz em cada indivíduo”. Portanto, compreendemos que toda sociedade possui sua cultura, seja esta obsoleta ou moderna, e cada uma apresenta singularidades, o que proporciona a sua diversidade.

As culturas são aparentemente fechadas em si mesmas para salvaguardar sua identidade singular. Mas na realidade, são também abertas: integram nelas não somente os saberes e técnicas, mas também idéias, costumes, indivíduos vindos de fora (MORIN, 2005, p.57).

A Cultura identifica modelos de comportamento da sociedade e permite que o indivíduo adquira sua percepção de mundo, quando este aprova, reprova ou fica

indiferente a determinados valores disseminados por um grupo. Temos quatro elementos comunitários culturais:

- O agente cultural – é o indivíduo respeitado e reconhecido na sociedade em que vive pelas suas realizações, contribuindo assim para a criação de idealismos. Exemplos: pintores, músicos, esportistas e outros.
- O propagador cultural - é o sujeito admirador da cultura que dedica parte de sua vida a propagação desta. Exemplos: os mecenas divulgam o que apreciam.
- O espectador cultural - é aquele que não cria elementos culturais e não faz a sua divulgação, porém, conhece e aprecia, estabelecendo em si sua identidade cultural. Exemplo: colecionadores de peças artesanais.
- O alienado cultural - é o indivíduo que apresenta traços de manipulação por determinadas instâncias da sociedade, dando ênfase às opressões. Exemplo: os grafiteiros que participam da cultura de rua.

Durante muito tempo, a Cultura esteve restrita ao campo de estudo das ciências sociais. Hoje, estudos na área da educação, trazem teorias de que os conflitos culturais são fenômenos que levarão os indivíduos a vivenciar ou criar novas ideologias sociais e assumirem papel de destaque na sociedade, alterando possíveis relações de poder, gerando reflexos nas estruturas políticas, econômicas e religiosas. A escola nesse caso não é secundária, pois centraliza as tensões e as experiências dos seres humanos reais (GIROUX, 1983, p. 47).

Estudos baseados no marxismo culturalista afirmam que a cultura está centralizada onde há interações entre o cotidiano e os fenômenos surgidos das experiências vividas por seres sociais.

A despeito da supervalorização das experiências vividas, o marxismo culturalista traz à tona os equívocos envolvidos na visão da cultura como mero reflexo da infra-estrutura, bem como propicia uma visão mais abrangente e profunda da esfera cultural da sociedade, na qual os indivíduos atuam em meio a práticas e a conflitivas relações de poder, produzindo, rejeitando e compartilhando significados (GIROUX, 1983, p.49).

O século XXI traz a evidência de uma possível revolução cultural (ou virada cultural), uma vez que está acontecendo uma expansão das práticas culturais, através da troca cultural ocorrida por meio da informática, onde a mídia age como

um meio propagador de ideologias e imagens significativas para a sociedade pós-contemporânea, estando presente em todas as representações da vida cotidiana.

Para Hall:

O que denominamos 'nossas identidades' poderia provavelmente ser melhor conceituado como as sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos 'viver', como se viessem de dentro, mas que, sem dúvida, são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências únicas e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais. Nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente (1997, p. 26).

Considerando que as práticas sociais são construídas a partir de significados relacionados a vivências, observamos que a Cultura é uma das dimensões sociais nascidas a partir de tais práticas, estreitando assim sua relação com a escola e tornando-a inerente, uma vez que a humanidade possui culturas diferentes dependente do contexto histórico onde esta está inserida.

No caso da educação, o sistema cultural é aquele apresentado como oficial, pois representa as relações de poder das elites políticas e econômicas, transmitindo seus paradigmas de forma esquematizada nas escolas, universidades, teorias, metodologias e publicações.

Ao discutirmos Cultura, temos que ter uma perspectiva a respeito das trocas entre etnias, pois esta nos possibilita um entendimento sobre a influência de diferentes espaços e contextos de tempo na formação de sujeitos que perante a sociedade viverão em círculos culturais divergentes. Tais trocas de conhecimentos farão com que uma comunidade se aproprie do saber da outra, havendo assim a interpenetração cultural.

A Cultura é elaborada no cotidiano, num espaço de tempo onde indivíduos interagem e relacionam-se através de práticas e interpretações de suas experiências, elaborando produções que ganham significados ou resignificados de acordo com o pensamento dos sujeitos que fazem a sociedade.

A Literatura de Cordel é um elemento cultural, pois suas rimas, versos e folhetos são construídos e reconstruídos a partir de questões de sujeitos históricos e culturais que, desejam expressar nas mais variadas formas e com certa intensidade, suas visões sobre o mundo. Possui também dimensões educativas pois configura um conjunto de saberes elaborados por um povo dia após dia.

### 2.1.1 A Cultura Popular

Por séculos a Cultura foi pensada referindo-se constantemente às melhores produções de um tempo, assim tornava-se única. A Era Moderna caracteriza esta como universal, tratando-a como uma variedade de ideologias resultante da formação de diferentes grupos sociais e como estes costumavam exteriorizar seus pensamentos.

Intelectuais da Alemanha no século XVIII definiram Cultura como um conjunto de saberes superiores ao resto da humanidade e passaram a escrever tal termo com letra inicial maiúscula para deixar claro seu grau elevado de importância para tal sociedade.

A partir de tal definição a palavra Cultura passou a ser o critério para diferenciação entre classes. Faziam parte da Alta Cultura aqueles indivíduos esclarecidos, letrados, que tinham recebido a boa educação de uma época, atingiram o nível erudito e adquiriam o poder para explorar e dominar aqueles que ocupavam a Baixa Cultura, ou seja, indivíduos discriminados pela falta de conhecimento. As classes sociais baixas passaram a ter suas culturas excluídas e marginalizadas

Os grupos sociais com níveis econômicos inferiores aos requeridos pela sociedade recebem o termo “popular” para defini-los como classes baixas, sem notoriedade.

O intelectual Ferreira Gullar define Cultura Popular da seguinte maneira:

A expressão ‘cultura popular’ surge como uma denúncia dos conceitos culturais em voga que buscam esconder o seu caráter de classe. Quando se fala em cultura popular acentua-se a necessidade de pôr a cultura a serviço do povo, isto é, dos interesses efetivos do país (GULLAR, 1965, p. 11).

A Constituição Brasileira, promulgada no dia 05 de outubro de 1988, traz no seu Artigo 215, Inciso 1º, o seguinte: “O estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional”.

Observamos que a Constituição Cidadã institucionaliza os grupos sociais com histórico de exclusão perante a sociedade brasileira, remetendo-os a

incapacidade da concepção de um material cultural superior, pois no Brasil índios e negros são discriminados com grande frequência nas mais diversas regiões.

Definindo a Cultura Popular de uma maneira mais ampla, temos um conjunto de obras feitas pelo povo para ser consumida por este, pois recebe a apreciação de multidões, sendo avaliada por muitos estudiosos como uma maneira de resistência aos interesses das elites capitalistas.

Para o sociólogo francês Pierre Bourdieu, a sociedade está condicionada a uma questão de gosto determinado pela origem social do indivíduo e este reflete os interesses de um grupo.

A observação científica mostra que as necessidades culturais são o produto da educação: a pesquisa estabelece que todas as práticas culturais (frequência dos museus, concertos, exposições, leituras, etc.) e as preferências em matéria de literatura, pintura ou música, estão estreitamente associadas ao nível de instrução (avaliado pelo diploma escolar ou pelo número de anos de estudo) e, secundariamente, à origem social (BOURDIEU, 2007, p. 9).

A Cultura Popular passa a ser constatada como o reflexo da necessidade das camadas menos favorecidas sobreviverem mergulhados dentro da ideologia preconceituosa de que estes não são capazes de criarem culturas racionais, ao contrario da elite, onde suas criações culturais não estão interligadas a sua sobrevivência.

A Revolução Industrial contribuiu para a ideia de que existe no mundo uma Cultura Hegemônica, mesclando manifestações populares aos eruditos, criando a Cultura de Massa. Esta está presente nos meios comerciais e nos seus respectivos produtos.

A Cultura tem a intenção de modelar determinado o indivíduo em relação ao meio em que este vive e em relação a diversidade de relações que ele mantém. Por esse motivo, a Cultura Popular em certas ocasiões encontra-se com a Cultura de Massa e com a Cultura de Elite interagindo, comunicando-se de forma permanente e provando seu dinamismo e seu poder de transformação.

À própria cultura popular e ao povo cabe reinventar, recriar e ressignificar o seu saber e o seu saber-fazer. Revelar a todos que seu universo vai além da conservação, preservação ou resgate, tampouco pré-moderna e atrasada (NEPOMUCENO, 2005, p. 31).

A Cultura popular é aquela que se move e mantém-se indefinida nas suas formas, devido o seu caráter não oficial, tendo modo próprio de produção e meios de circulação variados e relaciona-se com outras culturas, inclusive as dominantes constantemente, caracterizando-se como contestadoras e provocativas, uma vez que não permitem a manipulação da imposição cultural. Para Cuche;

As culturas populares revelam-se, na análise, nem inteiramente dependentes, nem inteiramente autônomas, nem pura imitação, nem pura criação. Por isso, elas confirmam que toda cultura particular é uma reunião de elementos originais e importados, de invenções próprias e de empréstimos (CUCHE, 1999, p.149).

Por ser um elemento que vem do povo, a Cultura Popular envolve sentidos de valores, ideais, conceitos de homogeneização e várias disputas teóricas. Simbolicamente é autônoma, expressa as diferenças e constrói identidades. É um instrumento com propósito de enfatizar as diferenças do cotidiano, ou na área da educação, analisa as múltiplas faces da sala de aula.

O conhecimento da Cultura Popular envolve um sistema não oficial de manifestações espontâneas, que são construídas e reconstruídas dia após dia por uma comunidade diversificada e de caráter heterogêneo. Um sistema composto por símbolos criados por um povo para facilitar a organização do pensamento destes, em relação a suas verdades e sua identidade.

No contexto de manifestações populares a cultura popular passa a ser entendida como um fenômeno complexo que intervém na realidade, tornando-se elemento para a subsistência humana como uma necessidade para seu desenvolvimento e evolução.

Nos dias atuais, vemos a cultura popular ser evidenciada na sua totalidade como uma busca e resgate das tradições, uma vez que a modernidade tecnológica influencia as relações humanas, porém são as manifestações do povo que constroem a identidade de um país. Seja na oralidade nos ricos rituais, os saberes do povo oprimido guardam uma história dinâmica de uma determinada nação.

Para Simon e Giroux (1994) a cultura popular é um espaço pedagógico, pois considera as vivências e o entendimento de mundo do aluno. A relação também é política uma vez que oferece oportunidades para repensar os paradigmas

educacionais. “Situada no terreno do cotidiano, a cultura popular quando valorizada e legitimada no currículo escolar é, em consequência disso, apropriada pelos alunos e ajuda a validar suas vozes e experiências” (p.96).

O ser humano possui a tendência de identificar-se como um sujeito pertencente a um determinado grupo a partir dos elementos culturais. As expressões culturais determinadas por um grupo de indivíduos passam a ter valor quando a sociedade dá a estas um sentido ou múltiplos sentidos, pois compreender a relação da cultura popular com o desenvolvimento do homem é perceber que esta é a responsável pela identidade de um grupo sociocultural.

Ao se tentar ordenar sentidos do termo cultura popular, precisam-se considerar elementos como a ideologia, a linguagem e o simbólico, pois fazem parte de uma metáfora de luta e de combate que são estruturantes das relações sociais (SILVA, 1983, p.8).

Analisar a Cultura Popular é perceber sua importância dentro do contexto de desenvolvimento humano, tentando discutir os diversos comportamentos apresentados pelos variados grupos sociais, através de seus múltiplos entendimentos de vida e seus diferentes olhares sobre os fatos históricos da sua formação, permitindo que a memória e a oralidade ganhem interpretações e significados que possam servir de espaço para que os sujeitos expressem seus olhares de satisfação e angústia.

A Literatura de Cordel contribui, enquanto uma forma de literatura popular, para que a cultura e a arte continuem dialogando e sendo reconhecidas como identificação cultural de um grupo.

### **2.1.2 Cultura Popular Brasileira**

No Brasil dos últimos anos do século XIX, a ideia de Cultura Popular passou a ser explorada por historiadores, antropólogos, sociólogos, folcloristas, artistas e pensadores da educação como um viés para a formação da identidade cultural do país.

Muitos tentaram justificá-la como retrógrada, obsoleta, não condizente com o mundo moderno da época. Outros a relacionavam com o ideal de elemento singular, que elevaria o pensamento sobre o Brasil da miscigenação.

Já no século XX, a expressão Cultura Popular ganhou a perspectiva da identidade nacional e para as classes oprimidas tornou-se uma forma de resistência e de interação com a criticidade.

Estudos culturais brasileiros propõem que a cultura popular de um determinado país nos leva a compreender as transformações socioculturais de um povo e todas as suas expressões de coletividade determinadas por suas experiências. Segundo Arroyo (1994, p. 16) “o ser humano é cultural; constrói-se como tal no seu processo de formação e humanização. Sermos sujeitos culturais não é algo acidental à nossa condição humana”.

A Cultura Popular Brasileira é dotada de símbolos e sentimentos do seu povo. Suas criações estão na arte, folclore, músicas, brincadeiras, escritas e outros meios que possam expressar as tristezas e alegrias dos seus criadores, permitindo a nossa compreensão acerca dos problemas sociais. Por tais motivos, deve estar presente na escola, pois esta é um dos espaços para a vivência dos saberes populares, transmissão das tradições e preservação da identidade étnica de um povo.

Renato Ortiz, pesquisador da Cultura Popular Brasileira, ao aprofundar seus estudos sobre a identidade nacional brasileira, observou fatores políticos e culturais que influenciaram a sociedade brasileira, como por exemplo, a relação entre brancos europeus e negros escravos. A cultura africana e suas contribuições para a cultura brasileira foram negadas por muito tempo pelos intelectuais do país que consideravam importante apenas o modelo idealizado pelos europeus.

No ano de 1922, em São Paulo, a elite intelectual da época realizou um evento chamado de Semana de Arte Moderna, que trouxe um movimento cuja ideologia era misturar as etnias e desconsiderar os conflitos, construindo assim uma nova imagem para o Brasil. O objetivo maior era resgatar a Cultura Popular Brasileira na sua totalidade, resgatando sons, temas e cores legítimas do país, absorvendo o negro, o índio, o homem do campo, o operário e a diversidade do folclore.

Os artistas que participaram desse movimento resolveram utilizar nas suas obras apenas elementos populares do Brasil, com ideias modernas que vão transformar a identidade cultural do país. Participaram da Semana: Oswald de

Andrade, Mário de Andrade, Plínio Salgado, Menotti Del Pichia, Heitor Villa-Lobos, Di Cavalcanti e Tarsila do Amaral.

Durante a década de 1960, também no século XX, outro movimento a favor da Cultura Popular Brasileira surge sendo chamado de Tropicalismo, resgatando a ideia de que as manifestações culturais brasileiras libertavam o povo em relação aos conceitos políticos e padrões sociais. Um dos artistas envolvidos, Helio Oiticica, abordou a cultura popular brasileira de forma erudita, explorando personagens populares das favelas, fazendo interface destes com a elite. Teve uma de suas exposições proibidas e como justificativa recebida, documentos deixavam claro que as classes dominantes sentiam-se incomodadas com as percepções do artista. Conforme Marilena Chaui (2006):

[...] A prática e o discurso dominantes, como se sabe, estão encarregados de criar em todos os membros da sociedade o sentimento de que fazem parte dela da mesma maneira, e que a contradição não existe, ou melhor, a contradição deve aparecer como simples diversidade ou como diferentes maneiras, igualmente legítimas, de participar da mesma sociedade (p.52).

Desde então, o Brasil tem sido reconhecido não apenas pela sua extensão territorial, mas também pela diversidade étnica, suas relações e contribuições para a nação. Conforme ALCOFORADO (1999), o universo da Cultura Popular Brasileira pode ser dividido da seguinte maneira:

- I. Poesia Popular e Literatura- quadrinhas, galope à beira mar, cantoria, contos populares, romanceiros, literatura de cordel, canções, poesias populares, maracatu rural e cocos.
- II. Expressão Corporal Popular- frevo, calundu, batuques, folguedos, e outras danças populares como o cortejo.
- III. Música- cantigas, toadas, sambas, baião, frevo e outras.

Observamos que o Brasil do século XX em relação às questões culturais passou por momentos de busca e distinção. A figura indígena passou a ser valorizada, os temas populares começaram a ser tratados com mais naturalidade no dia-a-dia, e o negro apareceu no cenário social, desde o campo literário até as artes plásticas. O país tornou-se independente cultural da Europa e suas mudanças econômicas e políticas propiciaram tal emancipação. A proposta de romper com o

academismo europeu foi consolidada e a cultura popular brasileira foi apropriada pela nação.

## 2.2 LITERATURA DE CORDEL E CULTURA POPULAR

A Literatura de Cordel apresenta-se no Brasil como um grande exemplo de expressão da Cultura Popular, devido ao dinamismo com que este aborda os mais diversos temas e sua criticidade ao olhar para a Cultura de Massa e produzir folhetos utilizando seus elementos. Expressa o entendimento da realidade de muitos, não aparecendo como um trabalho individual e sim como um produto realizado através da convivência humana que relata e explica as perspectivas de uma época ou a ideia sobre determinados acontecimentos.

O Cordel está vinculado a contextos históricos e sociais, sendo influenciado pelas transformações do tempo, tornando-se então um fenômeno coletivo que produz conhecimento sobre determinadas comunidades e torna-se uma produção cultural.



Figura nº 01: Barraca de Cordeis na Feira de Caruaru, a maior feira ao ar livre do mundo.

Na região Nordeste do Brasil, o Cordel é considerado como uma manifestação histórica e cultural, que expõe hábitos, vivências, tradições e histórias de um povo, que usa uma linguagem própria para abordar seus temas de folhetos. Conforme Linhares (2006, p. 5) “A literatura de cordel consiste numa poesia de caráter popular, que originalmente era realizada apenas oralmente. Cantados em

feiras ou em sítios tinham o texto parado para aguçar a curiosidade dos ouvintes e compradores – estratégia de marketing”.

Os folhetos de Cordel, nessa perspectiva são o retrato da realidade nordestina, discutindo desde a cultura local, costumes religiosos, pensamentos políticos, opiniões econômicas, o flagelo causado pela seca, fatos miseráveis, a fome se alastrando em determinadas comunidades e a esperança trazida pelo amor.

O nordestino na crença de que o divino trará melhorias em sua vida, transforma seus desejos em versos de Cordel, para que outros sertanejos possam entendê-lo e compartilhar a mesma realidade. Nos escritos de Assaré (2007, p.27) “Em um contexto de miséria e analfabetismo largamente propagado, em outros termos, em meio á ausência de estruturas educativas de base, o poeta popular desempenha um papel importante no despertar da consciência cívica e política”.

Ao longo dos anos a Literatura de Cordel tornou-se presente em diferentes setores culturais estreitando as relações sociais e culturais, principalmente quando este é dinâmico ao comunicar.

Sendo o Cordel um produto da sociedade, este no âmbito da Cultura Popular registra e concebe interpretações, baseadas na realidade dos seus sujeitos, através de linguagem própria e adaptada às percepções, estando presente de forma múltipla quando discute e apresenta informações e opiniões sobre política, religião, sociedade, economia e educação. Para Curran:

O cordel como crônica poética e história popular, é a narração em verso do ‘poeta do povo’, no seu meio, o ‘jornal do povo’. Trata-se de crônica popular que expressa a cosmovisão das massas de origem nordestina e as raízes do Nordeste na linguagem do povo (CURRAN, 2001, p.20).

O autor acima mencionado define o Cordel como elemento fértil para a cultura popular, dando ênfase a seus poetas que intermediam a oralidade à escrita, construindo assim uma representação do pensamento do povo.

O Cordel no universo da Cultura Popular Brasileira é um construtor de interações entre os saberes populares vivenciados na coletividade ou individualmente, estando em uma fronteira de ilusões com o erudito.

## 2.3 SOCIEDADE, HISTÓRIA E CULTURA

A sociedade pode ser entendida como uma organização humana cheia de complexos e variações. Na verdade, as diferentes relações e os diferentes modos de entender a vida e o mundo nos trazem a perspectiva de diversas sociedades. Hábitos, valores e costumes estão intrínsecos ao caráter humano, sendo perpetuados e transmitidos de geração para geração através dos seguintes elementos: relação interpessoal, materialismo, linguagens, estética, folclore, rituais religiosos e alimentação.

Todo indivíduo adquire características racionais do ser humano por meio de um contexto social e cultural, construindo então a sua identidade de acordo com o ambiente em que vive, sendo influenciado pelas pessoas que fazem parte do mesmo contexto.

Estudos do sociólogo Gerhard Lenski mostram que a dimensão cultural é fundamental para o desenvolvimento humano, uma vez que parte do comportamento é aprendida através do outro, beneficiando o indivíduo para que este se identifique como membro de uma comunidade, gerando uma relação de reciprocidade.

Se comparamos os humanos, do ponto de vista físico, com outros antropóides, as diferenças são menores do que as que separam esses antropóides dos outros animais. Do ponto de vista comportamental, entretanto, ocorre o oposto. O ser humano ultrapassou um ponto crítico no processo de evolução com apenas pequena mudança genética, abrindo o caminho para um extraordinário avanço comportamental (LENSKI, 1970, p.12).

Toda sociedade possui um sistema de relações entre indivíduos. Na Pré-História as comunidades eram pequenas e preocupavam-se com a caça, pesca e a sobrevivência da espécie. Na Antiguidade, elas tornaram-se gigantes e o ideal de civilização foi estruturado a partir de estruturas culturais, portanto todo conhecimento a respeito da humanidade está relacionado com a cultura e suas formas de cooperar e se comunicar.

A Sociologia ao estudar as práticas sociais observa o papel da cultura, quando esta de maneira estruturada consolida o desenvolvimento, através de seus paradigmas dando significados ao funcionamento das comunidades humanas.

O ser humano necessita ter acesso a cultura para desenvolver-se plenamente criando percepções sobre o mundo em que vive, libertando suas ideias e criações, reivindicando seus direitos civis, políticos e sociais, transformando e renovando grupos. A cultura educa a sociedade.

### **2.3.1 Identidade Cultural**

O sujeito identifica-se com um determinado grupo quando este sente que compartilha das mesmas marcas culturais, que somam-se a diversas expressões, pois a sociedade em seus processos de desenvolvimento constrói sentidos para as suas experiências, gerando a Identidade.

Durante o século XIX, um grupo de intelectuais passa a estudar as características da cultura popular e do folclore brasileiro com a finalidade de construir uma identidade cultural para o país.

A ideologia pregada na época mostrava o Brasil como um Estado Nacional, onde seus indivíduos teriam o sentimento nacionalista como indício de pertencimento a um determinado território, assim, naturalmente o povo reconheceria suas expressões culturais. Nessa época, a realidade brasileira já é composta pela miscigenação ou diversidade étnica e pelo caráter do subdesenvolvimento.

Sobre a miscigenação brasileira, esta será entendida como o cruzamento entre o colonizador branco europeu, o índio nativo do país e o negro africano associado à escravidão, surgindo então o indivíduo mestiço.

O mestiço, enquanto produto do cruzamento entre raças desiguais, encerra, para os autores da época os defeitos e taras transmitidos pela herança biológica. A apatia, a imprevidência, o desequilíbrio moral, e intelectual, a inconsistência, seriam dessa forma qualidades naturais do elemento brasileiro (ORTIZ, 1994, p. 21).

Negros e índios passam a ser uma característica negativa brasileira, mesmo a miscigenação sendo considerado um caráter importante, estes eram vistos como o atraso do país, que negava a importância cultural de tais sujeitos, insistindo apenas nas atividades intelectuais da elite e na chegada da indústria, como fatores essenciais para a formação de uma identidade. Anos depois, foi criado o mito da

democracia racial, como uma tentativa de esconder determinados preconceitos e ideologias de exclusão. Conforme Hall:

As identidades nacionais são formadas e transformadas no interior da representação. Assim como a literatura de cordel, que chega ao Brasil como literatura colonial e se transforma em trincheira da resistência cultural do nordeste brasileiro e posteriormente passa a fazer parte da identidade nacional (2006, p. 48).

Na década de 1930 do século XX, o então presidente da República Federativa do Brasil, o senhor Getúlio Vargas, trouxe em seu governo a ideia de produzir o perfil de um legítimo brasileiro que suprisse a necessidade capitalista do momento. O período chamou-se Estado Novo e trouxe dois vértices da população brasileira: a espontaneidade no jeito de levar a vida e a urgência de uma educação formal, uma vez que, boa parte da população era analfabeta.

Intelectuais da época, como Mário de Andrade<sup>1</sup>, foram contratados para pesquisar e planejar um resgate das tradições brasileiras, pois o país precisava parecer integrado a uma identidade nacional.

As identidades nacionais não são nem genéticas nem hereditárias, ao contrário, são formadas e transformadas no interior de uma representação. Uma nação é, nesse processo formador de uma identidade, uma comunidade simbólica em um sistema de representação cultural (MIRANDA, 2000, p.3).

Gilberto Freyre<sup>2</sup>, com sua obra *Casa Grande e Senzala*, contribuiu para a transformação das categorias culturais que através da história, sociologia e antropologia, passaram a integrar a realidade nacional brasileira, percebida como autêntica e em constante transformação.

Durante o Regime Militar (1964-1985) a insatisfação brasileira em relação a maneira como era governado cresceu e tornou-se emergente a criação de símbolos

---

<sup>1</sup> Mário Raul de Moraes Andrade (1893-1945) foi escritor, poeta, folclorista, musicólogo e crítico literário. Foi pioneiro na literatura moderna do Brasil e dedicou-se a estudar a cultura do país, fazendo muitas viagens pelo interior, registrando fatos e curiosidades.

<sup>2</sup> Gilberto de Mello Freyre (1900-1987) foi historiador, antropólogo e sociólogo. Trabalhou como escritor, jornalista e dedicou-se a pintura.

nacionais que propiciassem ao regime ditatorial a implantação da ideia de um país forte culturalmente e desenvolvido industrialmente. Expressa Ortiz que:

A indústria cultural adquire, portanto, a possibilidade de equacionar uma identidade nacional, mas reinterpretando-a em termos mercadológicos; a ideia de 'nação integrada' passa a representar a interligação dos consumidores potenciais espalhados pelo território nacional (1994, p. 165).

Através da televisão e do cinema, seriam processadas a defesa de uma identidade cultural legitimamente brasileira verdadeiramente com sentido popular.

## 2.4 O CORDEL E A ORALIDADE

A Literatura de Cordel ganha destaque na sociedade nordestina devido ao seu caráter popular originado da oralidade, que o perpetuou por várias regiões e difundiu determinada cultura.

Na Península Ibérica, a oralidade já era apreciada durante a Idade Média como uma maneira do povo expressar seus sentimentos em relação à vida, em suas narrativas sobre guerra, amor e grandes feitos dos cavaleiros.

Aqueles que dominavam a arte da escrita registravam em papéis seus versos e sentimentos. Porém poucos tinham esse domínio, cabia então a cultura da oralidade passar determinados conhecimentos de geração para geração e por tal motivo, era vista com inferioridade pelas camadas elitistas.

Se admitíssemos, como querem muitos, que a literatura é um fenômeno que só se realiza em plenitude na modalidade escrita, estaríamos excluindo as tradições orais medievais de comunidades européias, cuja produção literária era a expressão de indivíduos iletrados que numericamente predominavam naquela época (ALCOFORADO, 1999, p. 110).

O Cordel percorreu séculos e distâncias e enquanto fenômeno cultural consegue transformar um indivíduo analfabeto, sem conhecimento da escrita e da sua estrutura, em um sujeito apto a discutir conflitos sociais, sendo referência como fonte de informação para determinadas comunidades.

A oralidade de um povo concentra-se nas suas experiências de vida e nos seus conhecimentos sobre esta, representando a tradição da coletividade. A cantoria do cordel, bem como a literatura oral, exerce funções de entretenimento, diversão, informação, enunciação de uma moral coletiva, homogeneização do grupo social e

da comunidade para um público de pequenos camponeses analfabetos (VASSALO, 1993, p. 76).

## 2.5 OS POETAS DO POVO

Quando fazemos estudos culturais observamos que o homem e a cultura estão interligados de uma maneira intrínseca e que o fenômeno da Identidade Cultural acontece quando este sente que pertence a um determinado grupo que partilha dos mesmos problemas sociais, apesar de terem diferenças históricas.

Por tais motivos citados acima, vemos que as expressões artísticas e culturais populares estão marcadas por significados surgidos de memórias, que através da oralidade, são escritas e ganhando sentidos e interpretações através das mãos dos artesãos do verso popular.

Os poetas do povo deparam-se com épocas, acontecimentos, questões tensas para a sociedade, que constroem e desconstroem o pensamento do ser humano.

O Cordel é o espaço que muitos poetas encontram para expressar nas mais diferentes formas, suas visões sobre contextos do mundo e conflitos ocorridos dentro da sociedade.

O cordelista possui um novo olhar e cria novos conceitos sobre a sociedade e suas relações com o mundo, problematizando, explicando, compreendendo fenômenos e relatando teorias, através de uma metodologia própria, ligada a identidade de um povo ou de um lugar.

O Cordel é rico em elementos ideológicos, linguísticos e simbólicos, que fazem parte da construção de mundo de um determinado grupo, que movimenta suas teorias através de construções próprias da sua cultura.

Uma prática cultural e crítica genuína, que tenha como objetivo a produção de um trabalho político-intelectual orgânico, que não tente inscrever-se numa metanarrativa englobante de conhecimentos acabados, dentro de instituições (HALL, 2003, p. 216-217).

No Brasil há muitos cordelistas que merecem destaque, pois através de seus textos, construíram representações de uma determinada cultura. São eles: Delarme Monteiro, Manoel D'Almeida Filho, Severino Borges da Silva, Manoel Pereira

Sobrinho, Minelvino Francisco Silva, Aderaldo Luciano, José Pacheco, Caetano Cosme da Silva, Manoel Monteiro, Arievaldo Viana e muitos outros.

O autor de um cordel descreve em detalhes as marcas de um espaço, de uma classe, de um acontecimento, de uma contestação ou de uma afirmação cultural.

Vejamos a trajetória de alguns poetas do povo:

- Leandro Gomes de Barros (1865-1918)- Nascido no sítio Melancia, município de Pombal, na Paraíba. É chamado de “pai da Literatura de Cordel”, pois explorou e deu forma a todos os gêneros e temas. Migrou aos 15 (quinze) anos para a região de Teixeira ainda na Paraíba, considerada um dos berços da poesia popular no Nordeste, e depois precisou se mudar para Pernambuco. Lá morou em Vitória, Jaboatão e Recife, onde veio a falecer.



Figura nº 02: O poeta popular Leandro Gomes de Barros

Escreveu, publicou e distribuiu sua produção de folhetos. Teve milhões de seus cordeis vendidos e muitos são reeditados até hoje, sendo o autor com maior número de leitores. Entre as obras mais famosas estão: O cachorro dos mortos, Os sofrimentos de Alzira, Juvenal e o dragão, A força do amor, Peleja de Manoel Riachão com o Diabo, História da donzela Teodora e O boi misterioso. Abaixo, trecho do Cordel intitulado História do boi misterioso:

Leitor, vou narrar um fato  
De um boi da antiguidade,  
Como não se viu mais outro

Até a atualidade.  
 Aparecendo hoje um desse,  
 Será grande novidade  
 (BARROS, Apud HAURÉLIO, 2010, p. 49).

- Francisco das Chagas Batista (1895-1930)- Fundou a Popular Editora na Paraíba e nessa época, consolidou-se como um grande poeta popular, publicando Cantadores e Poetas Populares, obra fundamental para o entendimento do Cordel, porém não se sabe o número extado de folhetos produzidos por ele.



Figura nº 03: O poeta popular Francisco das Chagas Batista

Fundou a Popular Editora na Paraíba e nessa época, consolidou-se como um grande poeta popular, publicando Cantadores e Poetas Populares, obra fundamental para o entendimento do Cordel, porém não se sabe o número extado de folhetos produzidos por ele.

Abaixo, trecho do folheto cujo título é A História de Dimas, o bom ladrão:

Trato da biografia  
 De Dimas, o bom ladrão  
 De se fazer assassino  
 Qual a sua precisão  
 Como morreu e salvou-se  
 Teve de Deus o perdão.  
 (BATISTA, Apud HAURÉLIO, 2010, p. 52).

- Antônio Gonçalves da Silva, conhecido como Patativa do Assaré (1909-2002)- Veio de uma família de agricultores, marcada pela fome e castigos da seca, ainda criança, perdeu a visão do olho direito, trabalhando no campo. Foi alfabetizado em uma escola da área rural apenas aos doze anos, escrevendo pequenos versos nessa época.

Sua primeira obra de reconhecimento nacional foi um livro chamado “Inspiração Nordestina”. Faleceu no ano de 2002, na cidade que nasceu. Segue, trecho do folheto:

Boa noite, gente rica  
De sabaença e inducação,  
Peço que descurpe os erro  
Desta minha falação.  
Não conheço português,  
Apois eu por minha vez  
Nunca mexi com papé,  
Mas vou falar na language,  
Entenda lá quem pude!  
(ASSARÉ, Patativa do. 2003, p. 123).



Figura nº 04: O poeta popular Patativa do Assaré

Os cordelistas, chamados de poetas do povo ou populares constoem imagens do tipo humano que eles representam, evocando os valores do sertanejo, defendendo sua cultura.

## 2.6 A RELAÇÃO DO CORDEL COM O NORDESTE E COM AS OUTRAS REGIÕES BRASILEIRAS

A região Nordeste é resultante da construção social da mistura de povos, que deixaram marcas importantes, inclusive os discursos que representa esta. Culturalmente falando, é uma região rica em potencialidades, porém só lembrada pela seca, fome e pobreza, estereótipo criado para definir esse lugar e seu povo.

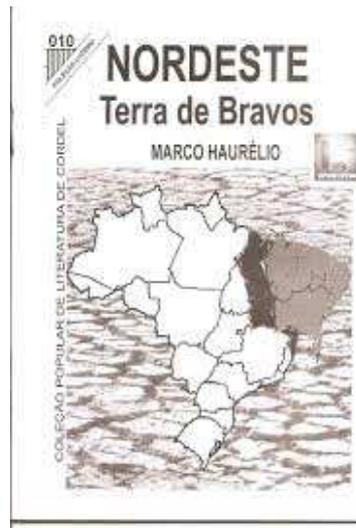


Figura nº 05: Capa do Cordel “Nordeste- Terra de Bravos”, de autoria de Marco Haurélio

O Sertão nordestino é a sub-região mais representada nos folhetos, pois o seu clima semiárido, caracteriza-a com períodos longos de estiagem e seca. A maioria dos rios tem cursos temporários e a vegetação predominante é a caatinga, formada por plantas xerófilas, que armazenam água em suas raízes.

As relações de interesse no Nordeste estão ligadas à política e ao poder, exercido e dominando por um determinado grupo elitista e explorador chamado de Industriários da Seca, que fazem uso da situação para desviar recursos públicos. Por esse motivo, percebemos que os nordestinos apresentam produções culturais que tentam resistir a esse domínio, mostrando suas habilidades de criar, improvisar, inventar nas situações adversas.

Tudo conduziu para o Nordeste se tornar o ambiente ideal em que surgiria forte, atraente, vasta a literatura de cordel. Em primeiro lugar, as condições étnicas: o encontro do português e do africano ali se fez de maneira estável, contínua, não esporadicamente. Houve tempo suficiente para a fusão ou absorção de influências (DIEGUES JÚNIOR, 1986, p. 39).

O Cordel no Nordeste foi moldado pelos poetas populares, que deram a este um contexto particular, tornando-o um veículo de comunicação que retrata a realidade, as pessoas comuns e suas necessidades, os valores de um povo com uma identidade própria.

No início do século XX, houve uma grande migração de nordestinos para o Sudeste do Brasil, devido a questões econômicas. As imagens do sertão, a memória dos sabores, as tradições, a cultura nordestina também migrou nos sonhos destes emigrantes. Conforme Hall (2008, p. 52) “A migração e os deslocamentos dos povos têm constituído mais a regra que a exceção, produzindo sociedades étnicas ou culturalmente mistas”.

Milhares de Nordestinos foram viver no Rio de Janeiro e em São Paulo, e muitos eram autores de Cordel, que trataram de continuar expressando sua forte cultura, transmitindo-a de maneira oral ou através dos folhetos.

No Sudeste formou-se uma sociedade multicultural, ou seja, os nordestinos passaram a se encontrar de maneira organizada em eventos para ressaltar suas crenças e tradições, convivendo também com a cultura regional, como foi no Rio de Janeiro, a criação da famosa feira de São Cristóvão, ponto de apresentação de cordelistas e repentistas.

A trajetória do migrante é marcada pela reelaboração de seus referenciais identificatórios – traços socioculturais com os quais os sujeitos se identificam e a partir dos quais se fazem reconhecidos como membros de um grupo – e, portanto, envolve o questionamento de valores e de imagens de si e do outro (SOBRAL, 1993, p. 19).

Os poetas populares trataram de dar novos significados a questão da migração, tratando com saudosismo a ideia de partida e chegada a um novo destino brasileiro.

A primeira tipografia paulista a publicar os folhetos foi a Tipografia Souza, dirigida pelo imigrante português José Pinto de Souza (1881-1950), inaugurada em 1912. Desta tipografia, surgiu a editora Prelúdio, dirigida pelo filho de José Pinto, Arlindo Pinto, que em 1952, publicaria os folhetos com capa em policromia e tamanho maior que o nordestino (13,5 x 18).

Começava então o período áureo da Literatura de Cordel no Sudeste, através de poetas como Antônio Teodoro dos Santos, Manoel Pereira Sobrinho e Minelvino Francisco Silva.

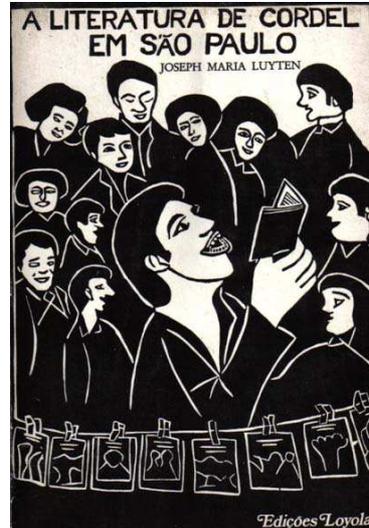


Figura nº 06: Capa do Cordel “A Literatura de Cordel em São Paulo”, de autoria de Joseph Maria Luyten

## 2.7 O CORDEL, O REPENTE E AS XILOGRAVURAS

O Repente é originário da tradição dos trovadores ibéricos da Era Medieval, zelando pela tradição de viajar de uma região para a outra, com uma viola pronta para ser tocada e versos aptos a serem recitados.

No Brasil, as trocas surgiram em vários lugares e ganharam variações. Em Minas Gerais é chamada de Calango, no estado de São Paulo é o famoso Cururu, no Rio de Janeiro é encontrado no interior como Samba de Roda e no Nordeste transformou-se no Repente, um desafio de versos improvisados entre cantadores, onde não importa o tom da voz e sim a habilidade em criar um discurso organizado em sextilhas.

O repente é caracterizado pelo improviso, onde geralmente os cantadores possuem o domínio da linguagem poética e das mais diversas modalidades de cantoria criadas ao longo dos tempos.

O repentista não é a mesma coisa que cordelista, e vice-versa. Porém um repentista pode se tornar cordelista, tendo o domínio da técnica e a habilidade com a cantoria.



Figura nº 07: Fotos de repentistas na Feira de Caruaru

O Cordel não é a versão escrita do repente, assim como o repente não é o cordel cantado. Ambos são considerados manifestações irmãs que se desenvolveram no Nordeste brasileiro e que com o passar do tempo, deixam enfatizadas as suas diferenças.

Segundo historiadores paraibanos, foi na região de Teixeira, que surgiram os primeiros cantadores de repente, como o escravo Inácio da Catingueira, que era analfabeto, porém um brilhante improvisador de versos. Foi o cordelista Leandro Gomes de Barros que resolveu registrar em folhetos os versos cantados por tal escravo, aproveitando a oralidade.

Muitos poetas transitaram pelo repente e pelo cordel. São eles: José Galdino da Silva Duda, José Melchíades Ferreira da Silva, Severino Milanês da Silva e Manoel D'Almeida Filho.

Foi criada atualmente a União dos Cordelistas, Repentistas e Apologistas do Nordeste (UCRAN), para aqueles poetas que transitam com naturalidade pelos dois gêneros.

Os antigos folhetos da Literatura de Cordel eram ilustrados com efeitos visuais fotográficos chamados de vinhetas. Durante a década de 30 do século XX, tornou-se comum nas capas dos cordeis fotos de personalidades do cinema e imagens dos cangaceiros, como Lampião, ou ainda retratos de políticos e religiosos como o Padre Cícero do Juazeiro.

Na década de 40, do mesmo século citado acima, surgiu uma técnica de ilustração, que através da utilização de ferramentas (canivete, faca, tesoura, estilete, adaga), entalham a madeira, chamada de Xilogravura. Tal expressão passa a refletir ideologias nordestinas através de símbolos visuais.

A Xilogravura passa então a ser a arte de gravar uma determinada imagem na madeira. Provavelmente originou-se na China por volta do século VI e ficou conhecida nas iluminuras e nas ilustrações de baralhos, difundindo-se pelo mundo.

Os chineses praticavam a xilografia há mais de um milênio. Empregaram-na inicialmente para imprimir orações budistas e, depois, cartas de baralho e papel moeda. Ainda no Oriente, os japoneses utilizaram a xilogravura já no ano 770, para estampar talismãs. Foi com o emprego da xilografia que os chineses produziram os primeiros livros impressos pelo homem (COSTELLA, 2003, p. 10).

Na Europa, a Xilogravura foi utilizada para estampar tecidos e mais tarde, passou a imprimir em papéis imagens da arte sacra.

Quando chegou ao Brasil, essa técnica foi muito utilizada para a confecção de rótulos de garrafas de cachaças, mas só ganhou notoriedade através do Cordel, onde foi disseminada. Não existe um lugar ou uma data comprovada para a chegada do Cordel. Há relatos de viajantes que viram algumas tribos usando tal técnica.

Mais de duas dezenas de tribos indígenas, comprovadamente, utilizaram-se desta técnica, destacando-se, pela destreza artesanal e pela variedade de modelos, os canelas, os apinajés e os xavantes. Algumas matrizes indígenas não passam de 'carimbos naturais', como, por exemplo, o fruto do babaçu, apenas cortada ao meio ou a taquara, usada de topo para imprimir uma circunferência. Outras, porém são matrizes laboriosamente entalhadas em madeiras ou em talos vegetais (COSTELLA, 2003, p. 50)

A arte da Xilogravura é uma herança do imaginário popular nordestino, pois este ilustra a crítica social, a opinião política e a divulgação dos acontecimentos cotidianos, ganhando também importância educativa. Sua função é a de ser reproduzida várias vezes, como se fosse um carimbo.



Figura nº 08: Xilogravura “Mudança de Sertanejo”, de autoria de J. Borges

Segundos estudos de Franklin, a Xilogravura foi utilizada em um folheto de Cordel no ano de 1907, na região Nordeste, em um folheto de Francisco Chagas Batista.

Na página interna onde era impressa a xilogravura, não havia título e nenhum tipo de apresentação, apenas a legenda pura e simples com o nome de Antonio Silvino. Um homem vestido com chapéu de couro, com bacamarte na mão e espada na cintura, mais perecido com o estilo europeu (FRANKLIN, 2007, p. 15).

Por volta do ano de 1960, do século XX, a Xilogravura passou a ser reconhecida como um tipo da gravura elementar a cultura popular brasileira. Entre os nomes mais importantes nessa arte estão: Antônio de Araújo Lucena, Dila, Enéas, J. Barros, J. Borges, Marcelo Soares e Zênio. O xilogravador J. Borges é conhecido internacionalmente.

## 2.8 CULTURA E EDUCAÇÃO

A Literatura de Cordel é uma dos mais importantes elementos da cultura popular brasileira, mantendo viva a sua principal função que é a de difundir o

conhecimento, tendo então caráter educativo. Por muito tempo, seus folhetos de aventura, mistério, guerra e outros tentaram suprir a falta de livros na região nordeste entre os séculos XVIII E XX.

O Cordel hoje tem reconhecimento nacional e também internacional, pois este destaca o conhecimento de mundo de um povo, a questão do compromisso social de uma comunidade, as denúncias do homem sertanejo, as contestações do nordestino e a expressão cultural de diversos grupos. Os folhetos aproximam o imaginário dos autores e leitores, estabelecendo relações de cumplicidade.

Um folheto de Cordel pode ser considerado uma obra de arte, quando este traz em seus versos e estrofes uma unidade de saberes própria da sua cultura e da sua região, refletindo o estado em que a alma do poeta do povo se encontra, considerando a sua sensibilidade em sentir o imaginário de uma comunidade em relação às emoções humanas: paixão, traição, desejo de liberdade, amor, ódio e outros.

Através da Literatura, o Cordel adquire expressão enquanto gênero textual, sendo construído através de versos que usam específica sonoridade e segue um determinado ritmo para empregar as palavras que apresentarão conotação.

O Cordel associa-se à cultura quando este, através da cultura do povo, expressa a identidade de um determinado grupo, considerando os símbolos e a materialidade das atividades do ser humano.

A educação na pós-contemporaneidade é considerada o meio mais eficaz para incitar a consciência cultural de um sujeito, iniciando pela apreciação deste da cultura do meio em que ele vive, lembrando que a formação da identidade cultural acaba sendo um processo dinâmico, que se torna rico ao manter contato com a cultura de outros povos e de outros lugares.

É através da arte que a sociedade representa seus valores, modo de vida, tradições e crenças, usando linguagens que possam dar sentido a suas representações. Por isso, só entendemos plenamente um povo quando conhecemos a cultura deste.

Quando a arte passa a ser inserida no mundo da educação, esta passa a favorecer o crescimento do indivíduo em relação à intersecção dos experimentos, decodificação de informações e formação de novos conhecimentos.

A formação do homem através da educação necessita de pilares que segundo Kant, seriam cuidado, disciplina e instrução. Nos seus estudos sobre educação, observamos que o homem deve:

- 1) Ser disciplinado. Disciplinar quer dizer: procurar impedir que a animalidade prejudique o caráter humano, tanto no indivíduo como na sociedade. Portanto, a disciplina consiste em domar a selvageria.
- 2) Tornar-se culto. A cultura abrange a instrução e vários conhecimentos. A cultura é a criação da habilidade e essa é a posse de uma capacidade condizente com todos os fins que almejemos [...] (KANT, 1996, p. 26-27).

Kant deixa claro que a educação escolarizada terá eficiência na construção de novas gerações que buscarão identidades sociais através da cultura.

Muitos estudiosos da Sociologia, como Sousa Santos, apontam há tempos à necessidade de uma orientação elaborada através da multiculturalidade nas escolas, com o objetivo de dinamizar as igualdades e as diferenças, observando que a relação que existe entre cultura e escola é essencial a todo o processo de formação educativa, pois não existe uma experiência pedagógica sem a presença de algum elemento cultural.

A escola está instituída através de relações culturais quando esta propõe oferecer as futuras gerações significados construídos ao longo da história da humanidade. Conforme Sacristán:

A educação contribuiu consideravelmente para fundamentar e para manter a ideia de progresso como processo de marcha ascendente na História; assim, ajudou a sustentar a esperança em alguns indivíduos, em uma sociedade, em um mundo e em um porvir melhores (2001, p. 21).

O mundo contemporâneo exige que a escola proponha o diálogo entre as mais diversas culturas e para isso, começa a exigir um olhar diferenciado sobre os espaços de socialização e a interação destes com a pluralidade cultural.

Cabe aos educadores terem a perspectiva cultural e o reconhecimento de que esta atua a serviço da formação de uma sociedade mais democrática, que reconheça que existem diferenças, mas trabalhe para a construção da igualdade.

### **3 ASPECTOS HISTÓRICOS E CARACTERÍSTICAS DA LITERATURA DE CORDEL**

A Literatura de Cordel nas últimas décadas contrariou previsões pessimistas e continua sendo produzida em larga escala, principalmente no Nordeste do Brasil, onde tal produção poética resiste sendo impressa e comercializada com frequência.

O cenário atual apresenta leitores e estudiosos, muitos do meio acadêmico, interessados em produções culturais genuínas que tragam inúmeras discussões sobre o imaginário social e buscam a sabedoria popular e a arte contidas nos folhetos de Cordel, cujo reflexo são as manifestações do povo brasileiro, sejam estas políticas ou sociais, marcadas pela sensibilidade articulada pela oralidade.

Este capítulo tem por objetivo discutir o Cordel através de uma visão histórica, discorrendo sobre a sua estrutura, suas especificidades e sua importância na contemporaneidade.

Organizamos um panorama da Literatura de Cordel, desde a sua chegada às Américas até a atualidade.

#### **3.1 CONCEITO DE LITERATURA**

A Literatura pode ser significada como uma arte cujo meio de expressão é a palavra utilizada para que possamos ter contato com as vivências de um sujeito e possamos identificar as várias marcas deixadas no momento em que o texto literário foi escrito.

Também é considerada como um instrumento utilizado para que haja comunicação, transmitindo conhecimentos e permitindo que a cultura de uma comunidade seja difundida, considerando que cada palavra utilizada pode ter significados distintos trazendo toda a complexidade existente em uma língua, e como esta pode estar sujeita a inúmeras transformações históricas e sociais, cabe ao leitor buscar compreender o que as palavras presentes em uma obra literária significam realmente, considerando seus aspectos ambíguos, o emprego de metáforas ou ainda as várias conotações possíveis.

Candido em seus estudos caracteriza a Literatura da seguinte maneira:

A literatura pode formar; mas formar não segundo a pedagogia oficial, que costuma vê-la pedagogicamente como um veículo da tríade famosa – o Verdadeiro, o Bom, o Belo, definidos, conforme os interesses dos grupos dominantes, para reforço da sua concepção de vida. Longe de ser um apêndice de instrução moral e cívica, ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela, - com altos e baixos, luzes e sombras (CANDIDO, 1972, p.805).

As obras literárias nos auxiliam na compreensão sobre as características individuais de cada sujeito social e sobre as mudanças ocorridas em relação a postura e comportamento dos homens com o passar do tempo.

Em prosa ou em verso, a Literatura é composta por princípios pautados em teorias e práticas que requerem a habilidade de escrever de forma artística, estando então associada a uma questão de estética com a finalidade de produzir um determinado efeito no leitor, produzindo ou criando certos personagens e cenas da vida, imitando-a ou refletindo-a, consistindo então em apresentar temas convenientes as mais variadas experiências do ser humano.

São características de um texto literário a ficcionalidade, a função estética, a plurissignificação e a subjetividade.

Para que o fenômeno literário seja compreendido, as obras foram divididas por convenção em escolas literárias, devido ao fato de que toda obra apresenta características e conteúdos de uma determinada época.

### 3.2 O SURGIMENTO DE UMA LITERATURA POPULAR

Entre os séculos XI e XIII surgiu uma literatura popular com expressão laica que se opunha á cultura empreendida pela Igreja. Estava limitada as propriedades feudais, onde a população movimentava-se apenas nos tempos em que havia guerra ou nos períodos de peregrinação.

Na Europa da Idade Média houve deslocação de muitas pessoas durante as cruzadas ou por motivo de peregrinação para a Santa Sé em Roma, a Terra Santa em Jerusalém e Santiago de Compostela na Espanha. Era comum nesses lugares com forte expressão populacional a presença de andarilhos que também eram poetas.

Houve deslocamento de grandes aglomerados humanos no século XVI com as grandes navegações que almejavam chegar ao novo mundo. Muitos se reuniam na região de Provença na França antes de atravessar o mar. Havia também pessoas reunidas na Lombardia, região italiana e na Galícia, território da península Ibérica, que ao se prepararem para as longas viagens, aguardavam os poetas andarilhos que tinham a função de narrar determinados acontecimentos e cantar poemas mediados pelos feitos dos navegadores.

Segundo Diegues Júnior (1973) a literatura popular era produzida por menestréis e trovadores que divulgavam a cultura de regiões específicas, que versavam sobre a vida dos monarcas, histórias de cavalheiros e notícias dos santos e milagres por eles realizados. Durante as cruzadas os europeus tiveram contato com a cultura árabe e os poemas ganharam versos mais ricos.

Tais poemas populares passaram a ser impressos em livros bem pequenos por volta de 1450, quando houve o surgimento da imprensa. Com papel de péssima qualidade, conseguiam preço acessível a uma população de baixa renda.

Na França, a cidade de Troyes ficou famosa em 1483, por publicar folhetos e '*almanacs*' populares ou literatura de '*Colportage*', vendidos por ambulantes, principalmente nas aldeias camponesas. Além da produção francesa, essa literatura também foi encontrada na Inglaterra, '*chap-book*', as baladas, na Espanha, o '*pliego sueltos*'; em Portugal, a *Literatura de Cordel* (BENJAMIN, 1980. p 170).

Durante o século XVI, os europeus na busca pela expansão marítima exigida pelas práticas mercantilistas, utilizaram inovações perante a tecnologia e novos conhecimentos científicos. O continente americano foi conquistado e colonizado para atender a política pregada pelo Estado Moderno, que tinha a pretensão de conquistar novos mercados para alimentar seus interesses econômicos.

Portugueses e espanhóis marcaram a América, através da dominação econômica, política e imposição de traços culturais. Através deles, a Literatura de Cordel chegava ao Novo Mundo com as funções de informar e sociabilizar.

### **3.2.1 A Literatura Popular nas Américas e a sua chegada ao Brasil**

As colônias receberam heranças culturais não apenas com a literatura popular, mas com festas, músicas e danças, que se difundiram e misturaram-se com

os elementos culturais das etnias africanas e diversidade indígena, ganhando assim novas temáticas.

Na América do Norte há registros nos chap-books ingleses (livretos de literatura popular) de lendas e contos que, eram transmitidos oralmente em algumas regiões do Canadá e dos Estados Unidos. No México havia os famosos corridos, poemas impressos em folhas avulsas.

Em alguns países da América Central como Porto Rico, a poesia popular produzida assemelha-se à Literatura de Cordel brasileira. Já na América Andina, a literatura popular confunde-se com a maneira como é difundida a cultura indígena local.

Em alguns países da América do Sul, a maneira como a literatura popular apresenta-se, faz com que esta apresente importantes funções sociais. Como exemplo Venezuela, Colômbia e Chile, onde esta é chamada de poesia criolla. “Na Argentina e Uruguai, as *payadas*, uma espécie de repente, que apresentam traços da poesia popular do sul brasileiro, têm a produção oral maior do que a escrita, cuja reprodução ainda acontece nessa região”. (LUYTEN, 1984, p. 23).

Como já foi observado, durante o século XVI, os desafios, os romances e as cantigas da literatura popular foram disseminados na América, inclusive no Brasil através dos europeus. Conforme estudos de Diegues Júnior (1973) “A presença da literatura de cordel no Nordeste tem raízes lusitanas; veio a nós com o romanceiro peninsular, e possivelmente começam esses romances a ser divulgados, entre nós, já no século XVI trazidos pelos colonos em suas bagagens”.

O Cordel tornou-se uma manifestação comum na colônia portuguesa, principalmente na região Nordeste, onde se tornou meio de comunicação de um povo marcado pela miscigenação e ao mesmo tempo discriminação, uma vez que o modelo hierárquico da sociedade era pautado pela família patriarcal, branca, que vivia nos engenhos de açúcar ou nas fazendas de gado, submetendo os negros vindos da África a escravidão e dominando terras indígenas.

A comunicação com as áreas urbanas demorava dias, o que favoreceu a propagação de manifestações através da oralidade e o surgimento de repentistas que cantavam através do improviso.

O Cordel prolifera-se como uma manifestação escrita, tratando dos mais variados assuntos: histórias de amor, santos, milagres, conflitos de cangaceiros contra coronéis e atualidades. Segundo Amaral:

A literatura popular escrita é consumida pelo povo que não sabe ler direito, mas que tem carência de comunicação e sente necessidade de se manter informado do que está acontecendo não somente no seu mundo municipal ou nacional ou internacional (1976, p. 12).

O autor referido acima verificou nos seus estudos sobre o folclore que nos interiores nordestinos, havia os indivíduos que liam os folhetos para grandes rodas de pessoas e este tinha a missão e preocupação de informar os acontecimentos com riqueza de detalhes e veracidade.

Quando um jovem era alfabetizado, este já sabia que teria que ler os folhetos nos alpendres das fazendas ou nos círculos que se formavam nas bodegas, para um público atento e interessado em debater o assunto, repudiando-o ou defendendo-o.

A Literatura de Cordel transformou-se também no lazer de uma população não alfabetizada, que ficava entretida com os “causos” e as anedotas apresentadas nos folhetos.

Lidos à luz dos fífós fumacentos nos alpendres das fazendas, nas bodegas ou nas casas onde alguém está freqüentando a escola rural, mais próxima, após um longo dia de trabalho, os folhetos desde que surgiram na região constituíam também o lazer dos que viviam divorciados do progresso e da tecnologia (SOUTO MAIOR, 1981. p. 89).



Figura nº 09: Capa do Cordel “A peleja do aluno brigão com o aluno estudioso”, de autoria de Antonio Carlos de Oliveira Barreto

### 3.3 A RELAÇÃO DAS CANTIGAS TROVADORESICAS COM A LITERATURA DE CORDEL

Considera-se o Cordel um tipo de poesia popular derivado das cantigas trovadorescas, caracterizadas pela presença de rimas com o intuito de levar o público a compreender o assunto discutido, apresentado durante muito tempo na oralidade. Tempos depois, com as transformações trazidas pelo Humanismo, poesia e música separaram-se.

Através das narrativas orais, cantorias e contos, apareceram os primeiros folhetos apresentando métrica, rima e ritmo como elementos marcantes.

Segundo os estudos de Pau Zumthor (1997, p. 23), “Ninguém sonharia em negar a importância do papel que desempenharam na história da humanidade as tradições orais. As civilizações arcaicas e muitas culturas das margens ainda hoje se mantêm, graças a elas”.

O Trovadorismo, que também é chamado de Primeira Época Medieval, é considerado como o primeiro movimento literário da língua portuguesa. Surgiu em Portugal, por volta do século XII, no ano de 1198, época em que o país estava se tornando uma nação independente, com a Cantiga da Ribeirinha de Paio Soares de Taveirós e terminou no ano de 1418, quando o Senhor Fernão Lopes foi nomeado Guarda-mor da Torre do Tombo, tornando-se então o conservador do arquivo do Reino português.



Figura nº 10: Symphonia da Cantiga 160, Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o Sábio- Códice do Escorial, (1221-1284)

Os textos produzidos nesse período foram idealizados para serem cantados ao som do alaúde, flauta ou viola, acompanhados pelas vozes dos trovadores, cuja origem geralmente era da classe nobre e tinham a aptidão de compôr poesias e melodias.

O movimento foi marcado por influências étnicas e culturais: germânica, árabe e francesa. A influência francesa ocorreu devido a proximidade geográfica. Já as influências árabe e germânica foram resultantes das diversas invasões que ocorreram na Península Ibérica.

A poesia é o melhor que oferece a Literatura portuguesa, dividida entre o apelo metafísico, que significa a vivência e a expressão de problemas fundamentais e perenes (a existência ou não de Deus, o ser e o não ser, a condição humana, os valores do espírito, etc) [...] (MOISÉS, 1974, p.18).

Os menestres, artistas da corte ou ambulantes, também cantavam poemas em verso, acompanhados de instrumentos para agradar seus senhores.

A apresentação das cantigas trovadorescas era apenas na forma do canto e eram transmitidas oralmente. Com o passar do tempo foram manuscritas e depois organizadas e publicadas em pequenas coletâneas chamadas de Cancioneiros.

Há três Cancioneiros de extrema importância para a Literatura Portuguesa:

- Cancioneiro de Ajuda - possivelmente compilado na corte portuguesa no século XIII, composto por 310 (trezentas e dez) cantigas, a maioria de amor;
- Cancioneiro da Biblioteca Nacional - compilado no século XV, composto por 1.647 (um mil, seiscentos e quarenta e sete) cantigas.
- Cancioneiro da Vaticana - possivelmente compilado na Itália, no século XV, composto por 1.205 (um mil, duzentos e cinco) cantigas com temas variados.

### **3.3.1 O Conceito e as Características da Literatura de Cordel**

A Literatura de Cordel chamada no Brasil de Cordel ou Folheto é um gênero literário considerado popular por ser escrito através de rimas e ter suas origens na oralidade de uma comunidade e só depois ser impresso. Tradicionalmente é exposto para venda pendurado em cordas ou barbantes, por isso a origem do nome cordel.

No Nordeste brasileiro os folhetos têm as capas ilustradas com xilogravuras e sua estrutura de estrofes é composta geralmente por dez (10), oito (8) ou ainda seis (06) versos elaborados pelos poetas populares chamados de cordelistas, que fazem suas leituras ou declamações acompanhadas do som de uma viola para divulgar suas obras e conquistar compradores nas feiras, livrarias ou apresentações culturais.

Os folhetos possuem temas variados sendo eles fatos do dia a dia, lendas, fatos históricos, crenças religiosas, mistérios e outros. São produzidos nos estados da Paraíba, Ceará, Rio Grande do Norte e Pernambuco, onde atingem elevado número de exemplares distribuídos, colaborando com o incentivo a leitura.

O Cordel devido a sua espontaneidade é considerado uma das manifestações culturais brasileiras mais sensíveis às questões sociais, uma vez que traz em seus versos críticas e reflexões de camadas tratadas como inferiores.

No Nordeste este gênero possui grande vitalidade por ser um mantenedor da tradição popular e contribuir para a formação da identidade regional, além de opinar sobre assuntos importantes para os sujeitos sociais, passando a ter valor educativo.

O Cordel no Brasil tornou-se um instrumento de difusão do pensamento coletivo, possuindo o caráter de constituir fonte histórica ao recolher, registrar e interpretar os fatos ocorridos no Nordeste, lugar com peculiaridades regionais e com uma formação social pautada nas desigualdades e conflitos. Tal tradição popular também é utilizada como forma de expressão da memória popular.

Estudos apontam que no ano de 1830, a poesia popular do Nordeste, também chamada de folheto de feira ou apenas folheto, floresceu e multiplicou-se por outras regiões do Brasil. Através das pelepas ou desafios, ou ainda dos debates entre os repentistas, encontramos os seguintes ciclos:

- a) O Ciclo Heroico: apresenta obras trágicas e épicas, sobre a época do banditismo no Nordeste brasileiro;
- b) O Ciclo Histórico: folhetos sobre a figura ilustre do Ceará, o Padre Cícero;
- c) O Ciclo Maravilhoso: os folhetos contam histórias sobre seres sobrenaturais e acontecimentos ocorridos em um mundo cheio de magias;
- d) O Ciclo Circunstancial: poesias sobre política ou fatos ocorridos recentes;
- e) Outros Ciclos: religioso, de amor, de moralidade, de fidelidade, cômico e satíricos.



Figura nº 11: Cordeis pendurados em barbantes

## 2.4 MODELOS NORDESTINOS E CLASSIFICAÇÃO POPULAR DA LITERATURA DE CORDEL

Os poetas populares costumam representar nas suas produções a variação das paisagens nordestinas seguindo três modelos bem específicos:

- 1- Literatura de Cordel da área rural: os folhetos são mais antigos e falam sobre a realidade do homem que vive no campo. O cordelista da área rural apresenta-se como conservador, possuindo aversão às mudanças que chegam as comunidades;
- 2- Literatura de Cordel da área urbana: os poetas são inovadores devido ao contato com as mídias. Escrevem bastante sobre as mudanças sociais e culturais; e
- 3- Literatura de Cordel das metrópoles: folhetos escritos pelos poetas nordestinos que precisaram se mudar para o Rio de Janeiro ou São Paulo, adaptaram-se as novas realidades e escrevem sobre os ideais de um homem da capital que saudosamente lembra-se do seu Nordeste.

O folheto do Cordel recebe várias denominações: livro, obra, livro de Ataíde, livrinho de feira, estória do meu padrinho, romance ou até mesmo folheto, depende da região em que este é encontrado.

A classificação popular da Literatura de Cordel segue alguns critérios de acordo com o número de páginas que possuem. Chama-se Folheto o trabalho que tem de 8 ( oito) ou 16 ( dezesseis) páginas. Os Romances são os que têm 24 (vinte e quatro), 32 (trinta e dois), 48 (quarenta e oito) e 64 (sessenta e quatro) páginas.



Figura nº 12: Cordeis espalhados em uma banca de feira popular

1- Folhetos de Conselhos – São folhetos que trazem conselhos dos pais aos filhos, dos poetas à juventude, aos casais em crise e as mulheres que traem seus maridos. Um dos folhetos mais famosos e representativos deste gênero é o cordel escrito por Manoel Camilo dos Santos, intitulado “Conselhos aos solteiros”:

De acordo aos meus estudos  
 Aconselho a mocidade,  
 Nestes versos de gracejos  
 Onde contêm a verdade,  
 São igualmente um espelho  
 E quem tomar meu conselho  
 Não cai em fatalidade  
 (SANTOS, Apud MARANHÃO, 2013, p. 28).

2- Folhetos de Santidade - São folhetos que trazem versos sobre a vida do criador, dos santos, dos aparecimentos da Virgem Maria, dos milagres e mensagens reveladas através do espiritismo. O poeta João Ferreira de Lima, no seu folheto intitulado “Os milagres ou curas de Madame Jael” no Recife diz o seguinte:

Inspirai-me musa santa,  
 Um gênio sábio e fiel;  
 Eu descrever os mistérios,  
 Que faz Madame Jael,  
 Protegida pelo braço  
 De nosso Deus de Israel.  
 (LIMA, Apud MARANHÃO, 2013, p. 40).

3- Folhetos de Corrupção - São poesias populares que falam no envolvimento da humanidade com a questão da corrupção, citando desde o desrespeito ao período do luto até a idade em que os jovens iniciam seus primeiros relacionamentos. O poeta José de Lima escreveu os seguintes versos:

Faz 10 anos que viajo  
 Do sul a norte e sertão  
 No estado de Alagoas  
 Lá foi que vi confusão  
 Meninas com doze anos  
 Na vala da perdição.  
 (LIMA, Apud MARANHÃO, 2013, p. 47).

4- Folhetos de Profecias - São poemas populares em que seus versos fazem previsões de acontecimentos futuros. Na Literatura de Cordel, o poeta ao declamar seu folheto numa roda de cantoria do interior do Nordeste, põe o chapéu na mão, olha para o céu e pede a todos que escutam, atenção a suas profecias. A respeito desse tema, encontramos em José da Costa Leite “A vaca misteriosa que falou profetizando”.

Reside em Minas Gerais  
 A viúva Dona Noca  
 Possui uma bela vaca  
 Que é chamada Maroca  
 Gorda, possante e nutrida  
 E é até parecida  
 Com a vaca de “Moroca”.  
 (LEITE, Apud MARANHÃO, 2013, p. 56).

5- Folhetos de Fenômenos - São os folhetos que falam sobre o que acontece com os pecadores. Pertence a esse gênero a poesia popular chamada de “O fenômeno dos fenômenos: o Rio São Francisco secando, de José Soares:

Deus palavra sacro santa  
 Dos dons espirituais  
 Reflexo de luz divina  
 Que ilumina os mortais  
 Bálsamo sagrado dos anjos  
 Relíquia de amor e paz  
 (SOARES, Apud MARANHÃO, 2013, p. 80).

6- Folhetos de Pelejas - Nesses escritos, os cordelistas provocam disputas com outros poetas populares. Nas feiras do interior nordestino, é uma paisagem clássica dois cantadores sentados, dedilhando a viola em um desafio. Vejamos a peleja de João Ferreira de Lima com Lino Pedra Azul:

O trovador ou poeta  
 Que exerça a profissão  
 Tenha cuidado na vida  
 Quenado ele pensa que não  
 A sorte vem de regresso  
 Ele rima ou canta verso  
 Ou perde o nome de então.  
 (LIMA, Apud MARANHÃO, 2013, p. 89).

7- Folhetos de Bravuras - Tais folhetos contam com 16 (dezesesseis) páginas e falam sobre figuras do sertão nordestino que com uso da valentia, abrigavam os grupos de cangaceiros, identificados como os justiceiros de uma época em que os coroneis dominavam as regiões nordestinas. O poeta Antônio Batista Romão, através do folheto “A morte de Carneiro e a vitória de arranca Vêú” que:

No estado do Piauí  
 Morava um rico afamado  
 Protetor de cangaceiros  
 Homem valente e malvado  
 Dos homens daquele tempo  
 Ele era o mais respeitado.  
 (ROMÃO, Apud MARANHÃO, 2013, p. 89).

8- Folhetos de ABC - São folhetos mais simples, com apenas oito (8) páginas, compostos em quadras, sextilhas, décimas ou estrofes de sete (7) versos, que discorrem sobre a vida de figuras ilustres para o sertão, ou descrevem amores, mulheres, perdições da vida ou opiniões preconceituosas apresentadas por alguns nordestinos. Assim nos mostra os versos do poeta Enoque Pinheiro Neto, em “ABC dos Negros”:

Prezado leitor amigo  
 Vou agora descrever  
 Em regra de sete linhas  
 A forma de um ABC  
 Sobre algumas criaturas  
 De qualidade escura  
 Para melhor se entender;  
 (NETO, Apud MARANHÃO, 2013, p. 98).

9- Folhetos de Política - São os folhetos em que os cordelistas revelam o desencanto de um povo com as falsas promessas feitas pelos políticos nordestinos. Vejamos os versos do poeta Delarme Monteiro da Silva com sua obra “A vitória de cheiroso, o bode vereador”:

Com esse aperto de vida  
 O povo que nada pode  
 Pra se esquecer da fome  
 Leva tudo no pagode  
 Agora, na eleição  
 Nas urnas de Jaboatão  
 O povo votou num bode.  
 (SILVA, Apud MARANHÃO, 2013, p. 98).

10- Folhetos de Propaganda – São folhetos que divulgam crenças, ideias, religiões, partidos políticos ou produtos característicos do Nordeste. Também são publicações didáticas como o cordel “A fera invisível” de José Costa Leite:

Chama-se tuberculose  
 A ‘fera’ devoradora  
 Que aplica em nossa gente  
 Sua força esmagadora  
 Fazendo a população  
 Ser tão triste e sofredora.  
 (LEITE, Apud MARANHÃO, 2013, p. 141).

11- Folhetos de Romances – Tais folhetos descrevem ações e sentimentos. São divididos em quatro classes: de amor, de sofrimentos, de lutas e de reinos encantados. João Lucas Evangelhista no seu folheto chamado “Amor fingido” inicia seu texto da seguinte maneira:

... Dentro do circo do mundo  
 Um grande drama se estreia  
 Eu, como historiador,  
 Vou narrar para a plateia  
 Amor fingido ou a vida

Devassa, da jovem Cléia...  
(EVANGELHISTA, Apud MARANHÃO, 2013, p. 146).

Os folhetos de Cordel reproduzem tradições e memórias em suas métricas e rimas, através das mais variadas narrativas. Para o estudioso da Idade Média Paul Zumthor, “o cordel preserva na palavra escrita, a sonoridade e a gestualidade”.

## 4 O CORDEL NA SALA DE AULA

A utilização do Cordel como recurso interdisciplinar é uma proposta inovadora que incentiva reflexões didáticas e pedagógicas sobre os temas abordados nos folhetos e a maneira como estes são utilizados de forma positiva na construção do processo de ensino-aprendizagem, contribuindo para que o conhecimento se torne efetivo e possa ser relacionado com as particularidades regionais, aproximando os mais diferentes ramos da ciência dos saberes populares.

O Cordel torna-se uma ferramenta educativa quando este destaca as funções socioculturais nos folhetos, articulando o saber do povo, as manifestações exercidas pelas novas gerações que constroem novos significados ao edificar suas identidades, conhecendo aspectos históricos do lugar em que vivem, entendendo as diferentes realidades e as peculiaridades do povo.

Este capítulo tem por objetivo discutir a Literatura de Cordel no espaço escolar como um recurso pedagógico rico em expressão cultural, capaz de debater sobre cidadania, discriminação, consciência ambiental, ética, questões políticas e sociais, e diversos temas científicos.

Organizamos tal capítulo de maneira que o Cordel seja entendido como um elemento capaz de integrar várias formas de linguagem e representações do imaginário essenciais a formação discente, possibilitando a estes uma compreensão mais crítica da sociedade, resultando em uma forma de convívio mais qualificada e atuante na sociedade do século XXI.

### 4.1 A ESCOLA E A SALA DE AULA

A palavra escola é derivada do termo em latim schola, que nomeia o estabelecimento onde acontece o ensino e a aprendizagem, dispendo de professores e alunos.

Podemos também definir escola como um espaço físico, formado por pessoas com culturas diversas, tendo como objetivo práticas educacionais que possam interferir e influenciar determinados sujeitos e suas práticas enquanto cidadãos.

A História mostra a escola sendo usada como um meio de propagar ideologias e determinar a cultura dominante, porém, sabe-se que é no seu interior que os mais variados tipos de cultura são difundidos.

O espaço escolar também é propício a socialização, ou seja, neste acontece o processo de sociabilidade, onde o indivíduo encontra-se com o outro e consigo mesmo, produzindo seus saberes, relacionando-se com verdades, entendendo a racionalidade, e tratando o conhecimento com objetividade.

Seja uma instituição de funcionamento público ou privado, a escola deve oportunizar aos discentes situações de aprendizagem que sigam critérios, tenham embasamento e propiciem evolução e desenvolvimento intelectual, relacionado aos processos históricos, culturais, políticos, econômicos e científicos. Portanto, a escola torna-se essencial para a formação dos sujeitos e da sociedade.

Sendo então uma instituição articulada a realidade de uma determinada comunidade, precisa atualizar-se e preparar os sujeitos sociais para um mundo que ganha novas configurações diariamente, aprontando-se para receber a pluralidade cultural e a variedade de conceitos sobre valores.

A escola tem uma representação social distinta, pois propicia o estabelecimento de relações de interação entre pessoas distintas, ocasionando trocas de afetividade que transformarão os sujeitos em formação.

Na atualidade, a escola enfrenta o desafio de apropriar-se das mudanças sociais e interagir com variadas formas de entender o mundo, questionar verdades e lidar com novos saberes, cumprindo a sua missão de socialização e formação de um cidadão pleno, que use seu conhecimento de maneira consciente e ativa.

A escola contemporânea compreende que precisa renovar o seu espaço, ofertando caminhos para o diálogo, considerando as formas de vida apresentadas por seus alunos e seus respectivos saberes e repensar padrões éticos e morais, sua responsabilidade dentro da sociedade e sua capacidade de desenvolver habilidades e competências e maneira integrada e plena.

A sala de aula além de ser um espaço físico instituído dentro de uma escola, ocupado por aprendizes é um lugar com contexto social e construções históricas, constituídas através do tempo, com possibilidades de partilha e fundamentos específicos.

É um cenário de encontro entre docente e discente, parametrado em ensino, aprendizagem, recursos didáticos, metodologias, estratégias, avaliações, cobranças, motivações e uma compreensão profunda do ser humano.

Exigências e desafios do mundo pós-moderno ressignificam a sala de aula, ocupando-a com discursos sobre interatividade, uma vez que, é no seu interior que haverá a troca entre professor/aluno e vice e versa, que estabelecerão uma relação de construção de conhecimento.

A linguagem torna-se um dos elementos fundamentais, pois através desta, ocorrerá a socioconstrução e o discente perceberá o sentido da vida, organizando sua mente e consciência. Nos olhares de Vygotsky e Bakhtin, o aluno passou a ser entendido como um sujeito ativo ao construir seus saberes, ganhando assim, maior importância dentro da sala de aula, espaço onde este fará a sua história dia após dia, tomando decisões, aprendendo a fazer escolhas, expondo suas ideias, fazendo uso de uma forma de aprender que não é unilateral.

Os movimentos ocorridos dentro de uma sala de aula devem estar pautados em dúvidas, pois a partir delas haverá rompimentos e construções, tornando a sala de aula um espaço propício para a investigação e busca de informações que concretizem o saber, sendo então um ambiente propício para que novos sentidos e significados sejam produzidos.

## 4.2 O PAPEL DO DOCENTE E DO DISCENTE

O docente ou professor é o indivíduo responsável por desempenhar a prática formal educativa, modelando elementos, estruturando-os para que estes ao serem dispostos na aula cumpram o objetivo de educar, com técnicas, métodos, formas de avaliar, requerendo do profissional qualificação tanto pedagógica quanto científica para que a ação educativa seja plena.

Ao relacionar-se com os alunos, necessita promover a confiança e a destreza, para que seus métodos sejam afirmados como possibilidades de aprendizagem, pois sua grande missão é desenvolver as funções e as características cognitivas, psicológicas, culturais e sociais do indivíduo, ajudando este de maneira ordenada e planejada. Nos seus estudos, Vygotsky (2010) deduziu que a educação estava interligada a nutrição de possibilidades de relacionamento, ou seja, a criação de elos entre professor e aluno.

Como mediador do conhecimento, o docente necessita ter propriedade sobre o que vai ensinar, como vai ensinar e através de que instrumentos avaliará o aprendizado, porém, não pode esquecer para quem vai ensinar, um ser real, concreto, pelo qual desenvolverá a responsabilidade e assumirá o compromisso de situá-lo dentro de um contexto social e cultural.

Como profissional, o docente necessita da constante reflexão sobre seus saberes e suas práticas, sendo motivado a rever suas estratégias. Em outros tempos, uma visão tradicional da função do professor, caracterizava-o como mão de obra especializada em conhecimentos de determinada disciplina. Nos dias atuais, este não pode atuar apenas como um repetidor de conteúdos, mas sim como um gerador de saberes, a partir de discursos científicos pautados no objetivo de levar ao discente reflexões múltiplas, interagindo constantemente com os elementos que formatarão o processo de ensino-aprendizagem, percebendo estes como agentes ativos na construção do saber. Conforme afirma Tardif:

Se assumirmos o postulado de que os professores são atores competentes, sujeitos ativos, deveremos admitir que a prática deles não é somente um espaço de aplicação de saberes provenientes da teoria, mas um espaço de produção de saberes específicos oriundos dessa mesma prática (TARDIF, 2002, p. 234).

Um professor consciente de suas atribuições entende o ambiente escolar como um desafio diário, pois sua função dispõe de grande responsabilidade quanto à sociedade, assumindo na maioria das vezes um trabalho em condições precárias de infraestrutura, dificuldades para manter relações interpessoais e desmotivação em relação a sua profissão, em relação à sociedade. Antunes corrobora que:

O educador, em qualquer instância ou representação de ensino formal, representa um ser humano ímpar em subjetividades, inter-relações e construções de saberes. Sempre em desenvolvimento, compõe em si valores, hábitos, concepções e ações educativas que o identificam como tal (ANTUNES, 2007, p. 38).

O papel do discente nos dias atuais está interligado às transformações históricas pelas quais a sociedade passou. A escola foi instituída através de tradições e experiências intelectuais e concretizava-se através de teorias

pedagógicas e representações culturais elitistas. Hoje a escola tem a missão de formar outro tipo de aluno, aquele que assume a sua posição de sujeito construtor do seu conhecimento, que tem experiências de vida e leva situações do seu contexto de vida diário para a sala de aula.

O aluno de hoje é um sujeito-estudante pós-moderno porque ele apresenta um novo tipo de subjetividade humana — uma subjetividade pós-moderna — que se caracteriza pela efetivação particular da identidade social e da agência social, corporificadas em novas formas de ser e de tornar-se humano (GREEN e BIGUN, 1995, p.35).

A abordagem pedagógica da escola na atualidade centraliza suas ações no aluno e este deixou de ser aquele indivíduo que ouvia, anotava e fazia as avaliações apenas para obter boas notas.

#### 4.3 A CONTRIBUIÇÃO DO CORDEL NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

No Nordeste brasileiro, o Cordel foi utilizado como uma ferramenta alfabetizadora entre as décadas de 1930 e 1950, do século XX. Trata-se de uma época em que a escola era um espaço apenas para os privilegiados e não havia material didático para todos. Muitos docentes utilizaram os folhetos de cordel para ensinar e incentivar a leitura, ocorrendo uma prática comum da memorização dos versos.

O Cordel no interior era o canal por onde notícias seriam veiculadas e muitos poetas especializaram-se em escrever versos com caráter informativo, lidando estes com o real e o imaginário, criando folhetos que traziam expressões tipicamente nordestinas, levando parte do povo a compreensão e discussão sobre os fatos.

Os cordelistas quando escrevem seus versos, tentam abordar a diversidade cultural para expressar o sentimento que seus leitores possuem sobre o mundo, fazendo uso de estilos e linguagem própria, chamada também de língua matuta. Todo sujeito ao evoluir e se desenvolver, passa a ter uma interação com o mundo onde este usa as várias capacidades de se expressar.

A escola é o ambiente propício para que haja a interação com os mais diferentes recursos que objetivem contribuir com a relação discente e sociedade, trazendo novas definições, metodologias e redefinindo ações. Diante disso a Literatura de Cordel aparece como uma abordagem para discutir problemas políticos, históricos e sociais de um determinado lugar.

Os folhetos de cordel quando inseridos no universo da educação precisam ser entendidos como elementos legítimos da cultura popular brasileira com formação no imaginário de um povo. Portanto, o profissional da educação que faz uso do cordel em sala de aula precisa estar atento as concepções contidas em tal produção para fazer um uso responsável de determinado texto, planejando bem sua finalidade pedagógica com muito dinamismo.

A Literatura de Cordel é considerada uma manifestação popular artística que representa realidades sociais distintas, abordando-as de uma forma simples e crítica. Ao ser inserida e trabalhada em sala de aula, esta tem o intuito de despertar no discente interesse pela história do seu povo, do seu meio social e político, instigando-o a ler e produzir folhetos que reproduzam seu pensamento, refletindo a sua capacidade de observação e senso crítico.

Baseando-se nas teorias de Bakhtin sobre gêneros do discurso, o Cordel dispõe de material para abordagem nos estudos sobre gêneros textuais. Também é fonte para análise de variação linguística.

Os temas abordados nos folhetos debatem e oferecem visões sobre diferentes realidades sociais. Evocando os estudos de Vygotsky sobre aprendizagem, vemos que o Cordel em sala de aula pode ser usado numa proposta sociointeracionista.

O sociointeracionismo pode ser compreendido como uma teoria de aprendizagem onde o foco da aprendizagem está na interação que ocorre entre o contexto histórico, o social e também o cultural. Nesse caso, considera-se o conhecimento de mundo real que a criança tem para explorar suas potencialidades.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais brasileiros propõem um ensino contextualizado, que faça uso constante da interdisciplinaridade e esteja voltado para a formação de um cidadão pleno, ativo em seu processo de aprendiz. O Cordel novamente é proposto como um elemento para construção de significados para o mundo do estudante.

A Literatura de Cordel oferece contribuições para o meio educacional quando esta disponibiliza para o aluno uma visão sobre o mundo plural, e propõe a este questionamentos sobre sua posição e status social em relação ao contexto que vivencia e em posição a outros, fazendo com que o discente encontre nessas produções textuais vozes que estimulem sua formação moral, econômica, política e sócio-cultural.

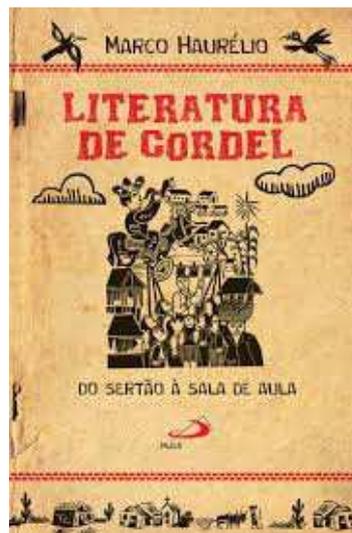


Figura nº 13: Capa do Cordel intitulado “Literatura de Cordel do Sertão à Sala de Aula”, do poeta popular Marco Haurélio

Muitos cordelistas tratam de temas relacionados ao ensino, aprendizagem, o saber e o fazer docente e o dia a dia em uma sala de aula. Muitos folhetos tentam retratar e discutir as mudanças no âmbito da educação brasileira ao longo dos anos.

Cultura e educação relacionam-se quando dão sentidos e significados as construções humanas e fortalecem os laços criados pela sociedade. Para Freire (1999, p. 65) “cultura define-se como sendo toda a produção humana fundamental para a educação, porque a partir dela o ser humano toma conhecimento de si e do mundo, transforma-se e se liberta”.

Diante disso entendemos que o ser humano procura explicar o mundo a partir dos significados que este produz, a partir de suas compreensões sobre o ser social e sua relação com a educação e cultura.

#### 4.4 O CORDEL NO ENSINO FUNDAMENTAL

No Brasil, o Ensino Fundamental configura uma das etapas da chamada educação básica, composta por nove (09) anos, dividida em dois ciclos. Na primeira fase, chamada anos iniciais, os discentes recebem vários tipos de estímulos, através de atividades diversificadas e com fundamentos lúdicos, desenvolvem a leitura, escrita, raciocínio lógico, leitura de imagens e sons. Na segunda fase, chamada anos finais, os alunos têm a oportunidade de aprofundar seus conhecimentos e continuar a desenvolver habilidades.

O Ensino Fundamental pode apropriar-se do Cordel como um recurso de divulgação de arte popular com um universo de ideias culturais, propício ao modelo interdisciplinar.

Estudiosos da Educação e Curriculistas consideram o folheto de Cordel como um objeto que deve ser estudado e valorizado no seio escolar. Infelizmente, observamos que existe ausência de cordeis com finalidade didática disponíveis para distribuição nas escolas. Porém, quando este é encontrado e disponibilizado para ensino e aprendizagem, a partir de planejamentos e projetos, vemos que o mesmo ajuda no desenvolvimento do prazer da leitura e da escrita.

A implementação do Cordel em sala de aula necessita da apresentação dos folhetos, discussão sobre as origens destes, a propagação do Cordel como meio de informação, os versos dos grandes poetas, a estrutura dos folhetos, a exposição dos repentes e das xilogravuras e a dramatização de versos feitos por um cordelista.



Figura nº 14: Capa do Cordel “Uma experiência de cordel na sala de aula”, de autoria de Antônio Carlos de Oliveira Barreto

Durante o Ensino Fundamental, o processo de ensino-aprendizagem ocorre quando o aluno está apto a apropriar-se de experiências do seu dia a dia e o universo escolar oferece condições de ajudar o discente a desenvolver-se dentro desse contexto, responsabilizando-se pelo ato de ensinar, pois a educação, conforme pensou Freire é uma prática social, pois esta pressupõe a problematização da realidade vivida pelo discente ajudando o mesmo a integrar-se na sociedade, entendendo-a e criticando-a.

O folheto de Cordel aparece como um recurso capaz de contextualizar a realidade do meio vivenciada pelo aluno com o discurso apresentado pelas ciências humanas, por exemplo, afirmando a poesia popular como elemento da cultura popular brasileira, capaz de oportunizar ao sujeito sua formação de identidade enquanto cidadão que vive em um país multicultural.

A escola é tida como o meio mais seguro para a transformação da educação e da sociedade. Tomando por base, a necessidade de todo indivíduo desenvolver uma identidade em relação a sua região, conhecer suas raízes, preservando-as, entendemos que a sala de aula no Ensino Fundamental deve ser um espaço que possibilite ao aluno saberes para que este possa interpretar a vida. O Cordel nesse sentido pode ser utilizado como uma ferramenta para prática de leitura e escrita, induzindo dessa maneira que os alunos entendam situações do cotidiano e façam uma interpretação coerente.

Atualmente, a escola passa pelo desafio de tornar-se estimulante, ocasionar processos de aprendizagem mais participativos e democráticos em relação ao seu público. A educação escolar tenta então apropriar-se das necessidades da sociedade para transformar-se em inovadora, com recursos motivadores e estratégias construtivas.

Os saberes populares são embasados na prática e se estruturam na espontaneidade, sem a pretensão de seguir padrões. Tais saberes não devem ser desconsiderados, pois são estes que podem promover na sociedade rupturas que resultam em formação cultural, relações entre pessoas que sentem e pensam diferentes e formação da consciência individual e coletiva. Segundo Araújo:

Ao ser articulado à educação, o cordel, por tratar de conteúdos culturais e de aprendizagem, pode enriquecer o ato educativo, nas situações de

ensino-aprendizagem, ampliando a compreensão sociocultural, por parte do educando (ARAÚJO, 2007, p.17).

Nos sertões nordestinos os folhetos de Cordel rapidamente foram disseminados. Tempos depois foram projetados para o resto do Brasil e para o mundo através da sua capacidade de comunicar acontecimentos, posicionando-se sobre eles, constituindo-se então como um elemento intermediário entre a oralidade e a escrita, com uma linguagem particular.

Os poetas populares que escrevem a Literatura de Cordel interpretam realidades sociais com base nas informações divulgadas pela mídia e esta inspira discussões sobre as mais variadas esferas, desde modificações na educação até questões políticas e econômicas.

No folheto intitulado Nos caminhos da educação, o poeta Moreira de Acopiara ressalta a importância da educação e destaca em seus versos Freire, cuja proposta educativa era a de transformação social através de um ensino problematizador que torne o aluno um sujeito emancipado:

Como disse Paulo Freire,  
Um homem muito sabido:  
Educação e cultura  
Dão à vida mais sentido!  
E educar é libertar  
De uma vez o oprimido.  
( ACOPIARA, 2003, p.09).

O Cordel é considerado uma prática cultural e social que através da problematização das questões apresentadas em seus folhetos, pode colaborar para a construção do conhecimento, fazendo com que o indivíduo posicione-se em relação a sociedade. Este passa a ser multiciente quando proporciona uma inter-relação com as diversidades, reconhecendo o significado destas e valorizando as identidades formadas a partir da articulação entre as diferenças de grupos sociais.

#### **4.4.1 O Cordel e o Ensino de Língua Portuguesa**

A linguagem escrita é um dos meios de transformação para o ser social, uma vez que este utiliza tal caminho para ter acesso ao conhecimento, formando-se assim um indivíduo letrado.

A Literatura de Cordel é um elemento muito expressivo da cultura popular brasileira, principalmente do nordeste. Seus folhetos, com seus versos, rimas e temas variados podem ser usados como estratégia para melhorar a leitura e aperfeiçoar a compreensão. Assim, quanto mais um aluno tiver acesso à linguagem e suas variadas representações, inteirando-se delas, certamente este estará com uma melhor qualificação para entender a sociedade e conviver com esta, atuando.



Figura nº 15: Capas de cordeis direcionados ao ensino da Língua Portuguesa

Com o fenômeno da globalização se faz necessário o conhecimento de diferentes mídias e o acesso a diversas linguagens, cuja mediação acontece através de gêneros textuais. Nos estudos de Marcuschi (2002, p.19) encontramos que “os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia. São entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa”.

Cada gênero textual possui seus caracteres heterogêneos, pois possuem capacidades diferentes de especificar determinados objetos, cumprindo com a função da comunicação, aparecendo assim dentro do universo da fala e da escrita como uma perspectiva de prática social que determinará a produção de um determinado texto.

Gêneros textuais são fenômenos bastante heterogêneos quanto aos tipos textuais que abrigam. Isto sugere a hipótese de que os tipos textuais são construtos definidos homogeneamente, mas sua realização se dá sempre em eventos linguísticos heterogêneos (MARCUSCHI, 2001, p. 1).

No Brasil, os Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino da Língua Portuguesa, estabelecem uma grande diversidade de gêneros e que estes devem ser objeto de estudo nas salas de aula, pois é primordial que o discente tenha domínio e se apropria da sua língua.

A exploração da oralidade e da escrita também são assuntos discutidos nos PCN's quando estes compreendem que o processo de leitura começa quando um indivíduo faz a compreensão e em seguida a interpretação de um determinado texto, apropriando-se do assunto, dos objetivos do autor e da linguagem usada, desvendando assim os vários significados daquele texto.

No livro *A Gramática no Cordel*, do escritor paraibano Janduhi Dantas, a Literatura de Cordel foi utilizada para explicar de forma lúdica a semântica, a fonologia e a sintaxe. Vejamos alguns versos sobre o uso dos porquês:

O emprego dos porquês  
Há quem ache complicado.  
Há porque de todo jeito:  
Porque junto, separado,  
Com acento, sem acento,  
Há porque pra todo agrado!  
(DANTAS, 2010, p. 23).

Na sala de aula, o professor de Língua Portuguesa precisa trabalhar com a variedade de gêneros textuais e apresentar a finalidade de cada um, considerando a formação de alunos leitores e observar o material que estes têm acesso para desenvolver a prática de leitura.

Devemos entender as práticas da linguagem como um conjunto onde o indivíduo se dispõe a desenvolver sua capacidade de usar a língua e refletir sobre os significados desta.

Um dos desafios da Língua Portuguesa é considerar a variedade de textos e organizá-los como fonte para desenvolver as competências linguísticas e comunicacionais dos alunos, assim este estará apto para enfrentar os desafios do mundo pós-moderno, entendendo as novas relações construídas a partir do contexto cultural.

Nesse sentido, o Cordel pode ser empregado na sala de aula, uma vez que este é um recurso que utiliza a linguagem para construir significados e formar o senso crítico a partir de interpretações sobre o mundo.

#### 4.4.2 A Matemática na Linguagem do Cordel

É considerada a ciência que estuda os espaços, as quantidades, as medidas, as variações, estabelecendo resultados lógicos através de fórmulas e deduções. Seus principais ramos de estudo são: geometria, estatística, álgebra, aritmética e medidas.

É tida como ferramenta primordial para algumas áreas de estudo como a engenharia, a física, a química e as ciências sociais e outras, que trabalham com dados e estatísticas para apresentarem análises de resultados.

A Matemática é considerada por muitos alunos uma disciplina complexa. Resultados bienais do SAEB- Sistema de Avaliação da Educação Básica comprovaram por meio de avaliações que grande parte dos alunos brasileiros apresentam dificuldades, sejam psicológicos ou pedagógicos na compreensão dessa ciência exata, não conseguindo compreender e resolver determinados comandos operacionais básicos.

Muitos estudiosos da área de educação buscam explicações para as causas da dificuldade na aprendizagem da Matemática. Smith e Strick (2011, p.66) consideram os seguintes fatores: “a memória, a atenção, a atividade perceptivo-motora, a organização espacial, nas habilidades verbais, a falta de consciência, as falhas estratégicas”.

Uma nova linguagem na aula de Matemática pode proporcionar uma aprendizagem mais interessante e prazerosa. Quando versos tentam explicar signos matemáticos, estes são apresentados com novos conceitos. O Cordel torna-se uma ferramenta capaz de explicar através de sua linguagem poética popular saberes matemáticos contextualizados.

A Literatura de Cordel na aula de Matemática tem o objetivo de propiciar aos discentes o desenvolvimento da prática de leitura e compreensão, incentivando o gosto pela escrita e a valorização da poesia com viés didático, uma vez que os professores e os estudantes podem usar problemas clássicos do dia a dia e reelaborá-los em rimas, com o intuito de estudar os conteúdos propostos pela escola, seja no Ensino Fundamental ou Médio e apresentar possíveis soluções também rimadas conforme a linguagem dos folhetos.



Figura nº 16: Capas de cordeis direcionados ao ensino da Matemática

Tal prática didática torna-se uma ferramenta para o desenvolvimento das habilidades do aluno e da construção de uma aprendizagem que seja significativa, fazendo com que o aluno se aproprie dos conhecimentos matemáticos e não os despreze ou ignore-os.

#### 4.4.3 O Cordel nas Aulas de Ciências

Com o intuito de estimular nos alunos a curiosidade nas aulas de Ciências e torna-las motivantes e atrativas, o Cordel pode ser uma ferramenta eficaz, pois seus folhetos relatam aspectos do dia a dia social e traz em versos os saberes populares, constatando o entendimento de realidade de um povo.

A Literatura de Cordel trata de determinados conteúdos das aulas de Ciências dentro de uma perspectiva contextualizada e interdisciplinar, motivando docentes a introduzi-la como recurso didático na busca pela formação do conhecimento pleno.

No folheto Os Costumes escandalosos e a loucura da ciência, o cordelista Hildemar de Araújo Costa, faz uma abordagem sobre problemas ambientais, problemas sociais relacionados à saúde e discute os progressos conquistados pela ciência e como esta tem promovido melhoras. O poeta popular ainda descreve sobre a relação do homem com a tecnologia e instiga o leitor a perceber que apesar de tanta evolução, há muitos problemas não solucionados:

[...]A ciência leva o homem  
 ao passeio espacial  
 mas o que fica na terra  
 Sofre uma fome infernal  
 a mortandade infantil  
 tem crescimento sutil  
 sem cura pra este mal[...]  
 (COSTA, 1981, p. 3).

Podemos observar que a utilização do Cordel nas aulas de Ciências proporciona interação com questões políticas, sociais, culturais, tecnológicas e científicas, fazendo com que o estudante lide com diversas situações do cotidiano e adquira uma visão de mundo mais crítica, refletindo sobre o seu papel enquanto cidadão capaz de fazer reflexões sobre questões sociocientíficas.

#### **4.4.4 O Cordel Como Recurso Didático no Ensino de História**

A metodologia do ensino de História já foi criticada por muitos educadores, uma vez que a prática da memorização, tradicional para o século XIX e parte do XX, fazia dos alunos meros decoradores de fatos, sem domínio do conhecimento e sem capacidade de reflexão e discussão. O livro didático era reproduzido como tal nas aulas e principalmente nas avaliações. Não era valorizada a produção humana racional, apenas seguiam-se determinados paradigmas, onde os textos não abriam brechas para a contestação e traziam verdades fabricadas por um sistema que as vendia como únicas.

Sobre a metodologia do ensino de História na contemporaneidade, os Parâmetros Curriculares Nacionais indicam que:

(...) são favorecidos os trabalhos com fontes documentais e com obras que contemplam conteúdos históricos. (...) O confronto de informações contidas em diversas fontes bibliográficas e documentais pode ser decisivo no processo de conquista da autonomia intelectual dos alunos (BRASIL, 2001, p. 65).

A Literatura de Cordel inserida em sala de aula como ferramenta de estímulo de leitura e debate alcança bons resultados, estimulando análise, discussão através

de uma nova linguagem. Também demonstra excelente seguimento ao ser utilizado para o entendimento de conteúdos diversos, tornando-se um recurso interdisciplinar.

Cabe ao professor, ao planejar as suas aulas, escolher os folhetos que serão utilizados, focando nos objetivos que pretende ao explorar determinado conteúdo, fazer uma introdução com o livro didático, explicar causas e consequências e depois, inserir o cordel, para que haja então uma aprendizagem significativa. A Literatura de Cordel, assim como qualquer fonte introduzida na aula de História, deve ser trabalhada de forma crítica para ser compreendida.

#### **4.4.5 O Uso do Cordel Como Instrumento Didático nas Aulas de Geografia**

Na contemporaneidade há uma nova tendência para os estudos da Geografia, que propõe romper com o tradicionalismo para tornar-se crítica e entender as circunstâncias em que se encontra a sociedade pautada pelo capitalismo, em questões espaciais e econômicas, analisando tais realidades.

Portanto:

Criticidade entendida como uma leitura do real – isto é, do espaço geográfico – que não omita as suas tensões e contradições, tal como fazia e faz a geografia tradicional, que ajude a esclarecer a espacialidade das relações de poder e de dominação. E engajamento visto como uma geografia não mais 'neutra' e sim comprometida com a justiça social, com a correção das desigualdades socioeconômicas e das disparidades regionais ( VESENTINI, 2004. p.223).

A Geografia propõe integrar processos ocorridos na sociedade aos que ocorrem nos mais diversos espaços, analisando-os na busca por novas estratégias para que o saber geográfico explique como os modos de produção existentes e as divisões territoriais do trabalho influenciam as práticas sociais e a ideologia de um povo.

Encontrar folhetos de Cordel que relacionem poesia popular e Geografia representa um trabalho de análise e investigação de temas e recortes em versos que aproximem o conteúdo a ser estudado com a realidade vivenciada pelo aluno.

O Cordel pode tornar-se um aliado dos recursos didáticos e ser utilizado para contribuir com o processo de ensino-aprendizagem, considerando que este é

produzido a partir do saber popular e das relações entre os sujeitos que fazem parte de determinada comunidade. A Geografia entende que tais saberes colaboram para a efetivação do saber da Ciência.

Quando a Geografia apresenta inovações na sua proposta do pensar e do fazer, percebemos que esta se aproxima da sociedade compreendendo seus problemas e lutas por justiça, agindo como conscientizadora, na intenção de formar um cidadão engajado politicamente e ideologicamente a respeito do espaço físico em que vive e transforma.

## 5 INOVAÇÃO PEDAGÓGICA E A EDUCAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE

A inovação pedagógica pode ser definida como uma transposição de barreiras, a ruptura de paradigmas, a transformação de conceitos, a redefinição de algo e a análise de fundamentos acerca das maneiras de aquisição de melhor execução e alcance de resultados sobre algo apresentado.

A escola necessita urgentemente de inovação pedagógica e esta só ocorre quando são constituídas novas conjunturas de aprendizagem que provocarão mudanças consideradas qualitativas que proporcionarão a regulação de práticas que serão vivenciadas por docentes e discentes.

Este capítulo tem por objetivo discutir a inovação pedagógica como uma área de movimento pedagógico de aprendizes e professores que rompem com os padrões educacionais frutos do paradigma de educação fabril e contrariaram certas ideias sobre aprendizagem, criando novas culturas escolares.

A Literatura de Cordel será apresentada à luz da inovação pedagógica, pois esta através de sua expressividade é capaz de cooperar para que seja efetivada a construção de várias interpretações sobre o mundo, colaborando para que o sujeito aperfeiçoe sua cognição no caráter discursivo, compreendendo questões sociais, fatos que são históricos, situações políticas e problemas econômicos de uma determinada realidade. Neste sentido, o aprendiz torna-se capaz de integrar várias representações do imaginário e distintas formas de linguagem.

A contemporaneidade apresenta sujeitos sociais que requerem uma escola compatível com as novas exigências de tal era, apresente certezas e credibilidades e traga uma compreensão acerca do contexto mundial, suas conturbações e mudanças, tornando-se base para que o indivíduo adapte-se as diferentes linguagens e diferentes transformações da sociedade, seja no viés político, econômico ou ainda no prisma cultural ou tecnológico.

Para o estudioso Hargreaves (2000, p.15), a educação da era pós moderna precisa estar atenta e preparada par lidar com:

a sociedade informacional pós-moderna de forma crítica, mas não restritiva ou demissionária, tanto no que diz respeito ao seu contributo para a economia sustentável e crescimento tecnológico quanto no que se refere à ameaça que representa para a igualdade, oportunidade, identidade cultural e vida pública.

A educação da contemporaneidade possui a necessidade da inovação pedagógica quando esta trata de discutir a mudança nos ambientes de educação, interessa-se na efetivação de uma aprendizagem significativa e demonstra preocupação com as atitudes que propõem que a construção do conhecimento siga a linha reflexiva e que os papéis do docente e do discente sejam redefinidos, uma vez que os envolvidos no contexto de aprendizagem necessitam romper com estruturas tradicionais para que esta aconteça. Conforme Papert (2002, p.51) “na vida, geralmente o conhecimento é adquirido para ser usado” e a inovação faz uso de tal premissa quando se dispõe a atender às demandas que surgem na contemporaneidade ou que se manifestarão através de processos sociais que indicam o que precisará a escola do futuro.

Morin (2001) acrescenta que,

A educação do futuro deverá ser o ensino primeiro e universal, centrado na condição humana. Estamos na era planetária; uma aventura comum conduz os seres humanos, onde quer que se encontrem. Estes devem reconhecer-se em sua humanidade comum e ao mesmo tempo reconhecer a diversidade cultural inerente a tudo que é humano. Conhecer o humano é, antes de mais nada, situá-lo no universo, e não separá-lo dele (p. 47).

Considerando a escola em seu contexto atual, observamos que esta possui o objetivo de legitimar e garantir que a sociedade em seu pleno desenvolvimento terá domínio de conhecimentos científicos e técnicos que lhe dará a possibilidade de construção de novos conceitos e assim, outras habilidades ligadas à cognição precisarão ser trabalhadas e estimuladas e o indivíduo, enquanto ser social terá que redescobrir-se para encontrar novas maneiras para se apropriar de novos conhecimentos.

Nos estudos de Carvalho, encontramos esclarecimentos sobre a maneira como acontece o processo de aprendizagem e este defende que há vários meios e diversas maneiras para que ela aconteça de maneira significativa, nem sempre se fazendo necessário o ambiente escolar.

O significado de aprender na verdade não quer dizer apenas estudar nos livros, ‘navegar’ na Internet, passar horas diante do computador, ouvir exposições, ou memorizar conhecimentos e informações. Isso tudo faz parte da aprendizagem, mas seu alcance é bem mais amplo. Aprender é, essencialmente, um processo contínuo de aquisição de novas formas de

conduta, ou de modificação de formas de conduta anterior (CARVALHO, 1999, p.182)

Percebemos então que a escola enquanto uma entidade que supre as necessidades do ser humano e tenta desenvolvê-lo de forma plena, precisa evoluir constantemente para conseguir acompanhar os processos de formação de um indivíduo da contemporaneidade.

Tendo em vista o processo de ensino aprendizagem, este parte da proposição que o aprendiz deve ser estimulado a aprender das mais variadas formas. Diante de uma perspectiva de inovação pedagógica, cabe ao discente, proporcionar experiências diferentes que incite o aprendiz a construir seu conhecimento de forma legítima e prazerosa.

Para a educação contemporânea, Seymour Papert (1991) apresentou a teoria que ele nomeou de construcionismo, defendendo que nesta o aprendiz é capaz de construir seu próprio conhecimento fazendo uso de um computador, utilizando softwares cujos objetivos são promover a aprendizagem sob o ponto de vista da inovação.

Papert considerou que nesse processo de construção de conhecimento, o aluno é constantemente desafiado com teses e é estimulado a agir para compreender e resolver o que lhe foi proposto. O professor mantém uma relação com seu aluno de mediação, onde este analisa sistematicamente os resultados que apresentam o desenvolvimento do aprendiz, podendo intervir corrigindo erros e tirando dúvidas.

As considerações sobre o construcionismo elaboradas por Papert nos levam a refletir sobre as necessidades educacionais da contemporaneidade e das possibilidades que podem ser ofertadas ao aprendiz para que este se desenvolva de forma significativa a partir de práticas pedagógicas inovadoras como ação elementar para mudanças simbólicas na educação e, conseqüentemente, na sociedade.

O construcionismo propõe que haja um rompimento com práticas que são consideradas ultrapassadas, pois centralizavam o docente e sugere que o foco seja o aprendiz e sua capacidade de constatar por si a sapiência.

Instrução ajudada pelo computador (*computer-aided instruction*) significa fazer com que o computador ensine a criança. Pode-se dizer que o computador está sendo usado para 'programar' a criança. Na minha

perspectiva é a criança que deve programar o computador e, ao fazê-lo, ela adquire um sentimento de domínio sobre um dos mais modernos e poderosos equipamentos tecnológicos e estabelece um contato íntimo com algumas das ideias mais profundas da ciência, da matemática e da arte de construir modelos intelectuais (PAPERT, 1985, p.17).

A corrente de pensamento construcionista trata o indivíduo do mundo pós-moderno de acordo com a realidade tecnológica que ele vive. Agindo de acordo com o que lhe interessa e usando o computador como uma ferramenta que o fará interagir de forma autônoma e lhe propiciará a exploração do conhecimento.

Sobre a agregação tecnológica ao universo da educação, encontramos em Fino (2011):

A inovação pedagógica passa por uma mudança na atitude do professor, que presta muito maior atenção à criação dos contextos de aprendizagem para os seus alunos do que aquela que é tradicionalmente comum, centrados neles, e na actividade deles, o essencial dos processos. É perguntado, evidentemente, o que é que a incorporação de nova tecnologia pode fazer para ampliar o poder dos alunos, enquanto aprendizes, ao invés de conjecturar a exploração da tecnologia para reforçar o seu controle sobre a turma, em actividades estritamente curriculares, num processo em que é um principal agente (FINO 2011, p.5).

É irreal acreditar que as tecnologias da informação e comunicação (TIC's) irão garantir que a instituição escolar cumpra todos os seus objetivos sociais, mas certamente colaborará para que esta se torne mais eficaz. Segundo estudos de Fino (2011):

Durante décadas a fio, a escola que emergiu da modernidade manteve praticamente inalteráveis os seus processos, recorrendo quase exclusivamente às tecnologias associadas à leitura e à escrita para os suportar. Nas últimas décadas, no entanto, temos assistido a um recrudescer da incorporação de tecnologias novas, nomeadamente de informação e comunicação (TIC), havendo quem considere que essas novas tecnologias estão a mudar a escola (p. 2).

O corpo docente precisa estar atento e disponível para fazer a inserção das novas tecnologias e procurar criar estratégias para que os aprendizes entendam as TIC's como ferramentas capazes de criar novas expectativas de aprendizagem. Conforme pensamento de Fino (2011), considerando tal perspectiva, não se pode pensar que as tecnologias da informação e comunicação irão mudar a escola. Cabe

aos professores fazerem uma revisão nas suas práticas e se comprometerem com a mudança.

A geração contemporânea projeta-se de maneira globalizada e enxerga multidimensões, tendo assim necessidades que a escola não consegue prestar o atendimento devido, pois ao seguir velhos paradigmas, esta acaba reproduzindo aquilo que já está obsoleto, quebrado e já não pode mais ser considerado uma referência para a sociedade.

A instituição escolar tem sofrido pressões constantes para converter-se em plural de forma efetiva e eficaz. Segundo observações de Fernandes (2000, p.32), “Exigindo a transformação para uma melhor resposta às necessidades da nova era”.

Quando falamos da necessidade de uma educação inovadora, nos retratamos a ideia de mudar o pensamento sobre o que é uma escola, tornando esta um ambiente de aprendizagem. Para que tal transformação possa acontecer, encontramos os seguintes apontamentos de Toffler (1998, p.338): “transformar a estrutura organizacional do nosso sistema educacional, revolucionar o seu currículo e encorajar uma orientação que focalizar mais o futuro”.

Fino (2008, p.3) defende a inovação pedagógica com os seguintes argumentos:

[...] a inovação pedagógica tem que ver, fundamentalmente, com mudanças nas práticas pedagógicas e essas mudanças envolvem sempre um posicionamento crítico face às práticas pedagógicas tradicionais. É certo que há factores que encorajam, fundamentam ou suportam as mudanças, mas a inovação, ainda que possa depender de todos ou de alguns desses factores (por exemplo, da tecnologia), não é neles que reside. Encontra-se, ao invés, na maneira como esses factores são utilizados para se fazer como, até aí, não se fazia. Eu costumo dizer que só há inovação pedagógica quando existe ruptura com o velho paradigma (fabril), no sentido que Khun (1962) atribui à expressão ruptura paradigmática, e se cria localmente, isto é, no espaço concreto (ou virtual) onde se movem professores e alunos, um contexto de aprendizagem que contrarie os pressupostos essenciais do paradigma fabril. E onde se desenvolvam, como é evidente, novas culturas escolares, se falamos de instituições escolares, diferentes da matriz escolar comum que, de alguma maneira, unifica todas as escolas ancoradas no mesmo paradigma.

Entendemos, portanto que a inovação pedagógica propõe mais do que uma melhoria nas ações direcionadas à educação de forma planejada e instituída, pois esta promove a criação de novas formas de linguagem, rompe com as zonas de conforto já conhecidas, o que faz surgir novos comportamentos e atitudes docentes e discentes.

Hoje se sabe que o conhecimento fracionado prejudica o desenvolvimento do indivíduo quando este está desenvolvendo suas percepções sobre a globalização, aprendendo a ter uma visão com vários prismas sobre as mais diversas realidades. É partindo desses propósitos que a inovação pedagógica tem a missão de construir práticas onde o sujeito compreende seu mundo real e é capaz de entender que pertence a um determinado lugar, possui certa identidade e tem o poder de ser um cidadão, com capacidades para se expressar. Sousa notifica que:

Quando a escola recusa e silencia as diversidades sócio-culturais localizadas, a pretexto de uma formação de cidadãos formalmente homogêneos face ao estado, está a contribuir para a permanência das clivagens sociais através de forma de discriminação e exclusão, de criação de desigualdades sociais (SOUSA, 2002, p. 310).

Uma das estratégias requeridas pela inovação pedagógica é que o indivíduo disposto a inovar precisa romper com o sistema asfixiante imposto pelo universo escolar e a partir do desenvolvimento de novas metodologias criar situações de aprendizagem em que o aprendiz possa sentir-se inserido na sociedade, compreendendo o que é ser cidadão.

Diante dos pressupostos, precisamos considerar que a inovação pedagógica pode e deve emergir nos mais diferentes ambientes e contextos, utilizando outras estratégias que não incluam necessariamente a utilização das TIC e sim modifique comportamentos e atitudes de professores e aprendizes.

## **5.1 A Sociedade Pós-Moderna**

A sociedade da pós-modernidade tem se desenvolvido de maneira muito veloz, desde o acesso as informações até o encurtamento das distâncias. O sujeito dessa nova realidade convive com as tecnologias da informação e comunicação e possui a característica imediatista. Há incertezas nas mais variadas partes do globo terrestre e esta se espalha na sociedade.

Para Giddens (1991) a era pós-moderna surge com muitos problemas e alguns parecem não apresentar soluções plausíveis. Em meio às conturbações da globalização, Toffler (1973, p.25) afirma que “a fim de sobreviver, para evitar aquilo a que demos o nome de choque do futuro, o indivíduo deve tornar-se infinitamente mais adaptável e mais capaz do que em qualquer época pretérita”.

A nova sociedade surge de metamorfoses e com muitos complexos que, nas palavras de Toffler (1998, p.305), fazem parte “de um mundo complexo de forças mutuamente interagentes, um mundo cheio de assombro, com amplificadores e redutores de mudanças”.

Surgem novas estruturas familiares, novos conceitos de valores, novos sentidos para a moral e para a ética. Aparecem novas maneiras do indivíduo se relacionar. O cenário econômico cria novas projeções profissionais e com estas, surgem novas prestações de serviços e profissões, que requerem inovação nas habilidades.

A pós-modernidade trouxe consigo indicadores onde as minorias sociais apresentam-se desconectadas da globalização e questões consideradas antigas voltam a aparecer como a exclusão devido a ideologia, etnia, crença religiosa e ainda situação de analfabetismo.

Diante disso, indagamos qual o papel da educação perante a sociedade quando esta através das suas práticas tem o dever e o poder de colaborar para uma mudança de atitudes em relação ao ser humano e sua percepção crítica e reflexiva.

Kuhn (2005) através de estudos indica que está acontecendo uma transição de paradigmas sociais, culturais e científicos e conseqüentemente educativos e para que estes possam prevalecer, faz-se necessário que além de produzidos estes sejam multiplicados.

A transição de um paradigma em crise para um novo, do qual pode surgir uma nova tradição de ciência normal está longe de ser um processo cumulativo obtido através de uma circulação do velho paradigma. É antes uma reconstrução que altera algumas das generalizações teóricas mais elementares do paradigma, bem como muitos dos seus métodos e aplicações (KUHN, 2005, p. 116).

Precisamos lembrar que as escolas são instituições responsáveis por dissipar o conhecimento e estas precisam urgentemente criar moldes de acordo com os novos paradigmas, com as recentes necessidades e com as vigentes identidades plurais da sociedade moderna.

A inovação pedagógica se faz necessária quando esta se dispõe a gerar novas configurações para essa era através dos novos paradigmas, considerando os mais recentes fenômenos mundiais e suas conseqüências.

## 5.2 A Escola e a Necessidade de Novos Paradigmas

A instituição escolar da atualidade encontra-se em crise e precisa com urgência que sejam produzidos novas conjunturas de aprendizagem com perspectivas inovadoras que foquem não no docente e sim no aluno. Assim sendo,

Não se trata de procurar soluções paliativas para uma instituição à beira do declínio. Trata-se de olhar além dela, imaginando outra, deixando de se ter os pés tolhidos pelas forças que conduzem inexoravelmente em direção ao passado. Nessa busca, a tecnologia pode ser um auxiliar poderoso, uma vez que ela pode ajudar a criar e testar ambientes diferentes, novas descentralizações e novas acessibilidades, novas maneiras de imaginar o diálogo inter-social que conduz à cognição (FINO, 2009, p. 14).

Os meios formais que a escola oferece aprisionam esta a paradigmas, por conseguinte “a escola pode construir-se um campo para a inovação caso no seu interior ocorram movimentos tendentes a substituírem as velhas práticas pedagógicas por outras” (FINO, 2002, p. 3).

Papert (1991) afirma que, o docente precisa estar disposto a assumir uma posição secundária em relação à aprendizagem, focando nos processos cognitivos de desenvolvimento do discente. Tal convicção tem como pressuposto que o aluno terá diversas oportunidades para construir sua aprendizagem de forma autônoma, a partir de descobertas estimuladas a partir de criações e recriações de posturas em relação ao conhecimento.

Fino acrescenta que:

Eu nem sei se o futuro precisará de qualquer tipo de educação institucionalizada, à semelhança da que temos hoje, com escolarização compulsiva, destinada a reproduzir uma cultura estandardizada e imposta aos cidadãos, todos por igual, independentemente das suas características e das suas necessidades. A Humanidade foi capaz de sobreviver milênios sem precisar de uma escola de massas, controlada pelo Estado. Talvez, no futuro, reaprenda a prosseguir sem ela (FINO, 2001, p. 3).

O tempo em que vivemos apresenta um cenário de educação que está obsoleto em relação à sociedade globalizada. Há uma imensa necessidade que a escola se transforme para poder suprir as necessidades exigidas pela contemporaneidade.

Sob a ótica de Fino em relação às escolas atuais (2011, p.48), estas “já não preparam mais para vida depois dela, nomeadamente porque são incapazes de prever como essa vida será”.

O fenômeno da globalização tornou as relações entre seres humanos diferentes, mais intensas em relação às questões sociais, políticas, econômicas e culturais. Diante de tais transformações, cabe a instituição escolar reinventar-se para trabalhar um ser humano mais complexo e agregado as diferenças e as diversidades, capaz de lidar com o multiculturalismo e com multirreferências que irão construir a sua identidade na sociedade. Consoante Morin (2010, p.67) “o mundo torna-se cada vez mais um todo. Cada parte do mundo faz, mais e mais, parte do mundo e o mundo, como um todo, está cada vez mais presente em cada uma de suas partes”.

Quando a escola conseguir criar estratégias para desenvolvimento do indivíduo considerando-o as diversidades e sua complexidade enquanto ser histórico, a inovação pedagógica estará constantemente presente contribuindo com mecanismo que a ajudem a desenvolver as várias dimensões da preparação do ser humano para a vida.

### **5.3 A Inovação Pedagógica e a Aprendizagem significativa**

A palavra inovação vem do latim “innovare” e tem como significado a realização de algo que não foi feito antes ou ainda o ato de produzir uma novidade para alguém ou em algo. Também tem o sentido de renovação ou realização de uma restauração.

Quando falamos em inovação pedagógica nos referimos à concepção e percepção de novos conhecimentos no prisma do processo que envolve a aprendizagem. Nesse sentido, o aluno tem participação efetiva quando este é estimulado a descobrir, inventar, envolver-se e conceber meios para desenvolver a sua cognição. Papert (1991) chamou esse processo de matética, que seria a maneira como o discente desenvolve técnicas para aprender.

A inovação pedagógica propõe que seja rompido o paradigma fabril, pois este pressupõe que haja uma pedagogia onde o aluno assemelha-se a uma

ferramenta que auxiliará operações. Um indivíduo manipulável, alienado e cheio de subdivisões.

Essa inovação sugere que haja uma oposição a determinado padrão consolidado em práticas pedagógicas que defendem e se fundamentam na autonomia e na criação de um processo de aprendizagem que seja legítimo. Fino (2008, p.1) defende que a inovação pedagógica “consiste na criação de contextos de aprendizagem, incomuns relativamente aos que são habituais nas escolas, como alternativa à insistência nos contextos de ensino”.

Tal reflexão deixa claro que se faz necessário que haja um rompimento com as tradicionais práticas do ato de ensinar e que antigos paradigmas sejam abandonados. Um exemplo é o fato do docente não ser entendido como centro, fato que deixava o processo de ensino e aprendizagem vulnerável. Este agora é visto como um sujeito sociointeracionista que contribui com a construção do conhecimento.

Para Fino (2008, p.1), em artigo científico exibido durante o III Colóquio da DCE- uma, a inovação pedagógica “implica mudanças qualitativas nas práticas pedagógicas, e essas mudanças envolvem sempre um posicionamento crítico, explícito ou implícito, face às práticas pedagógicas tradicionais”.

A inovação na educação prevê atitudes de mudança com a intenção de desenvolver um sujeito dentro de um contexto social e cultural, de forma que este tenha senso crítico para compreender sua realidade global e compreenda-se como autor de sua vida, história e conhecimento. Age como uma força de caráter primordial que se adapta, convive e sobrevive as mudanças sociais, acompanhando-as no intuito de promover uma educação que seja promitente e que se comprometa em desenvolver as competências elementares.

A procura pela inovação pedagógica exige que novos modelos sejam pensados e construídos no ambiente escolar, que novas considerações sejam efetuadas sobre a maneira como a escola cuida das ações que acontecem dentro dela ou fora, segundo os estudos propostos por Toffler( 1972) e José Gimeno Sacristán ( 1998).

Quando falamos em mudanças na educação, pressupomos que haverá uma ruptura por dentro do sistema e isto permitirá novas definições no modo de executar. Para Farias (2006, p.43), “mudança vai além de uma dimensão técnica do processo”.

Pensar em uma mudança que aconteça profundamente é refletir sobre um processo que dará novos significados à prática, e esta será baseada em novos valores com o intuito de se construir novos contextos que implicarão em referenciais que servirão de orientação para a construção de novos parâmetros educativos.

Sebarroja (2002, p.19) quando trata da inovação caracteriza-a “como um conjunto de intervenções, decisões e processos, com certo grau de intencionalidade e sistematização, que tratam de modificar atitudes, ideias, culturas, conteúdos, modelos e práticas pedagógicas”.

Inovar é entendido como o ato de introduzir algo novo em um determinado lugar. No caso da escola, esta é compreendida como uma mudança com objetivos específicos que intencionam melhorar as instituições escolares.

Segundo esclarecimentos de Farias (2006, p.53-54):

As inovações educacionais internamente geradas reportam-se a ações produzidas – concebidas pelos próprios agentes educativos no contexto da instituição escolar, nas buscas de soluções para dificuldades vivenciadas. Nessa perspectiva, o ponto de vista dos atores escolares tem especial relevância na definição e desenvolvimento de uma inovação. As inovações externamente induzidas caracterizam-se pela introdução e adoção, na escola, de algo existente fora dela – programas, equipamentos, procedimentos, conteúdos, etc. nesse caso, via de regra, o Estado (representado pelos órgãos envolvidos com a educação – Ministério da Educação, secretarias estaduais e municipais) se configura como o agente introdutor da inovação, concebida como uma estratégia de política educacional.

Percebemos então que a inovação pedagógica promove parte de rupturas a partir dos docentes e, conseqüentemente, nos estabelecimentos escolares e esta influencia novas estratégias para que o aprendizado possa ter novos significados e atenda às necessidades surgidas na contemporaneidade.

Para que haja uma modificação eficaz no ensino-aprendizagem, se faz necessária a inovação pedagógica de forma elementar no transcórre do processo. Observamos nos estudos de Fino (2006, p.14) o seguinte esclarecimento:

A primeira etapa de qualquer processo de inovação terá de coincidir com uma tomada de consciência dos constrangimentos existentes contra ela. E acredito, também, que o invariante cultural, que procurei revelar, deve ser o primeiro constrangimento a ser desmontado. Em cada um de nós, em primeiro lugar. E só depois o professor inovador estará apto a imaginar uma instituição (ou nenhuma instituição) educativa diferente[...] Inovar não se trata de procurar soluções paliativas para uma instituição à beirado declínio. Trata-se de olhar para além dela, imaginando outra, deixando de se ter os

pés tolhidos pelas forças que conduzem inexoravelmente em direcção do passado.

Podemos então concluir que a ação educativa em uma instituição escolar ou em outro espaço possui a tendência de reproduzir determinada cultura com fins de dominação social através do monopólio do sistema. Porém, quando nestas instituições há um docente disposto a inovar, há um rompimento com as ideologias culturais impostas por determinado sistema e este começa a ser desmontado e oportuniza espaço e situações para a inovação acontecer.

A aprendizagem é considerada por muitos estudiosos da área da educação como um fenômeno onde certas competências e determinadas habilidades são construídas por meio de processos de desenvolvimento individual e interações sociais, onde o sujeito a partir de experiências, aquisição de valores e discernimento para determinadas atitudes, obtêm conhecimento legítimo.

Para Brazão a aprendizagem é uma edificação social que acontece em um contexto de situação específica e possui determinadas intenções. Para ele:

- A aprendizagem é inerente à natureza humana, é parte integrante da prática social, e não apenas de uma actividade específica;
- A aprendizagem é antes de mais a capacidade de negociar novos significados, e implica não só mecanismos, como também envolve a participação;
- A aprendizagem transforma a nossa identidade, a nossa capacidade de participar no mundo, através da mudança da nossa prática e das comunidades (BRAZÃO, 2008, p.44).

Na atualidade, muito se questiona em relação a eficácia da aprendizagem e em conformidade com a abordagem construcionista, observamos que se o indivíduo for instigado a criar estratégias em que este possa aprender com legitimidade e interação, o processo de aquisição de conhecimento ocorrerá de maneira efetiva.

Entendemos a construcionismo como um sistema em que o aluno é ativo na construção de uma aprendizagem significativa, uma vez que este é autor e edificador do seu conhecimento, através de instrumentos que o ajudam a pensar.

Para Papert (2000), o docente deve preocupar-se em ofertar oportunidades em que o aprendiz seja capaz inventar maneiras em que este não apenas resolve problemas, mas sim pensa a respeito deles e desenvolve assim suas funções cognitivas responsáveis pela aprendizagem.

O propósito defendido pelo construcionismo baseia-se em um aluno que possui autonomia para adquirir conhecimentos.

Na perspectiva vigotskiana a aprendizagem parte de processos em que são reunidas interações socioculturais e elementos mediadores que propõem subsidiar ferramentas que desenvolvam o intelecto.

Para Vigotsky (2010, p.103) o progresso cognitivo ocorre quando há um ensino que seja capaz de estimular o aluno e nos convida a refletir que “o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros”.

O docente nessa perspectiva tem o papel de mediador, uma espécie de guia que dará suporte ao desenvolvimento do seu aluno, provendo-o de subsídios e a aprendizagem passa a acontecer através de descobertas onde o aluno é capaz de lidar com criações.

A aprendizagem pode ser classificada em três tipologias: de recepção, de conceitos e proposicional.

Entendemos que a aprendizagem de recepção ocorre quando palavras são aprendidas a partir da relação com os objetos que estas representam. É como se um símbolo passasse a ter um significado e uma imagem remetesse a lembrança de algo que realmente existe. Esclarece Moreira (2006, 25) que :

[...] não se trata, contudo, de uma mera associação entre símbolos e o objeto depois, na medida em que a aprendizagem for significativa, a criança relaciona, de maneira relativamente substantiva e não arbitrária, essa proposta de equivalência representacional a conteúdos relevantes existentes em sua estrutura cognitiva.

Já na aprendizagem através de conceitos os símbolos gráficos e as palavras caracterizarão objetos ou ainda propriedades. Sobre os signos agirem como agentes que mediarão a construção de significados para um aprendiz, defendeu Vygotsky que estes são instrumentos psicológicos.

[...] o uso dos signos como meios auxiliares para solucionar um dado problema psicológico (lembrar, comparar coisas, relatar, escolher, etc.) é análoga à invenção e ao uso de instrumentos, só que agora no campo psicológico. O signo age como um instrumento de atividade psicológica de maneira análoga ao papel de um instrumento no trabalho. Mas essa analogia, como qualquer outra, não implica uma identidade desses conceitos similares [...] (VYGOTSKY, 1991, p.59).

Há também a aprendizagem por meio de proposições definida através da capacidade desenvolvida pelo ser humano de produzir significados através de ideias que são expressas por uma coalizão de conceitos.

Nesse tipo de aprendizagem a pintura, a literatura e a música são elementos que propiciam o desenvolvimento cognitivo.

A inovação pedagógica nos leva a refletir sobre transformações do contexto educativo. Mudanças essas que afetarão não só a escola, mas a sociedade, principalmente a nossa que vive transições em relação a paradigmas.

Quando falamos em aprendizagem, lembramos Piaget (1976, p.167) “o sentido funcional de uma conduta baseada no interesse”. O autor cita a aula centrada na expectativa do aprendiz que ao ter seu interesse estimulado, terá sua intelectualidade explorada e transformada.

Se a aprendizagem estiver articulada com a inovação pedagógica, as atividades serão envolventes e os alunos se tornarão ativos e interessados em adquirir o conhecimento proposto com a intervenção do docente, que aplicará técnicas e métodos que permitam que signos considerados culturais- como tecnologias e meios de comunicação- sejam apropriados para que haja uma prática efetiva.

Nesse sentido, percebemos que a inovação relaciona-se com uma forma de renovar a aprendizagem consistente, considerando a atual sociedade, que opera em mudanças e aguarda por transições significativas.

#### **5.4 O uso da Literatura de Cordel à luz da Inovação Pedagógica**

Tendo em vista as observações expostas por Fino (2008), podemos considerar os seguintes pressupostos:

- O conhecimento que cada indivíduo constrói sobre o mundo é feito a partir de interações históricas e sociais de acordo com o entendimento que este possui sobre as diferentes realidades;
- O espaço e o tempo em que o sujeito formou-se caracteriza a sua noção de mundo;
- Cada sujeito possui capacidades e habilidades para produzir as ferramentas que lhe serão úteis em seu desenvolvimento pleno;

- A sapiência que um indivíduo adquire é particular a cada um.

Diante das conjecturas apresentadas, fazemos então uma reflexão sobre a aflição existente na atualidade para que professores e aprendizes sejam os sujeitos que farão a mudança na educação e possam criar novas situações em que a aprendizagem ocorra e novas culturas sejam difundidas.

A maior dificuldade ainda é a ideia de romper com o tradicional, sistema que não acompanha a geração globalizada e dificulta a transformação do mundo.

Nos estudos de Brandão (1994), observamos que este ao discutir paradigma, define-o como um sistema que prega verdades universais, No caso da educação, esta apresenta várias visões de mundo paradigmáticas que necessitam encontrar práticas que a modifiquem, como escreveu Toffler (1970), um sistema educacional que tenha o objetivo de adaptar o aluno a realidade futurista da humanidade.

Fica cada vez mais clara a necessidade da reformulação do sistema de ensino para que este supra as necessidades apresentadas pelo atual contexto da sociedade.

A contemporaneidade exige uma escola que realmente eduque para a vida, possa desenvolver especificidades e habilidades de um indivíduo e que o sujeito aprendiz possa sentir-se ainda autônomo da formação do seu conhecimento.

A sociedade que emerge na nova ordem do mundo valoriza o conhecimento e não só reconhece como necessita com urgência da inovação pedagógica. Nesse sentido, a instituição escolar passa ter como missão engajar o sujeito numa realidade de era globalizada e interesses capitalistas.

A proposta da inovação é que sejam criadas novas rotinas, com perspectivas diferentes de aprendizagem e que mudanças sejam efetuadas na estrutura do dia a dia de uma escola.

O Cordel apresenta-se como um elemento de muita expressividade cultural no Brasil, seja no Nordeste ou em outras regiões, os folhetos com suas histórias disponibilizam estratégias para envolver o aprendiz com a leitura e para que este possa fazer uma compreensão da realidade que o cerca legítima. Assim, este se torna aliado em um processo de formação de discentes.

Quando tratamos de mundo globalizado, falamos em avanço por meio da informação. Goodman (1995, p.34) expõe que: “A leitura é uma aventura de amostragem seleção de predição, de comparação e de confirmação pela qual o

leitor seleciona uma amostra das pistas gráficas úteis, baseado no que vê e espera ver”.

Quando nos remetemos a chegada dos folhetos de cordel ao Brasil, vemos este sendo inserido pelos colonizadores europeus no interior brasileiro e durante meados do século XIX passa a fazer parte de uma cultura considerada regional. Para Batista (1997, p.4) “a organização da sociedade patriarcal, o surgimento de manifestações messiânicas, o aparecimento de bandos de cangaceiros ou bandidos, as secas periódicas provocando desequilíbrios econômicos e sociais, as lutas de família, entre outros” fizeram da Literatura de Cordel um gênero popular que por um longo tempo foi um recurso nordestino utilizado para divulgar a cultura do seu povo e ao mesmo tempo, potencializar a discussão e compreensão de realidades internas ou externas.

O folheto estabelece uma via de transição entre uma realidade dura, muitas vezes dramática, e um mundo imaginário que lhe fornece as chaves da compreensão do real. Essa passagem servirá tanto para ligar o cotidiano ao sonho, quanto para inserir a história maravilhosa na vida de todos os dias (SANTOS, 2006, p. 73).

Partindo desse requisito, percebemos que a instituição escolar possui a oportunidade de abordar a Literatura de Cordel utilizando todos os recursos que esta oferece, desde uma discussão reflexiva sobre problemas sociais da atualidade, questões histórico-culturais, a crítica situação política em que se encontra o país e as perspectivas econômicas deste, pois estes são processos que fazem parte da formação do indivíduo enquanto cidadão. Quando o cordel é utilizado para os objetivos citados anteriormente, o discente é o alvo, pois é ele que fará uma leitura significativa, apresentará uma compreensão, fará reflexos acerca do estudado, discutirá de forma crítica e assim poderá fazer uma reescrita ou ainda dar novos significados ao que descobriu a partir de suas vivências.

A instituição escolar possui parâmetros para orientá-la na proposta de desenvolvimento do aprendiz. Para que este potencialmente desenvolva um senso coerente e crítico sobre algo que lhe foi mostrado, há uma necessidade de percepção para que este possa compreender múltiplas possibilidades e se abra ao mundo com a possibilidade de expressar-se e entender a influência da cultura e das suas representações na vida de um povo.

O folheto de cordel tem uma expressividade muito ascendente e pode ser grande colaborador no processo de amadurecimento e construção de diversas visões do mundo globalizado. O aprendiz nesse processo aperfeiçoa suas habilidades cognitivas e discursivas.

A Literatura de Cordel, considerada interdisciplinar, é tida como de natureza distinta em relação ao que se propõe nos livros didáticos. Por ter um caráter diferenciado, seu uso pode estimular o aluno a explorar as mais variadas vozes da sociedade analisando os poetas do povo e seus escritos.

O docente quando se propõe a trabalhar com o cordel, deve antes de tudo, dar novos significados a este para que possa incentivar seu aluno a utilizá-lo para efetivar uma reflexão sobre determinadas realidade.

A inovação pedagógica tem como proposição a criação de uma relação horizontal plena entre professores e alunos, de maneira que estes possam trocar conhecimentos de forma recíproca, e que tais saberes sejam construídos e desconstruídos. Segundo Piaget (1990):

O conhecimento não procede, em suas origens, nem de um sujeito consciente de si mesmo, nem dos objetos já constituídos (do ponto de vista do sujeito) que se lhe impoariam: resultaria de interações que se produzem a meio caminho entre sujeito e objeto e que dependem, portanto, dos dois ao mesmo tempo, mas em virtude de uma indiferenciação completa e não de trocas entre formas distintas (PIAGET, 1990, p.8).

Dizemos então que o conhecimento é como resultante das construções elaboradas pelo aluno mediadas por um professor, que diante de uma postura de humanização, apresente situações em que o aprendiz crie suas colocações.

Defende Papert (1997), que o processo de aprendizagem deve iniciar no sujeito e só este terá a possibilidade de usar seus saberes para enfrentar a vida. Se este tiver sido engajado em atividades que o levarão a refletir e posicionar-se diante do mundo, o ensino-aprendizagem ocorreu. Por isso o autor define a arte de aprender como matética e considera que esta ocorre quando explora-se ativamente o processo que envolve a construção do conhecimento. Assim, quando os problemas da vida real, aquela fora dos muros da escola, aparecerem, os discentes terão discernimento para lidar com eles.

A Literatura de Cordel oferece possibilidades para que o discente consiga estabelecer relações verídicas em relação ao seu lugar, sua região ou seu país,

vivenciando uma prática considerada sociointeracionista, onde suas concepções serão reveladas para seu progresso enquanto cidadão da Era da Globalização.

### **5.5 O Cordel Como Meio de Construção da Aprendizagem Significativa**

Há várias concepções teóricas sobre a aprendizagem significativa. Uma delas apresenta a aprendizagem como algo construído pelo aluno e não aquilo que é apenas memorizado de forma mecânica.

Ausubel (1976) é um dos defensores de uma escola onde o aluno é ativo e acredita que o discente possa aprender através de descobertas e por meio da receptividade do conhecimento.

Sobre o dinamismo da aprendizagem significativa:

Quando um novo conteúdo (ideias ou informações) relaciona-se com conceitos relevantes, claros e disponíveis na estrutura cognitiva, sendo assim assimilado por ela. Estes conceitos disponíveis são os pontos de ancoragem para a aprendizagem. [...] Para que este conceito seja assimilado por sua estrutura cognitiva, é necessário que a noção de aprendizagem apresentada pelos cognitivistas já esteja lá, como ponto de ancoragem. E esta nova noção de aprendizagem significativa, sendo assimilada, servirá de ponto de ancoragem para o conteúdo que se seguirá (BOCK, FURTADO, TEIXEIRA, 2006, p.118).

Segundo estudos efetuados por Pelizzari et. al. (2002, p.38), “a aprendizagem é muito mais significativa à medida que o novo conteúdo é incorporado às estruturas de conhecimento de um aluno e adquire significado para ele a partir da relação com seu conhecimento prévio”.

A aprendizagem discente ocorre quando este consegue atribuir significados resultantes de uma interação efetuada com outras ideias que já existem em sua cognição. Por esse motivo, se faz necessário que o professor observe e considere o conhecimento que seu aluno possui.

É importante reconhecer que a aprendizagem significativa (independente do tipo) não quer dizer que a nova informação, simplesmente, uma espécie de ligação com elementos preexistentes na estrutura cognitiva. Ao contrário, somente na aprendizagem mecânica é que uma simples ligação, arbitrária e não substantiva, ocorre com a estrutura cognitiva preexistente. Na aprendizagem significativa, o processo de aquisição de informações resulta em mudança, tanto da nova informação adquirida como no aspecto especificamente relevante da estrutura cognitiva ao qual essa se relaciona (AUSUBEL, 1978 apud MOREIRA, 2006, p. 25).

Numa perspectiva da teoria construtivista a ideia de construir uma aprendizagem remete a atribuição pessoal de novos significados em relação aos conteúdos administrados pela instituição escolar. Nesse sentido, o docente é um facilitador para que esses significados sejam despertados de maneira consciente.

Coll destaca que possivelmente a aprendizagem significativa ocorre quando o conteúdo aplicado possui significados lógicos, assimiláveis que são capazes de se relacionar com o conhecimento prévio do aprendiz e quando este se encontra motivado para aprender.

Piaget (2009, p. 17) afirmou o seguinte: “compreender é inventar ou reconstruir por reinvenção”. A aprendizagem é considerada significativa quando um aprendiz demonstra que adquiriu habilidades e consegue relacionar vários conteúdos e articular a estes novos significados. Consegue traduzir utilizando palavras pessoais ou ainda fazer a captação da essência daquilo que foi ensinado e expressar isto de várias maneiras.

Ausubel defende que para o discente conseguir aprender, este precisa estar motivado e cabe aos docentes buscarem formas e materiais de potencializar tal motivação e conseqüentemente a estrutura cognitiva deste, o que resultará em um processo de aquisição e organização de ideias.

O modo como organizamos os conceitos obedecem ao critério de hierarquia. Ou seja, os conceitos de maior abrangência, mais complexos e mais relevantes devem estar no topo dessa hierarquia e servem de ancoragem para conceitos, imagens ou representações menos complexas, com menor poder de generalização (MENDES *et al*, 2002, p 95).

O Cordel torna-se um elemento educativo quando este promove a socialização e faz com que o indivíduo elabore sentidos a partir da sua leitura e compreensão.

Muitos poetas do povo consideram o Cordel como um dos recursos mais expressivos em relação aos saberes vividos e o imaginário coletivo de um determinado grupo.

A Literatura de Cordel também é considerada um recurso para promover a transposição de saberes quando determinadas histórias, através da oralidade e da escrita dos livretos, narram histórias que passam de geração para geração. Partindo desse pressuposto, entendemos que esta passa a ser uma ferramenta importante

para os sujeitos sociais elaborarem suas visões de mundo e darem novos significados as suas práticas e vivências, conforme explicou Farias (2006, p.30)“permite, ainda, extrapolar os limites da compreensão lógica sobre o mundo, rompendo, assim, com o nosso modelo de educação escolar”.

O Cordel revela caracteres históricos e sociais do Brasil, podendo ser envolvido no processo educativo quando este possui a capacidade de revelar novos olhares e perspectivas e relação a valores e identidades.

A Literatura de Cordel dentro de uma proposta pedagógica inovadora objetiva uma aprendizagem significativa, uma vez que esta quando utilizada através de planejamento e aplicação eficaz, desenvolve habilidades de observação e reflexão, estimulando os aprendizes a criarem a partir dos seus entendimentos, contextos de aprendizagem considerados dinâmicos.

Considerando que o cenário da era da Globalização exige vivências educativas inovadoras, entendemos que a sociedade evoluirá requerendo saberes distintos e articulação entre o que se compreende e o que se vivencia. O professor diante dessa problemática precisa agir em parceria com o dinamismo e com a inovação, para tornar sua realidade sedutora e prazerosa. Diante disso, observamos que:

A transição de um paradigma em crise para um novo do qual pode surgir uma nova tradição de ciência normal está longe de ser um processo cumulativo obtido através de uma articulação do velho paradigma. É, antes, uma reconstrução da área de estudos a partir de novos princípios, reconstrução que altera algumas das generalizações teorias mais elementares do paradigma, bem como muitos de seus métodos e aplicações. Durante o período de transição haverá uma grande coincidência (embora nunca completa) entre os problemas que podem ser resolvidos pelo antigo paradigma e os que podem ser resolvidos pelo novo (KUHN, 1998, p.116).

A Literatura de Cordel possibilita que o docente execute atividades distintas que propiciem o desenvolvimento de novas habilidades e permitam que o aprendiz assimile novos conhecimentos e possa lidar com situações inesperadas, resolvendo-as, pois seus saberes adquiridos são significativos e foram construídos através de interpretações coerentes da realidade.

**PARTE II – O ESTUDO EMPÍRICO DA LITERATURA DE CORDEL NO 5º ANO DE UMA  
ESCOLA MUNICIPAL**

## 6 A METODOLOGIA PARA O ESTUDO

Este capítulo objetiva descrever a metodologia utilizada para a realização da investigação do uso do Cordel em sala de aula em uma turma do 5º ano da Escola Municipal Antônio Artur.

Pretendemos expor as concepções teórico-metodológicas que foram utilizadas para nortear a investigação, servindo estas de suporte para a justificação da metodologia empregada, os instrumentos usados para a coleta de dados, o local onde a pesquisa foi desenvolvida e o perfil dos sujeitos investigados, a partir da efetuação de uma pesquisa qualitativa com abordagem etnográfica.

Para que o conhecimento científico seja construído, a realização de pesquisas torna-se primordial. Esta, para ser efetuada, precisa promover um confronto entre os dados que foram obtidos em uma determinada realidade social e as teorias existentes sobre esse determinado conhecimento. Conforme os estudos de Lüdke e André (1986), André (1995) e Demo (2000), nenhum pesquisador deve se desprender dos seus conhecimentos para estudar uma realidade em particular. Portanto, quando nos propomos a fazer uma pesquisa científica, se faz necessário a definição clara do objeto, o trajeto que será efetuado, as etapas que serão seguidas, os instrumentos que serão utilizados, as técnicas que serão empregadas, a maneira como os dados serão coletados. Todos os procedimentos precisam ser definidos para que a metodologia seja executada.

O estudo do emprego da Literatura de Cordel em uma sala do 5º ano de determinada escola municipal foi norteador por concepções teórico-metodológicas baseadas na etnografia, principal abordagem utilizada para a efetuação desse estudo.

A observação participante foi uma das principais técnicas empregadas com a finalidade de se obter argumentos teóricos. Para isto, as observações foram registradas em um diário etnográfico, entrevistas semi-estruturadas foram realizadas e vídeos e áudios foram gravados com a finalidade de recolha de dados para efetuação da pesquisa qualitativa.

O locus da pesquisa em questão, assim como os sujeitos participantes deste estudo foram apresentados e descritos.

Também apresentamos o estudo que foi realizado, o curso tomado e os rumos aos quais a pesquisa nos levou, descrevendo e interpretando as questões investigadas.

Quando tratamos de uma pesquisa científica, devemos compreender que esta é “um procedimento reflexivo, sistemático, controlado e crítico, que permite descobrir novos fatos ou dados, relações ou leis em qualquer campo do conhecimento”( ANDER – EGG apud FERREIRA 1998,p. 117). Por tais motivos, esta exige determinados procedimentos, roteiros a serem seguidos, etapas a serem estruturadas, instrumentos a serem definidos, descrição dos indivíduos participantes da investigação, a maneira como os dados serão coletados e como estes serão analisados e interpretados.

Uma pesquisa científica portanto, necessita do emprego da metodologia científica, que pode ser definida como um conjunto de métodos, técnicas e processos que devem explorados durante um estudo que tenha a finalidade de contruir conhecimentos e modificar a realidade.

Etimologicamente, a palavra metodologia vem dos termos gregos “meta”- ao largo, “odos”- caminho e “logos”- estudo. Podemos então defini-la como um conjunto de métodos disponibilizados para uso coerente ao se realizar uma pesquisa acadêmica, examinando, descrevendo e avaliando técnicas e métodos que viabilizam a coleta de dados e o processamento destes, intencionando a busca por soluções para problemas ou a investigação de determinadas questões. Procedimentos e técnicas são aplicados e observados objetivando a construção de novos saberes que terão sua validade social comprovada, assim tal conhecimento passa a ser considerado científico.

#### Segundo Trujillo Ferrari:

O método científico é um traço característico da ciência, constituindo-se em instrumento básico que ordena, inicialmente, o pensamento em sistemas e traça os procedimentos do cientista ao longo do caminho até atingir o objetivo científico preestabelecido (1974, p. 21).

Este capítulo intenciona discutir a etnografia, abordando os meios para se efetuar uma pesquisa qualitativa e a sua importância no processo de construção do conhecimento.

Durante a década de 1950 do século XX, as pesquisas eram norteadas pelas teorias e metodologias presentes no paradigma positivista. Encontramos nos estudos de Lüdke e André as seguintes definições:

Paradigma por indicar uma espécie de modelo, de esquema, de maneira de ver as coisas e de explicar o mundo. Positivista por ter sua origem remota no filósofo francês Augusto Comte que, no início do século passado, lançou as bases de uma sociologia positivista, para a qual o método de estudo dos fenômenos sociais deveria aproximar-se daquele utilizado pelas ciências físicas e naturais (LÜDKE e ANDRÉ 1986).

No paradigma positivista o investigador precisava se manter separado do objeto que estava estudando, para que as suas concepções não influenciassem sua pesquisa. Defendia-se a neutralidade científica.

Com a evolução das mais variadas ciências, o positivismo começou a ser questionado devido a visão unilateral que o pesquisador acabava obtendo durante sua investigação.

Outros paradigmas começaram a ser discutidos uma vez que uma pesquisa pode evidenciar várias interpretações sobre determinado objeto. É nesse momento que surgem pesquisas propondo uma abordagem qualitativa, permitindo a utilização de variadas técnicas e diversos instrumentos que possibilitem uma análise mais detalhada. Para Oliveira (2007), a abordagem qualitativa surgiu:

[...] como sendo um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para a compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação. Esse processo implica em estudos segundo a literatura pertinente ao tema, observações, aplicação de questionários, entrevistas e análises de dados, que deve ser apresentada de forma descritiva (OLIVEIRA, 2007, p.37).

A abordagem qualitativa proporciona ao pesquisador a capacidade de entender os fenômenos sociais e suas complexidades, segundo Dilthey(1995). Esta parte da ideia que os seres humanos agem conforme seu valores e necessidades.

Destacaremos nos próximos capítulos a pesquisa etnográfica e sua abordagem qualitativa através dos conceitos e estudos formulados pelos seguintes teóricos: Lapassade (2005), Fino (2003), Sousa (2008), Rockwell (1986) Lüdke e André (1986), André (1995 e 1997), Beaud e Weber ( 2007) e Ghedin e Franco (2008).

## 6.1 TIPO DE ESTUDO: ETNOGRÁFICO

Ao buscarmos concepções sobre a etnografia, encontramos um termo com amplas designações. Para Lapassade (2005, p.148) esta trata-se da “descrição (grafia) de um etnos (termo que designa um povo, uma cultura).” O autor ainda especifica que o pesquisador que faz uso da etnografia, deve fazer observações participantes, entrevistas e analisar os dados coletados em campo com a intenção de interpretá-los.

Nos estudos de Souza (2008, p.6) “etnografia significa escrita, uma descrição de [...]” e esta etnografia “surge como uma forma diferente de investigação educacional em franca oposição ao paradigma positivista proveniente da psicologia experimental e da sociologia quantitativa.” (SOUSA, 2004, p.16).

Fino (2008) compreende que a etnografia é a descrição das ações metodológicas que foram utilizadas para a efetivação de uma pesquisa.

[...] a etnografia deve ser entendida como a descrição de uma cultura, que pode ser de um pequeno grupo tribal numa terra exótica, ou de uma turma de uma escola dos subúrbios, sendo a tarefa do investigador etnográfico compreender a maneira de viver do ponto de vista dos nativos da cultura em estudo (FINO, 2008, p. 1).

Para Ghedin e Franco (2008) “a etnografia é a ciência da descrição cultural e tem como pressuposto a ideia de que o pesquisador deve compreender o significado latente dos comportamentos dos sujeitos” (p.187).

No entendimento de Angrosino “a etnografia é a arte e a ciência de descrever um grupo humano – suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças” (ANGROSINO, 2009, p. 30).

Segundo Spradley (*apud* LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p.13-14) a etnografia está baseada em um sistema com o intuito de descrever os significados que a cultura possui para os sujeitos de um determinado grupo.

Beaud e Weber também contribuem nas definições esclarecendo que “[...] a etnografia não julga, não condena em nome de um ponto de vista ‘superior’. Ela procura antes de tudo compreender, aproximando o que está distante, tornando familiar o que é estranho” (BEAUD e WEBER 2007, p.10).

Com base nas definições acima citadas, concluímos que o estudo do emprego do cordel em uma sala do 5º ano de uma escola municipal deve ser auxiliado pela etnografia visando a descrição das mudanças ocorridas naquele espaço observando e entendendo os significados destas para os seres envolvidos.

Rockwell (1986), atesta que a etnografia estabelece uma noção de pesquisa diferente das que eram formalizadas pelos paradigmas tradicionais. Para ele:

A palavra etnografia se refere tanto a uma forma de proceder na pesquisa de campo, como ao produto final da pesquisa: classicamente, uma monografia descritiva. Na antropologia, o termo denota muito mais uma ferramenta de coleta de dados e não equivale à observação participante que a sociologia integra como técnica. Tampouco costuma identificar-se apenas como método. Insiste-se muito mais em que ela seja um 'enfoque' ou uma 'perspectiva', algo que articula com método e teoria, mas que não esgota os problemas nem de um nem de outro (ROCKWELL, 1986, p.32).

Na educação, a etnografia não é apenas mais uma técnica adotada e sim a metodologia baseada em teorias. Durante a década de 1970, do século XX, a etnografia era utilizada apenas por estudiosos dos ramos da sociologia e antropologia. Anos depois é que educadores passaram a utilizá-la, segundo Lüdke e André (1986).

E foi durante a década de 80, também do século XX, que a Etnografia tornou-se popular em estudos que descreviam atividades ocorridas em sala de aula e as relações que eram construídas dentro do espaço escolar, utilizando instrumentos como questionários, entrevistas, fotografias e outros que, ao serem analisados demonstravam determinados significados para quem pesquisava e para os pesquisados.

As cenas rotineiras tornam-se, por vezes, invisíveis às observações comuns da etnografia, isto é, os instrumentos por ela utilizados para coletar e analisar os dados — imagem — surgem como alternativa para tornar mais visíveis as rotinas a serem estudadas, além de permitir, tanto ao pesquisador quanto aos participantes da pesquisa, a tomada de consciência sobre a necessidade ou não de uma mudança de rotina (ERICKSON; SCHULTZ, 1977).

O indivíduo quando utiliza a abordagem etnográfica, trabalha criando novas hipóteses, executa várias análises para interpretar uma específica situação. Assim, fica evidente a necessidade da execução de uma pesquisa etnográfica em uma sala do 5º ano e seu uso do cordel, descrevendo-a, analisando-a e interpretando-a para

entender os fenômenos ocorridos nesta e as relações estabelecidas entre seus participantes, no intuito de descobrir uma possível inovação pedagógica. Tal estudo, portanto foi desenvolvido a partir de instruções contidas na metodologia qualitativa etnográfica. Para Spradley:

O trabalho etnográfico é ‘uma ferramenta útil para a compreensão do modo como outras pessoas vêem suas experiências, devendo ser encarada mais como uma ferramenta de aprender com as pessoas do que um utensílio para estudar essas pessoas’ (*apud* FINO, 2003, p. 3).

Rockwell (1986) afirma que o etnógrafo, conforme vai fazendo suas observações, este também formula suas interpretações, pois a etnografia, possibilita que haja a construção conjunta da teoria e da pesquisa empírica. Em sua concepção “A elaboração teórica é não apenas condição prévia da pesquisa [...] mas se constitui [...] num excelente método para unir a pesquisa empírica com o processo de construção teórica” (ROCKWELL 1986, p. 49).

Para praticar a Etnografia, o indivíduo precisa além de estabelecer determinadas relações, mapear o campo de estudo e utilizar um diário, essencial para uma escrita densa de significados, tornando possível compreender as interpretações culturais, estando sensível para entender o outro.

Segundo a opinião dos livros-textos, praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário e assim por diante. Mas não são estas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que o define é um tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma descrição densa (GEERTZ, 1989, p15).

Estudos revelam que onde há um agrupamento de sujeitos, existe uma ordem social que foi desenvolvida para suprir a necessidade daqueles indivíduos (GOFFMAN,1981) tendo um significado distinto. Por isso, a etnografia interessa-se pelo local onde tais relações sociais acontecem.

Se considerarmos o processo educativo como algo cultural, entenderemos que o modo de um sujeito pensar e viver são construídos a partir das suas relações com o outro e a maneira como os saberes são criados passam a ser objeto de

estudo para o pesquisador-etnógrafo, uma vez que a Etnografia trabalha com a formulação de hipóteses de que toda estrutura social é uma construção feita por vários atores ligados a uma determinada comunidade, considerando simbolismos, padrões sociais e práticas discursivas.

Lapassade (2005) defende que as teorias são construídas quando as trocas ocorridas entre sujeitos são resultantes da participação que estes exercem na situação pesquisada. Por isso se faz importante que o pesquisador esteja temporariamente no campo de pesquisa e participe deste.

Spradley (1979 *apud* FINO, 2003, p. 3) em suas considerações sobre a etnografia deixa claro que esta é uma maneira para se aprender com os indivíduos e não sobre eles.

A Etnografia tem sido aplicada na pós-modernidade nos mais variados campos de estudo, conforme relatado acima, sendo possível percebê-la em pesquisa sobre gênero, folclore, psicologia, enfermagem, direito e várias outras áreas, pois esta trabalha com registros sensíveis capazes de explicarem as mudanças sociais e estruturais de uma comunidade, partindo do ponto de vista das pessoas investigadas, como elas se sentem e lembram-se das suas experiências.

O etnógrafo surge diante de seus sujeitos como um intruso desconhecido, geralmente inesperado e frequentemente indesejado. As impressões que estes têm dele determinarão o tipo e a validade dos dados aos quais será capaz de ter acesso e, portanto, o grau de sucesso de seu trabalho. Entre si, o etnógrafo e seus sujeitos são, simultaneamente, atores e público. Têm que julgar os motivos e demais atributos de uns e de outros com base em contato breve, mas intenso, e, em seguida, decidir que definição de si mesmos e da situação circundante desejam projetar; o que revelarão e o que ocultarão, e como será melhor fazê-lo. Cada um tentará dar ao outro a impressão que melhor serve aos seus interesses, tal como os vê (BERREMAN, 1980, p. 141).

Por tais motivos, na pesquisa sobre a utilização do cordel em uma sala do 5º ano de uma determinada escola municipal, a pesquisadora participante da investigação, observa os sujeitos pesquisados e interpreta-os vislumbrando a inovação pedagógica.

Concluimos que a etnografia quando é aplicada a um determinado contexto educacional, esta possibilita que haja um relação entre o ambiente em questão e os indivíduos que atuam neste através de “um olhar já não de alguém superiormente

estranho, que vem de fora para observar, mas um olhar interessado, implicado, ou seja, um olhar etnográfico” (SOUSA, 2000, p.5).

Sobre o uso da etnografia no campo educacional, Fino expressa que:

[...] a etnografia da educação, sobretudo por recusar qualquer possibilidade de arranjo de natureza experimental, e por, ao invés, estudar os sujeitos nos seus ambientes naturais, pode constituir uma ferramenta poderosíssima para a compreensão desses intensos e complexos diálogos inter-subjectivos que são as práticas pedagógicas. Um diálogo inter-subjectivo, o que decorre entre os actores que povoam um contexto escolar, e narrado de “dentro”, como se fosse por alguém que se torna também actor para falar com um deles (FINO, 2008b, p. 4).

Dessa forma, percebemos que a etnografia precisa da interação com o contexto que está sendo pesquisado, tanto com o ambiente educacional em questão quanto com os participantes da situação.

O processo de pesquisa apresenta algumas incertezas no início e ao longo desta, novas configurações vão surgindo e os fatos ocorridos, assim como os dados coletados passam a ser compreensíveis, permitindo que o trabalho seja estruturado.

Observamos então, a Etnografia vem sendo experimentada e reconhecida por aqueles que fazem a sociedade, através de um investigador, tentando descrever experiências vistas, sentidas e vividas em suas totalidades.

Essas totalidades são identificadas e descritas por categorias que apresentam um duplo estatuto: surgem a partir do reconhecimento de sua presença empírica, na forma de arranjos concretos e efetivos por parte dos atores sociais, e podem também ser descritas num plano mais abstrato. Nesse caso, constituem uma espécie de modelo, capaz de ser aplicado a contextos distintos daquele em que foram inicialmente identificados. São, portanto, resultado do próprio trabalho etnográfico, que reconhece os arranjos nativos, mas que os descreve e trabalha num plano mais geral, identificando seus termos e articulando-os em sistemas de relações (MAGNANI, 2002, p. 20).

Para Mehan (1992), Erickson (1986) e Mattos (2005), a etnografia é um processo de investigação em que o pesquisador direciona sua pesquisa pelas questões que formula e reformula ao longo do processo e, assume com isso, uma

dimensão reflexiva que o leva a uma reestruturação da pesquisa através de constantes questionamentos.

Fino (2010) evidencia que devem ser estabelecidas relações entre o que será investigado em educação e a prática pedagógica, especificamente esta caso seja inovadora. Tal investigação não deve ocorrer apenas através da contemplação mas:

também à descrição de processos pedagógicos eventualmente inovadores, avaliados a partir de um quadro conceitual apriorístico sobre inovação, mas numa perspectiva de acção: a própria investigação guiada por um sentido transformador, a partir de uma visão macro da escola e das suas relações com o envolvimento (FINO, 2010, p. 02).

Diante disso, o autor esclarece que a finalidade ao se desenvolver uma investigação não é apenas confirmar se as práticas realizadas são ou não inovadoras, pois o pesquisador pode em seu exercício estabelecer relação entre o que está sendo investigado e a inovação.

Ainda fazendo referência ao supracitado autor, encontramos que o Mestrado em Inovação Pedagógica tem como finalidade verificar que:

A escola que temos enfrenta sérios problemas, nomeadamente o problema da obsolescência, e o da necessidade de serem encontradas saídas para eles. Nunca se tratou [...] de se procurar uma visão meramente descritiva, mas antes um propósito deliberado de se passar à acção, sem a qual a investigação em educação numa questão absolutamente crucial, como é a inovação pedagógica, nunca ultrapassará a mera atitude contemplativa, eventualmente erudita, mas conduzirá muito para além dela (FINO, 2010, p. 6).

A inovação pedagógica ocorre quando são provocadas transformações nas práticas dos alunos e dos professores e estas através da etnografia podem ter uma melhor compreensão.

### **6.1.1 Problemática e Questão da Pesquisa**

Quando iniciamos uma pesquisa, determinamos que existe uma problemática e buscamos diagnosticá-la para encontrar uma solução. Tal problemática norteará a investigação.

A problemática da presente investigação é buscar o entendimento de como a Literatura de Cordel está contribuindo para uma prática discente significativa no 5º ano da Escola Antonio Artur, em Pesqueira, Pernambuco, pesquisando e analisando as práticas pedagógicas que estão sendo desenvolvidas nesse espaço.

O ponto inicial da investigação parte da seguinte indagação: Como a Literatura de Cordel pode se caracterizar numa estratégia de construção de uma prática pedagógica inovadora no 5º ano de uma escola municipal de Pesqueira/PE/Brasil?

Segundo os estudos de Afonso (2005), após o problema inicial da pesquisa ser definido, as questões específicas devem ser idealizadas, para que uma estrutura de investigação seja formada. As respectivas questões específicas da atual investigação são:

- Que tipo de ação dinâmica acontece na sala do 5º ano?
- Como é construído conhecimento a partir da Literatura de Cordel?
- As atividades desenvolvidas com a Literatura de Cordel oportunizam práticas pedagógicas inovadoras?
- Como o comportamento da professora e dos alunos rompe com o paradigma tradicional?
- O trabalho efetuado em sala de aula com o cordel contribui de que maneira para a formulação de uma aprendizagem significativa para os discentes?

Com base nos pressupostos apresentados, surge a atual investigação, que tem a intenção de analisar as contribuições do Cordel no ensino fundamental, partindo da concepção que o considera uma manifestação popular artística que representa diferentes realidades sociais de forma direta e crítica, propondo que o uso da linguagem seja visto como meio fundamental para a construção de significados e identidade do aluno, pesquisando determinado ambiente educacional com o objetivo de perceber que práticas ocorrem neste de acordo com a compreensão sobre a Inovação Pedagógica.

### **6.1.2 Objetivos da Pesquisa**

Diante do contexto da pesquisa, tivemos o seguinte objetivo geral, norteador do programa de investigação:

- Analisar como a Literatura de Cordel pode se caracterizar numa estratégia na construção de uma prática pedagógica inovadora no 5º ano de uma escola municipal de Pesqueira/PE/Brasil.

Pretendendo esmiuçar o objetivo geral apresentado, julgamos conveniente esclarecê-lo através dos seguintes objetivos específicos:

- Realizar um estudo sobre a Literatura de Cordel;
- Investigar a prática pedagógica vivenciada no 5º ano do Ensino Fundamental da Escola Antonio Artur;
- Descrever a prática pedagógica com a Literatura de Cordel em uma escola municipal de uma área periférica;
- Observar como o uso da Literatura de Cordel pode consubstanciar inovação pedagógica numa turma de 5º ano do Ensino Fundamental.

Guiados pelos objetivos apresentados acima, pretendemos descrever a realidade pesquisada, analisá-la e interpretar os fenômenos observados e as transformações ocorridas em uma sala do 5º ano da Escola Antônio Artur.

### **6.1.3 Justificativa da Pesquisa**

O Cordel é uma narrativa poética construída em versos muito popular no Nordeste do Brasil. Surgiu na Europa e foi trazida para nosso país através dos portugueses, durante o século XVII, período da colonização, onde este era comercializado em folhas soltas.

Antes a Literatura de Cordel era censurada, hoje é aclamada e respeitada, tendo sua própria Academia Brasileira de Literatura de Cordel. Os textos estão cada vez mais valorizados no Brasil e no mundo, apresentando temas diversos que vão desde as narrativas populares até histórias de amor, ficção, caráter jornalístico e outros.

A partir de tais pressupostos, tentaremos investigar as práticas pedagógicas desenvolvidas em determinado ambiente escolar, onde os folhetos são utilizados para estimular o hábito da leitura e escrita, auxiliando diversas disciplinas como recurso na intenção de discutir aspectos globais da sociedade e levar os alunos a interpretar e conhecer outras linguagens e debater temas relacionados a cultura, ética, sexualidade, drogas, violência, bullying, desigualdade social, política e outros e

investigar se a aprendizagem nesse contexto possui caráter significativo e contribui para uma reflexão crítica da sociedade.

#### 6.1.4 O *Lócus* da Pesquisa

O presente estudo foi realizado na Escola Municipal Prefeito Antônio Artur de Almeida Soares, da rede municipal de educação, localizada na Rua Mestre Alexandre, S/Nº, Bairro da Caixa D'água, na cidade de Pesqueira, estado de Pernambuco, Brasil.



Figura nº 17: Prédio principal da Escola Municipal Antônio Artur de Almeida Soares

A escola pertence à comunidade denominada Caixa D'água, que fica localizada na periferia do município de Pesqueira, com uma área de aproximadamente 290.000m<sup>2</sup>, habitada por cerca de 230 famílias, sendo composta por 1.380 pessoas. Tal comunidade está localizada há 8 km de distância da sede municipal, ficando próxima as imediações da Serra do Ororubá, terra indígena dos Xukurús. O nome da comunidade está ligado ao fato de haver no bairro uma central de abastecimento de água da COMPESA- Companhia Pernambucana de Saneamento. Há também um apelido muito conhecido na cidade, "Fato Cego", pois ali em outros tempos, havia um matadouro e as esposas dos marchantes, faziam a

lavagem das vísceras dos animais, deixando-os sem entranhas para serem vendidos no açougue municipal.



Figura nº 18: Avenida principal do Bairro da Caixa D'água



Figura nº 19: Entrada da Rua Mestre Alexandre



Figura nº 20: Principal acesso ao Bairro da Caixa D'água

A instituição escolar estudada foi inaugurada no ano de 1961, na gestão municipal do prefeito Luís de Oliveira Neves, recebendo o nome de Escola Municipal Antônio Artur de Almeida Soares. Na ocasião, a escola funcionava em uma residência adaptada.

No ano de 1988, na gestão do prefeito Evandro Mauro Maciel Chacon, a escola passou pela primeira reforma e ampliação que foi concluída um ano depois, sendo então reinaugurada na gestão do prefeito João de Araújo Leite, em 1989.

Através da Portaria 14/89 do Diário Oficial do Estado de Pernambuco de 20/02/1981 a denominação da escola foi alterada para Escola Municipal Prefeito Antônio Artur de Almeida Soares

A estrutura física da escola apresenta-se da seguinte maneira: 13 salas de aula, 01 secretaria, 01 sala de visitas, 01 biblioteca, 01 almoxarifado, 01 laboratório de informática, 01 cozinha com 02 dispensas, 11 banheiros, 01 refeitório, 01 diretoria e rampas adaptadas adequadamente para atender aos discentes com necessidades especiais. O prédio divide-se em dois, funcionando cada um destes em um lado da Rua Maestro Alexandre. Não há quadra e nem espaço para recreação. A sala de aula onde funciona o Maternal é uma casa adaptada e anexada à escola.



Figura nº 21: Prédio principal da Escola Municipal Antônio Artur



Figura nº 22: Prédio secundário da Escola Municipal Antônio Artur

Muitas restaurações e extensões foram feitas ao longo dos anos, utilizando recursos próprios do município, verbas do Ministério da Educação – MEC e recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE. A Secretaria de Educação do Município de Pesqueira considera a escola como prédio único e assim esta é gerida sendo Unidade Executora que recebe recursos federais anualmente.

São ofertados pela escola o Ensino Infantil e os dois níveis de Ensino Fundamental, reconhecidos pela inscrição estadual nº 26058545 e pelo cadastro no Ministério da Educação nº 2094380.

A Escola Municipal Antônio Artur possui diversos recursos didáticos usados como meios opcionais para o desenvolvimento de um ensino e aprendizagem com

qualidade e eficácia. São eles: aparelhos de televisão, aparelhos de DVD, projetores, aparelhos de som, caixas amplificadas, computadores, livros, mapas e muitos jogos educativos.

O laboratório de informática é pequeno, possui apenas 08 computadores, onde nem todos funcionam há meses ou estão obsoletos. Não tem boa iluminação e os aparelhos de ar condicionado também não funcionam de maneira eficaz.

Há na escola um acervo de livros didáticos e paradidáticos variado, referentes a várias disciplinas. Os mapas estão desatualizados e muitos jogos educativos encontram-se incompletos, o que prejudica o uso desses.

Nem todos os professores utilizam os recursos audiovisuais, pois não há na escola uma sala de vídeo e caso algum docente queira utilizar o projetor, este deve leva-lo para sala de aula e interliga-lo ao seu notebook.

A equipe escolar é formada por 34 funcionários, distribuídos nas seguintes funções: 01 Diretora, 01 Coordenadora, 01 Secretária, 03 Auxiliares de Secretaria, 02 Merendeiras, 07 Auxiliares de Serviços Gerais, 01 Auxiliar de Educação Infantil, 01 Porteiro. O corpo docente é composto por 17 professores, todos efetivos, graduados e a maioria possui especialização na sua área de atuação ou estão em fase de conclusão da mesma.

A realização do estudo foi autorizado por meio de um documento redigido pela diretora da escola ( ANEXO 1), permitindo a coleta de dados por meio de entrevistas, registros fotográficos e vídeos.

Conforme Coulon (1990: 68-69) “A escola é a sede de rituais complexos que regem as relações pessoais. Há jogos, equipas, ‘guerras sublimadas’, um código moral, um conjunto de cerimónias, tradições, leis.”

Para Pierre Bourdieu (1983), quando somos pesquisadores e fazemos uma determinada escolha, precisamos ficar atentos as especificações do local pesquisado, pois estas esclarecem seu funcionamento e mostram que obrigações devem ser seguidas pelos desconhecidos. Assim, o pesquisador precisa aceita-las e mostrar-se esforçado para ser aceito no grupo que pretende estudar, para que sua pesquisa tenha autenticidade e aconteça com ética e respeito à hierarquia.

Para selecionar o lócus de pesquisa, foram considerados três critérios básicos para a evolução do trabalho em campo:

- 1- Confiabilidade – capacidade de preservar as informações obtidas e protegê-las, perante uma questão de ética;

2- Privacidade – reservar o acesso a determinadas informações de um sujeito ou grupo, em relação à intimidades. É o direito a liberdade que o indivíduo possui de não ser investigado sem autorizar; e

3- Risco – Faz parte do processo de interação, pois neste caso em específico, o professor pesquisador pode inspirar no grupo investigado confiança e certa fidedignidade, o que resultará em uma pesquisa com maior autenticidade (GIDDENS; BECK; SCOTT; 1997).

O estudo foi efetuado neste determinado lócus por nove meses, considerando o final de março, abril, maio, junho, julho, setembro, outubro, novembro e início de dezembro, uma vez por semana, considerando as regras estabelecidas pela escola e a disponibilidade da turma e de sua docente.

Foi conveniente escolher determinada turma devido a quantidade de alunos, apenas 15 (considerada pequena para os padrões da cidade) e os componentes característicos da prática pedagógica da professora.



Figura nº 23: Alunos do 5º ano



Figura nº 24: Sala de aula do 5º ano

As visitas aconteceram durante as quintas-feiras, conforme horário estabelecido pela escola. Tal período configurou grande importância para que o pesquisador tivesse a oportunidade de formar uma opinião mais segura em relação aos elementos observados em sala de aula, assim não sendo influenciado apenas por eventos isolados que não trariam uma boa representatividade do dia a dia daquela unidade escolar.

O pesquisador já tinha um determinado conhecimento sobre a turma que foi selecionada para ser objeto da pesquisa e já tinha conhecimento prévio profissional sobre os participantes selecionados para a efetivação da pesquisa, fatos que favoreceram a negociação com a escola para seu espaço ser investigado e colaboraram para a criação da confiabilidade entre o observador-participante, os discentes da turma selecionada, a docente e a equipe de gestão e coordenação. Segundo Lapassade (1992, p. 43) “o clima de confiança permite ao observador não só um estatuto no interior do grupo estudado, como também participar ativamente das atividades como um membro, mantendo ao mesmo tempo uma certa distância”.

Ao longo da pesquisa, a relação entre professor, alunos, gestão escolar e pesquisador foi positiva e todos acolheram com certo envolvimento e ânimo a proposta da pesquisa, que teve como condição indispensável a permissão da professora Iolanda Santos para que o investigador pudesse observar as aulas do 5º ano.

Justificamos tais procedimentos porque utilizamos a Etnografia e esta envolve na pesquisa extensos períodos de observação para que o pesquisador tenha a possibilidade de compreender e avaliar quais são os reais significados daquelas ações para os sujeitos participantes.

Através da observação participante, das anotações feitas no diário etnográfico, das entrevistas realizadas, das gravações de vídeo, das fotografias e coleta de materiais produzidos na sala do 5º ano, fizemos o registro daquilo que consideramos ser relevante para a investigação. Os encontros aconteceram na sala de aula, conforme planejamento das ações efetuadas pela professora em relação ao tempo e espaço físico.

#### **6.1.5 Sujeitos da Pesquisa**

Participaram dessa pesquisa os alunos e alunas do 5º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Prefeito Antônio Artur de Almeida Soares e a professora Maria Iolanda Leite dos Santos. Estes foram os participantes primários, os secundários foram outros professores e a equipe de coordenação e gestão da escola.

Os sujeitos da investigação em questão, integraram-se de forma espontânea e colaborativa. Estes podem ser entendidos como sujeitos capazes de produzir conhecimentos sobre a realidade na qual estão inseridos, podendo assim dar significados aos dados encontrados durante a pesquisa e possibilitar a interpretação dos mesmos. Estes interprendem dentro de um processo de co-construção de saberes que são buscados pelo investigador.



Figura nº 25: Turma do 5º ano



Figura nº 26: Professora do 5º ano

A etnografia considera os participantes de uma pesquisa sujeitos sociais ativos que criam e recriam suas histórias e quando nos referimos a uma escola ou a uma turma, falamos de determinadas comunidades culturais que assim como uma tribo, estabelecem relações simbólicas através de várias formas de interagir, conviver, partilhar crenças, determinar hierarquias ou absolver costumes.

### 6.1.5.1 Os Discentes: Caracterização

A comunidade escolar da Escola Antônio Artur do ano letivo de 2015 foi formada por 378 alunos, distribuídos e organizados em 13 turmas, 06 funcionam no turno matutino e 07 no turno vespertino.

Os discentes dividem-se entre crianças e adolescentes. Em nossa pesquisa, observamos que boa parte dos alunos possui descendência de remanescentes da tribo Xukurú que precisaram sair da delimitação da Serra do Ororubá devido a vários processos de perseguições sofridos pelas mãos de fazendeiros e expropriação de terras.



Figura nº 27: Turma do 1º ano do Ensino Fundamental com a professora Bruna Aquino



Figura nº 28: Refeitório



Figura nº 29: Recreio para o Ensino Fundamental II

Para traçarmos os perfis dos discentes investigados, utilizaremos alguns indicadores para descrever certas características sociodemográficas.

Baseados em dados do IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e do PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, coletados em 2014, entendemos que no Brasil parte dos jovens não consegue terminar o Ensino Fundamental e, portanto não chegam ao Ensino Médio e nem ao Ensino Superior. Observamos que a ideia de acesso aos meios educacionais varia de acordo com a renda familiar e classe social ao qual pertence o aluno. Embora a educação seja um direito constitucional, se consideramos os padrões étnico-raciais, as porções negras e indígenas da sociedade encontram-se em situações desfavoráveis, em relação a renda, formação escolar, assistência médica e social.

Sendo o aluno o elemento central da ação educativa, é imprescindível que o professor detenha conhecimento do aluno e das suas características, isto é, compreenda o seu passado e o seu presente, a sua história de aprendizagem, o seu nível de desenvolvimento, a sua envolvente sócio-cultural ( ALARCÃO, 2005, p.63)

O Brasil tem apresentado possibilidades diferentes de construção de identidade, principalmente em relação às crianças e jovens, que de acordo com a

região, cultura, base social e educacional, estão condenados a um empobrecimento representativo. Silva e Oliveira (2007) afirmam que:

Muitos jovens abandonam os estudos para trabalhar e comprometem o processo de capacitação profissional e pessoal, diminuindo as possibilidades e desenvolvimento social e ocupacional futuros, aprofundando e solidificando estruturalmente as desigualdades sociais.

A comunidade escolar estudada apresenta certo desânimo em relação ao processo educacional. Devido ao contexto social em que as crianças e os jovens do Bairro Caixa D'água estão inseridos, muitos pais não estimulam seus filhos a terem formação escolar.

Especificar de maneira esmiuçada os indivíduos que estão sendo investigados – os discentes- é elementar para que a pesquisa etnográfica desenvolva-se, uma vez que objetiva-se fazer uma análise detalhada sobre os agentes da história, para propiciar significados e interpretações das ações desempenhadas por estes.

Caracterizamos os discentes selecionados para a investigação descrevendo a turma do 5º ano, do turno vespertino, com apenas 15 (quinze) alunos, 12 (doze) do sexo masculino e apenas 03 (três) do sexo feminino. Durante o ano letivo de 2015, não houve transferência e nem desistência. Os discentes pertencem a mesma classe social e mesma etnia indígena. A faixa etária varia de 10 a 12 anos.

Todos os aprendizes possuem como fonte principal da renda na família a “Fome Zero”, programa criado pelo Governo Federal e o famoso “Bolsa Escola”, também idealizado pelo governo. Em tais programas, as famílias cadastradas são obrigadas a apresentar a frequência escolar dos seus filhos, o que faz com que muitas enxerguem o ato de estudar como uma imposição e não algo primordial. “Nem todos os pais cooperam da mesma forma para o projeto de instruir seu filho, pensam com a mesma convicção ‘que é para seu bem’ e que isso justifica que ele passe tantos anos de sua vida em aula” (Perrenoud, 2000, p.120).

Todos os estudantes moram no Bairro Caixa D'água e em relação a condições de moradia, estes não dispõem de ambientes favoráveis, uma vez que há problemas de infraestrutura, saneamento básico e abastecimento de água.

Alguns chegam a instituição no início da tarde, interessados na merenda, fato constatado pela coordenação e gestão da escola, que observam as condições e qualidade de vida apresentados por estes alunos.

Dois (02) alunos repetentes apresentam uma particularidade. Trabalham pela manhã, na frente de um supermercado da cidade, carregando feiras. Estes constantemente chegam atrasados e no ano anterior, abandonaram a escola. Segundo Gomes (1999, p. 17) “muitas vezes, os estudantes preferem abandonar a escola a passar pela repetência, seja pela necessidade de trabalhar, como se observou, ou por considerar que não tem nota suficiente para passar, entre outros motivos”.

Também constatamos o envolvimento de alguns alunos com o tráfico de drogas, neste caso maconha e crack. Há um grupo de narcotraficantes no bairro em que eles moram que há anos vem sendo investigada pela Polícia Militar e Polícia Civil da cidade de Pesqueira, que tentam através de mandatos, desarticular o uso de crianças e adolescentes para distribuir drogas na comunidade e em outras áreas periféricas da cidade. Estes recebem a alcunha de aviãozinho e na maioria das vezes, entregam as drogas perante ameaças, o que acabam com a sua motivação pela vida e pelo estudo.

Durante a investigação, observamos que um dos alunos começou a apresentar comportamentos e hábitos diferentes, caracterizando o uso de drogas. Este se mostrou desmotivado e desinteressado pelas aulas. A escola tentou intervir, junto com a professora da turma.

Ao iniciarmos o processo de investigação, observamos uma turma pequena, mas agitada, porém em sua maioria, participativos em relação às aulas ministradas, interagindo com as propostas apresentadas pela professora.

Em relação à frequência, boa parte respeitava o horário da aula, apresentando pontualidade, com receio de um cancelamento do benefício dado pelo governo.

Em relação ao meio familiar dos alunos do 5º ano, a maioria possui pais separados e casados novamente. Parte das mães dos sujeitos analisados trabalham como domésticas, ganhando salários míseros e sem direitos trabalhistas. Parte dos pais trabalham na agricultura da área indígena da etnia Xukurú. O nível de escolaridade desses é baixa e alguns chegam a ser analfabetos, ou seja, incapazes de ler e escrever.

Segundo pesquisas apresentadas pelo MEC- Ministério da Educação- em 2014, o Brasil registrava treze milhões de analfabetos, ou seja, 8,3% do total de habitantes do país. O índice é maior com pessoas na faixa etária dos trinta e cinco aos quarenta anos, pois estes, dependendo da localidade em que moram, não tiveram acesso a educação.

Um dos desafios da escola no Brasil, é ofertar um número maior de vagas em todos os níveis e estruturas que incentivem o despertar do discente para os estudos, qualificando-o para o mundo globalizado.



Figura nº 30: Alunos do 5º ano sendo acolhidos pela professora no início do horário

#### **6.1.5.2 A Docente: Caracterização**

Na intenção de entender melhor o trabalho da docente, apresentaremos algumas características desta e a sua relação sócio-cultural, tanto com os alunos quanto com a comunidade.

A professora Maria Iolanda Leite dos Santos tem 34 anos, solteira, residente no município de Pesqueira, no Bairro Pedra Redonda. É mãe de dois filhos. Possui Licenciatura Plena em Letras e Espanhol. É especialista em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. Faz parte da rede municipal como professora efetiva há 04 (quatro) anos, atuando na Escola Municipal Antônio Artur, possui contrato com a

Rede Estadual de ensino (Escola Elizeu Araújo), e Rede Particular, Colégio e Curso Nossa Senhora das Graças.

A docente já morou no Bairro da Caixa D'água e tem um bom entendimento das necessidades e dificuldades da comunidade.

Conforme encontramos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Lei nº 9.394/96):

Art. 62 – A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental.

A educadora possui relevante experiência no exercício do magistério, tendo 12 (doze) anos de exercício da atividade. Assim como muitos professores brasileiros, ela também se sente desvalorizada no seu ofício e não está satisfeita com a remuneração mensal municipal e particular.

Para cumprir seus objetivos como educadora, Iolanda Santos elabora projetos através de sequencias didáticas visando a execução destes.

No caso do Cordel, a docente percebeu que o uso dos folhetos, ofereceria uma perspectiva ativa e eficaz dentro da sala de aula, permitindo espaços para a aprendizagem significativa.



Figura nº 31: Professora Iolanda construindo um cordel junto aos alunos

## 6.2 TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Segundo Bogdan & Biklen(1994), todo trabalho investigativo requer que dados sejam coletados e investigados porque dessa forma, o pesquisador terá a possibilidade de se apropriar dos fatos que está explorando.

A abordagem etnográfica permite que vários métodos para coleta sejam utilizados de maneira adequada, entre eles estão a observação participante e as entrevistas (LIMA et al, 1996, p.25).

Para que a presente pesquisa fosse realizada, utilizamos para coletar dados a observação participante, o diário etnográfico, entrevistas, análise documental, fotografias, videografia, para uma subsequente análise qualitativa dos dados.

### 6.2.1 Observação participante

A observação participante configura-se como um método eficiente para aproximar o investigador do universo em que o estudo será realizado. Esta foi fundamental durante o período em que a utilização do cordel na sala do 5º ano da Escola Antonio Artur foi estudada.

Para André (1995), a observação participante é uma das técnicas agregadas à etnografia, partindo do fundamento de que o indivíduo que faz uma pesquisa precisa ter interação com esta. Citando Bogdan e Taylor, Fino nos esclarece que:

Essa observação participante [...] é um tipo de investigação que se caracteriza por um período de interações sociais intensas entre o investigador e os sujeitos no ambiente destes, sendo os dados recolhidos sistematicamente durante esse período de tempo, e mergulhando o observador pessoalmente na vida das pessoas de modo a partilhar as suas experiências (FINO, 2007, p. 4).

Tal procedimento possibilita que o pesquisador passe um determinado período no campo de estudo e se torne membro daquele grupo através de entrosamento, oportunizando assim sua interpretação dos fenômenos ocorridos.

No entendimento de Adler e Adler citados por Lapassade, na observação participante:

O pesquisador se esforça por desempenhar um papel e adquirir um *status* no interior do grupo ou da instituição que ele estuda. Esse *status* vai

permitir-lhe participar ativamente das atividades como um membro, sempre mantendo uma certa distância: ele fica com um pé dentro e outro fora (LAPASSADE, 2005, p. 73).

O pesquisador ao participar das atividades e do cotidiano daquele espaço estudado conseguirá descrever e interpretar como este está organizado e o seu funcionamento, pois a observação participante colabora de maneira significativa para que sejam desvendados os valores e a moral dos participantes da pesquisa. “O envolvimento deliberado do investigador na situação da pesquisa é não só desejável, mas essencial, por ser essa forma a mais congruente com os pressupostos da observação participante” (MACEDO, 2010, p. 97).

As observações necessárias para a realização da pesquisa foram feitas in loco e em variados momentos, considerando as linguagens apresentadas, comportamentos e ações, considerando envolvimento e distanciamento a fim de formular uma compreensão sobre a realidade investigada.

Para Spradley (1980), é essencial que o pesquisador perceba as situações em que lhe é conveniente se aproximar e aquelas em que o afastamento é coerente em relação ao grupo investigado, para que este possa fazer melhor análise dos acontecimentos.

A observação participante nos permitiu a realização de um contato retilíneo com os eventos e fenômenos ocorridos na investigação, visando o levantamento de dados a respeito da realidade observada.

### **6.2.2 Diário Etnográfico**

Uma das técnicas utilizadas para acompanhar e registrar os acontecimentos na sala do 5º ano da Escola Antônio Artur enquanto esta fazia uso da Literatura de Cordel foi o diário etnográfico.

Brazão apresenta a seguinte definição para diário etnográfico: “é um instrumento utilizado pelo investigador etnógrafo para o registro do seu trabalho de campo e desde o início do século passado veio assumir um estatuto de instrumento de pesquisa” (BRAZÃO, 2007, p. 289).

Também chamado de diário de campo, diário de itinerância, diário de bordo e ainda diário de observações, segundo Fino (2008), o diário etnográfico tem como

objetivo através das anotações do pesquisador, apresentar reflexões e explicações sobre o estudo, conforme o ponto de vista do investigador.

Os registros das observações foram organizados em um diário etnográfico na intenção de que a partir deste, seria possível fazer análises a cerca dos processos vivenciados no espaço escolar. E estes foram complementos à observação participante, pois segundo Macedo (2010) as anotações do diário de bordo:

[...] permitem que sejam destacadas observações particulares sobre aquilo que seja de interesse, sobre um evento ou uma situação que se quer investigar com mais profundidade; ou ainda outras leituras sobre o tema observado ou que tenham surgido de suas observações (MACEDO, 2010, p. 93).

Lapassade (2010) destaca sobre o diário etnográfico que, a utilização deste é relevante para a pesquisa pois, em suas anotações estarão intrínsecos os seguintes fatores: o tempo utilizado para realização da pesquisa, o lugar em que as ações aconteceram, as circunstâncias sociais vivenciadas, a linguagem empregada no meio pesquisado, o grau de intimidade do pesquisador com o mundo investigado e o consenso social, ou seja, o investigador elaborando uma compreensão das práticas analisadas.

Diante de tais pressupostos, contemplamos o diário etnográfico como instrumento essencial para simplificar a compreensão dos dados coletados.

### **6.2.3 Entrevistas**

Para proceder o estudo sobre a utilização do cordel na sala de aula do 5º ano da Escola Municipal Antonio Artur, utilizamos como instrumento a entrevista semi-estruturada, pois esta possibilita que questões objetivas e questões discursivas possam ser administradas na pesquisa. O sujeito que está fazendo a investigação pode fazer questionamentos específicos e os indivíduos entrevistados podem responder usando seus termos e expressões próprios.

Lüdke e André (1986) defendem que a entrevista é um dos instrumentos elementares para que seja feita a coleta de dados, pois possibilita que a informação pretendida seja imediatamente conseguida. Segundo Lapassade (2005):

[...] é um dispositivo no interior do qual há uma troca que não é, como a conversação denominada de campo, espontânea e ditada pelas circunstâncias. Ela põe face a face duas pessoas cujos papéis são definidos e dissimétricos: o que conduz a entrevista e o que é convidado a responder, a falar de si (LAPASSADE, 2005, p. 148).

Considerando uma pesquisa qualitativa, a entrevista consegue estabelecer uma abertura para que os participantes da investigação fiquem á vontade para prestarem suas contribuições na forma de gravação de áudio ou de maneira escrita. Para Alves-Mazzotti (2001) “através da entrevista o entrevistador está interessado em compreender o significado atribuído, pelos sujeitos, a eventos, situações, processos ou personagens que fazem parte de sua vida cotidiana.”

Spradley (1979) esclarece que a realização de entrevistas é muito importante para que a investigação seja compreendida, pois no caso de uma sala de aula, a cultura existente naquele espaço, entre aquele grupo terá seus significados estabelecidos.

Entende-se como conveniente, a realização de entrevistas com os alunos e com a professora do 5º ano da Escola Municipal Antonio Artur, pois estes eram os participantes da investigação. Para Macedo (2010), o momento da entrevista:

[...] se trata de um encontro, ou de uma série de encontros face a face entre um pesquisador e atores, visando a compreensão das perspectivas que as pessoas entrevistadas têm sobre sua vida, suas experiências, sobre as instituições a que pertencem e sobre suas realizações, expressas em linguagem própria (MACEDO, 2010, p.105).

Com o intuito de conhecer cada um dos alunos, fizemos uma recolha de dados através de um questionário por entrevista, que funcionou eficazmente de forma autoaplicável com questões como as seguintes:

- 1- Caracterização do docente, dos seus pais e/ou responsáveis e questão da composição familiar;
- 2- Discernimento sobre atividade em classe e extraclasse;
- 3- Religião ao qual cada indivíduo segue;
- 4- Assimilação sobre o papel da escola e a identidade desta da comunidade.

Intencionando conhecer melhor a professora, esta também foi submetida a um questionário semiestruturado que abordou questões relativas à sua turma, escola e comunidade, levando em consideração:

- 1- Formação profissional da docente;
- 2- Satisfação em relação a sua vida funcional do magistério e rentabilidade;
- 3- Impressões sobre o ensino para o Ensino Fundamental, inclusive questões de currículo.

O ato de entrevistar possuiu a intenção de obter conhecimento sobre os investigados a partir das suas falas.

#### **6.2.4 Análise Documental**

Para Alves-Mazzotti (2001) uma pesquisa qualitativa pode ser multimetodológica, ou seja, utilizar diversos instrumentos no processo de coleta de dados.

Os documentos que podem vir a ser utilizados numa investigação são aqueles dito como oficiais e os pessoais ( Lapassade, 1992, p.31). Fazem parte deste o diário etnográfico, as entrevistas, documentos produzidos pelos pesquisados e outros que comprovem como a pesquisa foi efetuada.

Utilizamos como documentos para esta pesquisa um modelo de avaliação cedido pela professora ( ANEXO 2), cordéis criados pelos alunos ( ANEXO 3), proposta didática da rede municipal( ANEXO 4) e diversos registros fotográficos (ANEXO 5). Ressalta Alves-Mazzotti:

[...] considera-se como documento qualquer registro escrito que possa ser usado como fonte de informação. Regulamentos, atas de reunião, livros de frequência, relatórios, arquivos, pareceres, etc. podem nos dizer muita coisa sobre os princípios, normas que regem o comportamento de um grupo e sobre as relações que se estabelecem entre os diferentes subgrupos (2001, p. 169).

A análise documental perante a abordagem etnográfica, permite que haja construção do conhecimento e que esta permita que o investigador amplie suas perspectivas em relação ao seu estudo.

### **6.2.5 Videografia**

O registro em vídeo foi um dos instrumentos utilizados para coleta de dados na pesquisa qualitativa.

Algumas situações ocorridas na sala de aula do 5º ano da Escola Municipal Antonio Artur foram videogravadas para que uma descrição pormenorizada fosse realizada, captando falas, comportamentos e mudanças ocorridas no espaço estudado com a finalidade de colaborar com os escritos do diário etnográfico e da observação participante. Segundo Loizos:

Numa função óbvia de registro de dados sempre que algum conjunto de ações humanas é complexo e difícil de ser descrito [e interpretado] compreensivamente por um único observador [participante] enquanto ele se desenrola (LOIZOS, 2007,p.153).

A gravação de vídeos foi essencial para registrar e reproduzir dados considerados relevantes para a pesquisa numa perspectiva etnográfica. Encontramos em Yin (2005, p.119) orientações para as gravações de vídeo:

- 1- As gravações devem ofertar mais expressividade do que as entrevistas;
- 2- Só podem ser feitas com autorização dos sujeitos investigados para que estes não fiquem desconfortáveis.

### **PARTE III – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

## 7 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

O presente capítulo tem o objetivo de apresentar os resultados da investigação sobre o uso da Literatura de Cordel no 5º ano do ensino fundamental de uma escola da rede municipal de Pesqueira – Pernambuco – Brasil, através de apreciações dos dados conseguidos durante os dias em que o lócus da pesquisa foi investigado.

O cotidiano do 5º ano foi registrado através de diário etnográfico, onde os dados considerados relevantes para a pesquisa foram marcados. Entrevistas foram realizadas com os participantes da pesquisa e muitos momentos foram fotografados e filmados em seus pormenores detalhes.

Categorizamos as informações que foram coletadas durante a pesquisa no intuito de organizá-las e depois procedemos a triangulação desses dados e dos referenciais teóricos da pesquisa, na busca de responder às questões formuladas para esta investigação.

O processo de análise de conteúdo baseia-se na categorização pelo fato de que este não distorce a informação tida como original e organiza-a sistematicamente para possíveis interpretações.

### 7.1 ANÁLISE QUALITATIVA DOS DADOS

A pesquisa etnográfica sobre a utilização do cordel numa sala do 5º ano da Escola Municipal Antonio Artur requisitou análise de natureza qualitativa. Nas palavras de Martins Júnior (2008) é quando os dados que foram obtidos por meio dos vários instrumentos de coleta utilizados são descritos na intenção de uma melhor compreensão sobre a investigação.

Na presente investigação, a análise dos dados coletados investiga se há inovação pedagógica a medida que o cordel é inserido na sala de aula.

Segundo Fino (2003), para que haja uma análise de dados numa perspectiva etnográfica é necessário considerar a eficácia na interpretação efetuada pelo pesquisador. Portanto,

[...] o êxito da investigação etnográfica decorre em grande medida da capacidade interpretativa do investigador, o que, se é verdade que lhe atribui, aparentemente pelo menos, grande liberdade na mobilização dos instrumentos teóricos de análise, tem o inconveniente de o deixa à mercê dessa capacidade interpretativa, bem como do uso de uma subjectividade que nunca é completamente controlada (FINO, 2003, p.11).

Os elementos culturais são totalmente relevantes na pesquisa considerando crenças, valores sociais e elementos da rotina. Nesse sentido Fino (Op. cit.) apresenta tais elementos:

- A rotina do grupo pesquisado;
- O papel social que os participantes da pesquisa assumem;
- As ocupações tidas por cada sujeito pesquisado;
- A forma como o conhecimento produzido é compartilhado;
- As produções do grupo;

Os dados foram tratados através do método indutivo, ou seja, o conhecimento é construído a partir de observações que levam a conclusões, considerando encontrar respostas para as questões da pesquisa através de dois níveis de informação.

No primeiro nível caracterizamos a práxis pedagógica aplicada no 5º ano da Escola Antonio Artur, descrevendo a rotina e a organização do espaço pesquisado, a partir da observação participante, das fotografias, vídeos, entrevistas e diário de campo.

No segundo nível descrevemos a prática pedagógica com a Literatura de Cordel e sua contribuição para o desenvolvimento dos participantes da investigação.

As entrevistas, fotografias e vídeos foram transcritas e o diário de campo construído com as observações participantes foi organizado por ordem cronológica. Na sequência, os dados foram analisados de forma crítica subsidiados pelas teorias na intenção de se obter respostas para as questões que foram ponto de partida para a investigação, tendo em vista a compreensão do fenômeno investigado. Para Fino “o êxito da investigação etnográfica decorre em grande medida da capacidade interpretativa do investigador” (2007, p. 11).

Pleiteando uma análise eficaz e uma interpretação de dados eficiente, efetuamos a análise de dados obtidos e depois fizemos a triangulação destes,

relacionando-os com as teorias referenciadas na procura de uma compreensão sobre as ações pesquisadas.

## 7.2 CATEGORIZAÇÃO: UMA ETAPA SUPLEMENTAR PARA A ANÁLISE DE DADOS

Durante todo o processo investigativo, prezamos pela busca de informações reais considerando a existencialidade dos sujeitos envolvidos na pesquisa e os fenômenos ocorridos no espaço em questão. Os dados coletados foram organizados a fim de encontrarmos justificativas para as questões da investigação (Estrela, 1990).

A categorização permite que os dados coletados sejam analisados a partir de uma organização que não distorcerá os fatos e os fenômenos e sim sistematizará os mesmos codificando-os.

Para Guba e Lincoln (1981) a codificação consiste em um processo de interpretação, portanto oferece riscos quanto a objetividade e comprovação da investigação.

Bardin (1995) considera a categorização como uma operação em que os dados são classificados a partir de uma diferenciação e sequencialmente, estes serão reagrupados de forma criteriosa consoante a investigação.

Durante uma investigação, fazemos análises constantemente, porém em uma determinada instância desta, haverá uma quantidade enorme de informações a serem trabalhadas. Segundo estudos de Macedo:

Após certo tempo de imersão em campo – tempo que pode variar segundo a problemática do objeto pesquisado e/ou de suas especificidades de contexto –, o pesquisador deve indagar-se sobre a relevância dos seus “dados”, tomando como orientação suas questões de pesquisa norteadoras e intuições saídas do contato direto com o objeto pesquisado. Tal reflexão aponta para o recurso denominado *saturação dos “dados”*, indicativo da suficiência das informações e da possibilidade do início da análise e da interpretação final do conjunto do *corpus* empírico (MACEDO, 2010, p. 136).

Baseando-se nos dados oriundos das observações feitas no lócus, dos registros do diário etnográfico, das entrevistas e questionários, categorizar fez-se

necessário para que as informações obtidas fossem classificadas de forma lógica, observando as citações significativas que apareceram.

Identificamos minuciosamente o diário etnográfico (APÊNDICE A), lemos as entrevistas que foram transcritas (APÊNDICE E) e os questionários que foram respondidos (APÊNDICE F) na intenção de construir as categorias.

A intenção que tivemos ao organizar os dados sobre a utilização do cordel no 5º ano da Escola Municipal Antônio Artur teve como perspectiva a identificação da inovação pedagógica como parte das questões que nortearam o presente estudo.

Diante disso, as informações coletadas foram dispostas em cinco categorias indicadas no Quadro 1:

Quadro 1: Categorias a partir de indicadores	
CATEGORIAS	INDICADORES
Estímulo	Intrínseca (P1), (A1), (A2), (A3), (A5), (A6) Extrínseca (P1), (A1), (A3), (A6) Incentivo a Leitura (P1) Respeito ao ritmo do aluno (P1) Gosto pelo Cordel (A2), (A4), (A5), (A6), (A7) Liberdade para produção de textos(P1) Valorização da cultura (A2), (A3), (A5) Entendimento de questões sociais (A3), (A4), (A5), (A7)
Ambientação	Sala de Aula Tradicional (P1) Hospitaleiro (P1), (A5) Harmonioso (P1), (A7)
Participação	Reciprocidade (P1) Gosta de Colaborar (A2), (A4), (A7), (A8)
Relação	Trabalho em Grupo (A2), (A4), (A5), (A7) Reciprocidade de Saberes (P1)
Aprendizado	Melhoria na leitura (P1) Melhoria na escrita (P1) Melhoria na forma de expressar-se (P1) Melhoria nas relações interpessoais (P1) Sociabilização do Conhecimento (P1)

Quadro 2: Identificações	
P1- Professora	A8- Aluno 8
A1- Aluno 1	A9- Aluno 9
A2- Aluno 2	A10- Aluno 10
A3- Aluno 3	A11- Aluno 11
A4- Aluno 4	A12- Aluno 12
A5- Aluno 5	A13- Aluno 13
A6- Aluno 6	A14- Aluno 14
A7- Aluno 7	A15- Aluno 15

### 7.2.1 A Categoria Estímulo

Tomando como ponto de partida os indicadores que irromperam das análises feitas com os dados recolhidos assim como as observações registradas no diário etnográfico, constatamos que os alunos do 5º ano da Escola Municipal Antônio Artur mostravam-se estimulados quando realizavam atividades utilizando a Literatura de Cordel.

Pudemos observar que a maioria dos alunos do 5º ano, quando eram motivados a trabalhar com o cordel, preocupavam-se com a entonação que seria utilizada para fazer a leitura de forma correta e discutiam entre eles os sentidos apresentados nos versos e estrofes da poesia. Gostavam quando a professora trazia folhetos que versavam sobre cultura e questões sociais.

Um dos fatores que mais estimulou os alunos a se envolverem nas atividades foi a liberdade de expressão que eles tinham em sala de aula para interpretarem os cordéis de acordo com o conhecimento sobre o mundo que eles tinham.

Quadro 3- Estímulos com o Cordel		
DIÁRIO ETNOGRÁFICO	ENTREVISTA	QUESTIONÁRIO
<p>Na intenção de conhecerem os biomas que formam a vegetação brasileira, a aula de geografia tratou deste assunto.</p> <p>Após as atividades de rotina, a professora Iolanda deu explicações sobre a diversidade da vegetação brasileira, enfatizando os tipos de biomas existentes no país.</p> <p>Todas às vezes em que a professora caracterizava um bioma, pedia que os alunos dessem exemplos de plantas e árvores presentes nesta.</p> <p>Destacaram-se na aula a caatinga (principal bioma do Nordeste), a mata atlântica (que está entrando em extinção) e a floresta amazônica (maior do mundo).</p> <p>Houve momentos em que parte dos alunos falava ao mesmo tempo porque queriam dar exemplos.</p> <p>A professora entregou a cada aluno uma cópia do Cordel da Natureza para leitura e interpretação.</p> <p>Em cada estrofe eles identificavam o bioma e comentavam sobre este, mostrando seus conhecimentos.</p> <p>A atividade sugerida foi a construção de cartazes com imagens dos biomas estudados. Esta foi efetuada em grupos utilizando livros e revistas de recorte. (Observação nº 23, 19/11/2015)</p>	<p>Pesquisadora: Pra você professora, o cordel é um instrumento dinâmico?</p> <p>Professora: Sim, muito dinâmico.</p> <p>Pesquisadora: Por quê?</p> <p>Professora: Porque sai do padrão do livro didático. Ele vem com outra maneira. Permite a interação, a participação do aluno, pois esse fala do que já sabe, do que conhece. (Entrevista a professora em 09/07/2015)</p>	<p>Pesquisadora: Quando a professora usa cordel a aula fica mais interessante? Por quê?</p> <p>Aluno 1: Sim porque eu gosto do cordel.</p> <p>Aluno 2: Às vezes, porque ela leva até música que tem cordel.</p> <p>Aluno 3: Não porque é chato.</p> <p>Aluno 4: Sim porque legal.</p> <p>Aluno 5: Sim porque eu acho bem interessante o que fala no cordel e como se lê.</p>

### **7.2.2 A Categoria Ambientação**

Considerando as observações efetuadas durante boa parte do ano letivo e os dados recolhidos que foram analisados, o ambiente pesquisado estava estruturado de maneira tradicional.

A sala de aula, onde o estudo foi desenvolvido, apesar de ser conservadora, mostrava-se hospitaleira e objetivava promover a integração dos alunos, colaborando para a efetivação das relações interpessoais. O espaço para leitura, quadro de avisos, armário de materiais, disposição das carteiras escolares esforçava-se para criar um ambiente que favorecesse a aprendizagem.

Vygotsky (1998) defendeu que os discentes necessitam de um ambiente que seja propício para relações entre os sujeitos que ali estão assim as capacidades cognitivas destes podem ter desenvolvimento amplo.

Apesar de todas as tentativas de dinamizar o espaço, a ambientação do 5º ano da Escola Municipal Antônio Artur segue o padrão do paradigma fabril educacional, discutido por Toffler (1973), que compreende o espaço físico organizado formalmente, dificultando a interação entre os sujeitos sociais.

### **7.2.3 A Categoria Participação**

Nas ações pedagógicas efetuadas na sala do 5º ano da Escola Municipal Antônio Artur, registradas no diário etnográfico e analisadas através dos dados recolhidos por meio de entrevistas e questionários, podemos constatar que os aprendizes eram participativos e gostavam de colaborar sempre que uma atividade utilizando a Literatura de Cordel era proposta.

Os discentes estavam constantemente dispostos a se envolverem nas ações com a poesia popular e ajudavam uns aos outros a construir conhecimento. Observamos tais situações quando estes precisavam criar versos e estrofes para um cordel e precisavam fazer reflexões utilizando o que tinham aprendido de maneira significativa.

As ações cooperativas destes alunos consistem neste caso, em ajustar o pensamento que cada um tem suas ações pessoais as reflexões e ações ministradas pelos outros gerando a reciprocidade (PIAGET, 2012).

#### **7.2.4 A Categoria Relação**

Quando efetuamos uma investigação de cunho educacional, observamos as relações interpessoais ocorridas entre os atores daquele meio e como estas influenciam as execuções das ações pedagógicas.

Constatamos a existência de relações entre a professora e os alunos, onde ambos compartilhavam seus saberes construídos e suas visões sobre o mundo e assim a docente conseguia abertura para identificar erros e corrigi-los (VYGOTSKY, 1998).

Também observamos as relações construídas entre os aprendizes, de uma forma natural e cooperativa, facilitando a troca de saberes, promovendo a autonomia destes.

#### **7.2.5 A Categoria Aprendizado**

Para considerarmos que houve a aprendizagem significativa no 5º ano da Escola Municipal Antônio Artur, precisamos refletir sobre todas as categorias elencadas nesta pesquisa, assim como seus indicadores.

Através das observações, registros no diário etnográfico, fotografias, vídeos, entrevistas e questionários, constatamos uma sala de aula dentro do padrão tradicional do paradigma fabril, várias ações pedagógicas tradicionais também efetuadas pela docente, apesar desta esforçar-se para incentivar seus discentes a melhorar a capacidade de leitura, aperfeiçoar a escrita, desenvolverem relações interpessoais colaborativas e socializarem o conhecimento construído.

Todas as ações pedagógicas vivenciadas na sala do 5º ano com a utilização do cordel podem ser entendidas como parte de um processo de construção do conhecimento que beneficiou os indivíduos envolvidos dentro e fora do espaço escolar. Portanto percebemos que os discentes através das suas vivência

desenvolveram aprendizagem significativa utilizando as ferramentas que lhes foram ofertadas.

### 7.3 TRIANGULAÇÃO E DISCUSSÃO DAS CONCLUSÕES

A estratégia da triangulação emerge como uma maneira de credibilizar uma investigação que apresenta múltiplas questões a serem respondidas e várias técnicas de coleta de dados. Macedo (2010) apresenta a seguinte definição para triangulação:

[...] é um dispositivo ao qual o etnopesquisador apela durante a construção de seu instrumental analítico para os diversos meios, as diferentes abordagens e fontes, visando compreender e explicar um dado fenômeno, utilizando uma autêntica abordagem multirreferencial (MACEDO, 2010, p. 140).

Quando um trabalho de campo finaliza, o pesquisador precisa organizar e sistematizar os dados, tratando-os de forma triangulada objetivando entender a contribuição destes no processo investigado e como estes podem contribuir em estudos que ainda serão efetuados (BOGDAN & BIKLEN, 1994).

Na presente pesquisa, recolhemos dados, organizamos estes através de categorias similares, adotando o olhar etnográfico, na intenção de localizar padrões nas situações verificadas, através de um cruzamento de dados que dar-se-á pela triangulação destes, tendo como base as teorias que fundamentaram toda a investigação.

A análise dos dados coletados e a interpretação destes para possível conclusão da investigação ocorreu por meio da triangulação de todas as observações registradas sobre a turma do 5º ano da Escola Municipal Antônio Artur, buscando responder as questões que nortearam a pesquisa, dispostas a seguir.

### 7.3.1 Em que ações pedagógicas ocorrem o uso da Literatura de Cordel no 5º ano da Escola Antônio Artur?

A Literatura de Cordel, a partir de um planejamento pedagógico efetuado pela professora do 5º ano da Escola Municipal Antônio Artur, apresenta possibilidades de formação de indivíduos capacitados na prática de leitura e compreensão, que tenham a habilidade de entender seus deveres e direitos enquanto cidadãos, revendo sua posição e participação dentro de uma comunidade. Através de algumas temáticas que foram apresentadas em alguns folhetos, desenvolveram-se pesquisas, debates, e atividades que envolveram entendimento sobre diversidade étnica, pluralidade cultural e outras abordagens. Assim, o meio escolar pode criar diálogos entre realidades diferentes e sujeitos distintos, que descobrirão suas singularidades e semelhanças.

Os folhetos de Cordel foram utilizados como mediadores entre a realidade da comunidade e o espaço escolar, propondo diálogos que enriquecerão o desenvolvimento social do discente. Assim, os aprendizados sobre cultura popular, serão como base para a construção de novos saberes.

A respeito da valorização da cultura tida como popular, Giroux e Simon (1995) definem que esta ainda “[...] é vista como o banal e o insignificante da vida cotidiano e, geralmente é uma forma de gosto popular considerada indigna de legitimação acadêmica ou alto prestígio social” (GIROUX & SIMON, 1995, p. 97).

Ao observarmos os dados coletados procedendo a análise dos mesmos, encontramos informações sobre as ações pedagógicas que utilizam a Literatura de Cordel no 5º ano da Escola Municipal Antônio Artur.

Quadro 4 – Ações Pedagógicas com o Uso da Literatura de Cordel		
DIÁRIO ETNOGRÁFICO	ENTREVISTA	IMAGEM DE VÍDEO
No intuito de compreender o processo de escravidão e abolição desta no Brasil, os alunos do 5º ano leram textos sobre o assunto, discutiram com a professora os horrores pelos quais passavam os escravos, fizeram leituras de imagens e após vários debates,	<p>Pesquisadora: Qual o significado do cordel pra você? O que lhe encanta no cordel a ponto da senhora querer trazê-lo para sala de aula?</p> <p>Professora: A questão</p>	<p>O 5º ano está preparando uma apresentação com cordel. A poesia escolhida é de autoria de Juarez Pereira intitulado A escravidão no Brasil Colonial. A turma já tinha estudado nas aulas de</p>

<p>tentaram ilustrar um cordel sobre a abolição trazido pela professora. Na ocasião, eles socializaram com os colegas seus entendimentos sobre a escravidão em nosso país. Percebemos um trabalho de conscientização social contra preconceitos étnico-raciais. (Observação nº 9, 14/05/2015)</p>	<p>cultural, o linguajar, o jeito que é muito próximo a nossa realidade, a cultura que vem do cordel, a história que ele conta. Faz parte do enredo da sociedade.</p> <p>Pesquisadora: Quais os seus temas de cordel preferidos? Na hora de selecionar, pra levar pra sala de aula?</p> <p>Professora: Eu tenho uma gramática em cordel.</p> <p>Pesquisadora: E como é professora de português então?</p> <p>Professora: Então eu uso os versos pra trabalhar as regras gramaticais, isso é excelente.</p> <p>Pesquisadora: Que critérios você utiliza para selecionar um cordel que será trabalhado em aula?</p> <p>Professora: Eu presto atenção no mote do cordel, percebo se ele condiz com o conteúdo que eu tô trabalhando. Se você acha um cordel que vai falar de um assunto de uma maneira que chame atenção do 5º ano. Então se eu vou trabalhar no 5º ano reprodução humana, então não posso pegar um cordel esrachado, eu vejo o cordel pra ver se ele se adequa aquela situação. E tem muito cordel.</p> <p>(Entrevista a professora em 09/07/2015)</p>	<p>História sobre a escravidão e agora ensaiavam a poesia popular para se apresentarem no Dia Nacional da Consciência Negra, na área do refeitório, onde a escola executa seus eventos.</p> <p>Um a um vão lendo versos e estrofes com o cuidado da entonação.</p> <p>Todos participam do ensaio. A última estrofe é lida por todos os aprendizes e pela professora, que neste prestam homenagem a abolição dos escravos. (Transcrição do vídeo 7, gravado em 15/10/2015)</p>
---	--	---

Através das ações efetuadas na turma do 5º ano, criavam-se motivos para os alunos valorizarem o cordel e aprenderem através deste, pois um planejamento bem dirigido possibilitará que o educador lide melhor com as questões que ocorrem

em sua sala de aula e obtenha melhores resultados, ou seja, uma ação pedagógica bem direcionada conseguirá fazer uma integração entre o aprendiz e o conhecimento de forma concreta.

Considerando a coleta de dados efetuada no local em que ocorreu a investigação, a análise destes ocorrerá refletindo os três instrumentos dinâmicos utilizados para caracterizar as ações pedagógicas desenvolvidas no 5º ano da Escola Municipal Antônio Artur.

A primeira situação apresentada recorre ao diário etnográfico para descrever uma tarde de aula, onde um determinado conteúdo, após ser explanado pela professora, no intuito de ser melhor compreendido pelos alunos, é instigado por meio de textos, leituras de imagens e debates. Como atividade proposta, a professora requer ilustrações sobre um cordel apresentado por ela para que estas sejam socializadas. Não há traços de inovação em tais ações desempenhadas, nem qualquer transformação relativa entre os discentes.

Na segunda colocação, analisamos um trecho de uma das entrevistas realizadas com a docente da turma. Apesar desta mostrar-se criteriosa com a escolha dos cordeis e ter seriedade no trabalho feito com estes, não encontramos na sua construção de ideias elementos ligados a inovação pedagógica, embora a docente preze por um planejamento que permita maior participação e interação entre os alunos, não há quebra de paradigmas nas suas ações enquanto docente.

A terceira e última disposição trata-se da análise do vídeo em que os aprendizes do 5º ano preparam-se para apresentar um cordel em homenagem ao Dia Nacional da Consciência Negra. A professora inicia a leitura e cada aluno presente vai dando sequência aos versos e estrofes. Tal ação envolve a participação da docente e dos discentes, e consideramos que há uma tentativa de inovar e construir de forma significativa conhecimento sobre Cidadania e História.

### 7.3.2 Quais são as contribuições da Literatura de Cordel no 5º ano da Escola Antonio Artur?

O folheto de Cordel é tido como um gênero discursivo oral e escrito que tem objetivos distintos, tanto de entreter, quanto de informar, através de temas variados, opinando, homenageando ou ainda ensinando algo. Devido ao uso do cordelista das mais diversas fontes, as poesias populares interpretam fatos imaginários ou reais, levando o leitor a ter um conhecimento vasto.

Os folhetos podem ajudar o discente a construir sua visão de mundo e entender a sua sociedade, seu meio cultural e criar diálogos interculturais, pois encontrará textos que retratam as agonias de um povo, utilizando a arte e a sensibilidade dos cordelistas. A partir do uso destes como um recurso para emergir debates dentro do contexto político e social da realidade local ou do país, o cordel pode apresentar-se como elemento para a compreensão de realidades num campo de aprendizado multidisciplinar, que instigou o aluno a desenvolver sua capacidade cognitiva dentro e fora do espaço escolar.

Um elemento pedagógico pode contribuir para a construção do conhecimento quando este instiga o sujeito a produzir ou aprimorar seu aprendizado.

Quadro 5- As Contribuições da Literatura de Cordel		
DIÁRIO ETNOGRÁFICO	ENTREVISTAS	IMAGENS DE VÍDEOS
Após as atividades de rotina vivenciadas pela turma (oração e correção da tarefa de casa), a professora pediu que cada um escolhesse um livro no cantinho da leitura, lê-se a historinha e após compreensão, a socializasse com a sala. A atividade durou cerca de duas horas e meia e após as apresentações, foi pedido que cada aluno escrevesse um pequeno cordel, com poucas estrofes relatando os acontecimentos	<p>Pesquisadora: Professora, como o cordel pode contribuir no processo de aprendizagem? O que você enxerga que acontece em sala de aula quando ele está presente?</p> <p>Professora: É fácil de memorizar, ele é rimado, ele é divertido, ele não é aquela coisa seca do livro didático. O livro didático ele traz a regra e tchau. Já o cordel não, ele</p>	<p>A Escola Antônio Artur estava em preparação para a festa oferecida as mães da comunidade. Devido a falta de recursos, a escola resolveu preparar homenagens duas semanas após a comemoração oficial.</p> <p>Cada turma preparou uma apresentação e teve um respectivo professor como responsável por esta.</p> <p>O 5º ano junto com</p>

<p>da tarde. (Observação nº 11, 28/05/2015)</p>	<p>vai lhe encantar, e você aprende com aquele encanto.</p> <p>Pesquisadora: Pra você é um instrumento dinâmico?</p> <p>Professora: Sim, muito dinâmico.</p> <p>Pesquisadora: Então seria ele instrumento de trabalho, instrumento da sala de aula, que rompe barreiras?</p> <p>Professora: Isso rompe o padrão. (Entrevista a professora em 09/07/2015)</p> <p>Pesquisadora: Como o Cordel tem ajudado a senhora a desenvolver sua prática em sala de aula nos últimos meses?</p> <p>Professora: Bem nos últimos meses os meninos tem assim se aberto mais pro cordel que pra eles era uma novidade e eles estão aprimorando mais fácil o conhecimento, tá ficando mais fácil ensinar, eles estão memorizando melhor. É porque eles ficam lembrando os versos do cordel, a rima e isso tá ajudando sim no desenvolvimento. (Entrevista a professora em 12/12/2015).</p>	<p>a professora Iolanda, resolveram apresentar um cordel sobre “mãe”.</p> <p>A poesia popular foi escrita pela professora Iolanda, pela aluna Alícia, pelo aluno Riam, pelo aluno Douglas, todos do 5º ano e pelo aluno Maicon do 8º.</p> <p>No vídeo temos o aluno Maicom, do 8º ano, ajudando o aluno João Vitor, do 5º ano, a ler o cordel com entonação.</p> <p>Na sequência, a professora Iolanda apresenta aos seus alunos a maneira correta de recitar um cordel.</p> <p>O ensaio finaliza com o aluno Maicom, do 8º ano, recitando os últimos versos.</p> <p>A turma do 5º ano aplaude o cordel. (Transcrição do vídeo 1, gravado em 28/05/2015).</p>
---	--	---

O sistema tradicionalista de ensino no Brasil segue a tendência de excluir o cordel, por ser cultura popular e enfatiza os traços da cultura dominante, não abrindo espaço para as massas.

Encontramos em Fino (2011) que “a escola deve preparar para a vida e todo o conhecimento envolvido nessa preparação está dentro dos muros da escola”. Assim percebemos que o uso do cordel na turma do 5º ano da Escola Municipal

Antônio Artur objetiva a valorização da cultura nordestina e tenta criar uma interação maior entre o aprendiz e o aprendido.

Todas as situações destacadas no quadro acima ocorreram em uma sala de aula tradicional. Analisaremos as três situações na tentativa de localizar o desenvolvimento de novas competências por parte dos discentes.

A primeira disposição foi retirada dos registros do diário de campo mostram o cordel sendo utilizado para melhoria da escrita, a partir do exercício da leitura e socialização desta, estimulando a produção cultural da poesia. Os alunos ficaram motivados e entusiasmados com a ideia de escrever em versos o que havia ocorrido na aula, algo comum a uma sala de aula tradicional, não configurando inovação pedagógica.

A segunda colocação traz novamente trechos das entrevistas realizadas com a professora durante a investigação. Esta estabelece uma relação de aprendizagem com a memorização e dinamização dos conteúdos. Tratando-se de aprendizagem significativa, não podemos relacioná-la apenas com a memorização de conteúdos. Tal ideia é retrógrada e faz parte do paradigma fabril, não podendo ser considerada inovação pedagógica.

Na terceira situação, analisamos novamente uma imagem de vídeo, onde percebemos a preparação para uma apresentação de cordel. O ensaio acontece na sala de aula e constatamos a melhoria na leitura demonstrada pelo aluno. Porém, o trabalho não envolve o grupo, apenas a professora e dois alunos, algo que não motiva os demais alunos e não faz parte dos ideais da inovação pedagógica.

### **7.3.3 Como atividades em que se utiliza a Literatura de Cordel podem contribuir para que haja aprendizagem significativa dos discentes?**

A Literatura de Cordel tem se inserido na sala de aula como recurso metodológico para estimular as percepções, a capacidade de criação e o discernimento do mundo, dando ênfase as expressões culturais brasileiras e despertando nos discentes a criticidade em relação ao meio em que vivem. Também pode ser uma ferramenta que motive o gosto pela leitura e preservação da poesia popular, produzindo o cordel através de oficinas e pesquisas escolares.

O Cordel pode ser empregado como um material didático que propicie o processo de ensino-aprendizagem em várias disciplinas, abordando vários temas que tratem de experiências humanas reais que ajudem o aluno a compreender sua realidade de maneira planejada e fundamentada em práticas educativas, ajudando discentes a comunicarem-se melhor através da oralidade e da escrita.

A Literatura de Cordel emerge como um recurso alternativo para possibilitar a compreensão de novas linguagens e realidades sociais, uma vez que se apresenta de forma multidisciplinar e contribui para que o aluno tenha mais interatividade em sala de aula e desenvolva sua leitura sobre o mundo. Também auxilia de maneira significativa na construção da identidade do educando.

A poesia popular apresenta uma linguagem alternativa e representa o imaginário de um povo, tornando-se eficaz ao tentar promover a efetivação da aprendizagem. Através de planejamento, o folheto pode tornar-se um instrumento didático eficiente no processo de construção do conhecimento pois este pode aproximar as expressões tidas como populares da linguagem científica, de maneira contextualizada, utilizando o lúdico.

Cruzando os dados relacionados com as atividades que foram desenvolvidas pelos sujeitos envolvidos na investigação, observamos os alunos individualmente ou em grupo, trocando ideias, discutindo e apresentando suas opiniões. Constatamos a docente intervindo quando necessário, conforme registros de vídeo e do diário de campo.

Vygotsky (2007) apresenta a importância da interação entre sujeitos, considerando que um indivíduo quando está integrado com o meio, melhora suas relações interpessoais e estas viabilizam seu processo de construção do conhecimento.

Fino (1998) ao citar Hatano (1993), descreve as seguintes conjecturas seguidas pelos discentes quando estes estão em processo de construção do conhecimento:

- a) os aprendizes são activos, gostam de ter iniciativa e de escolher entre várias alternativas;
- b) os aprendizes são tão activos como competentes na tarefa da compreensão, sendo possível que construam conhecimento baseado na sua própria compreensão, ultrapassando esse conhecimento a informação disponibilizada pelo professor, ou indo mesmo além da própria compreensão do professor;
- c) a construção de conhecimento pelo aprendiz é facilitada pelas interacções horizontais e pelas interacções verticais;

d) a disponibilidade de múltiplas fontes de informação potencia a construção de conhecimento (FINO, 1998, p. 5).

Analisando as atividades desenvolvidas com a utilização da Literatura de Cordel na turma do 5º ano da Escola Municipal Antônio Artur, observamos durante o processo de investigação como a poesia popular contribuiu para a construção do conhecimento e como os discentes foram estimulados a cooperarem durante a produção de poesias, pois conforme afirmou Papert (1994, p.38) os aprendizes necessitam entender e sentir “que estão engajados em uma atividade significativa e socialmente importante, sobre a qual eles concretamente se sentem responsáveis” para obterem uma aprendizagem significativa.

Sobre como as atividades em que se utilizou a Literatura de Cordel contribuíram para uma aprendizagem significativa dos discentes registramos o seguinte:

Quadro 6- As Atividades em que se Utiliza a Literatura de Cordel e o Processo de Aprendizagem Significativa		
DIÁRIO ETNOGRÁFICO	ENTREVISTAS	IMAGENS DE VÍDEO
<p>Após as atividades de rotina, a docente elogia aqueles que fizeram a tarefa de casa e pede que abram agora o livro de História.</p> <p>A docente relembra o assunto que já havia sido trabalhado na semana anterior “o ciclo do açúcar no nordeste e as invasões holandesas”.</p> <p>Foi feita uma leitura de imagens e uma breve revisão de alguns acontecimentos ligados à época da invasão.</p> <p>Leituras complementares foram realizadas sobre a invasão da Bahia, a invasão de Pernambuco, a criação da cidade Maurícia e a traição de Calabar.</p> <p>O desafio foi criar um cordel sobre o assunto</p>	<p>Pesquisadora: Professora Iolanda, o que você admira na arte dos cordelistas?</p> <p>Professora: A capacidade de colocar em versos problemas, questionamentos sociais, situações que ele vivenciou. Porque o cordel ele traz muito da realidade do povo nordestino, por exemplo alimentação pra muitos filhos, uma mãe, então são problemas tratados de forma poética.</p> <p>Pesquisadora: Os flagelos do nordestino?</p> <p>Professora: Isso.</p> <p>Pesquisadora: Em sua opinião, por que o trabalho do cordelista é importante para a cultura brasileira? Não</p>	<p>O 5º ano teve aula de História sobre as Invasões Holandesas no Brasil. A atividade proposta pela professora Iolanda foi que a turma inteira criaria um cordel a partir de um monte dado por ela.</p> <p>No vídeo 2 acompanhamos o início dessa criação.</p> <p>A professora já deu o mote e começa instigar os alunos a partir de perguntas para que eles continuem o verso com rimas.</p> <p>Todos estão copiando os versos desenvolvidos no caderno.</p> <p>Os alunos falam ao mesmo tempo e todos querem ver suas sugestões no quadro.</p>

<p>discutido a partir de um mote dado pela professora.</p> <p>A turma passa duas aulas discutindo, sugerindo, revisando sobre o assunto e quando o cordel é criado, há uma vibração por parte da professora e dos alunos. (Observação nº 14, 11/06/2015)</p>	<p>nordestina, mas brasileira?</p> <p>Professora: Pra brasileira, olhando por um ponto de vista maior, seria pra mostrar que o nordeste não só tem fome. E cultura. Tem cultura de qualidade. (Entrevista a professora em 09/07/2015)</p> <p>Pesquisadora: Professora, como a senhora descreveria o comportamento e as atitudes dos seus alunos quando eles estão com o cordel em mãos? Muda alguma coisa?</p> <p>Professora: Muda porque eles ficam praticando. Não é assim que lê. Fica um mostrando ao outro como é que tem que ser lido o cordel.</p> <p>Pesquisadora: Eles ficam preocupados com a entonação?</p> <p>Professora: Com a entonação, com o recitar, eles pedem pra ler antes em voz alta que é pra fazer a entonação correta. Se preocupam com o conhecimento.</p> <p>Pesquisadora: Seus alunos, a partir do uso do Cordel, tem apresentado melhorias? Em que?</p> <p>Professora: Em memorizar porque o cordel fica. Como o cordel tem a questão musical. Tem a mistura musical, eles memorizam. Fica mais fácil. Então as vezes na prova eu vejo eles lembrando do verso. Eles param um pouquinho aí lembra ah! É assim e vai e consegue responder. (Entrevista a professora em 12/12/2015).</p>	<p>No vídeo 3 o processo de criação do cordel continua. Duas estrofes já foram criadas.</p> <p>A professora dinamicamente chama todos para colaborar, deixando claro que respeita as ideias sugeridas pelos aprendizes. (Transcrições dos vídeos 2 e 3 gravados em 11/06/2015)</p>
--	---	--

A primeira situação demonstra os alunos motivados a criar uma poesia popular, trocando ideias e aprendendo a ouvir e respeitar outras sugestões. A professora está presente nesse processo e conforme descreveu Vygotsky (2007) ela intervém conforme as necessidades se apresentam, ou seja, nesse caso a aprendizagem ora se desenvolve de maneira independente, ora acontece com assistência da professora. O fato dos aprendizes encontrarem-se motivados e estimulados, não trata da inovação pedagógica, uma vez que não é perceptível uma quebra com o sistema tradicional.

A segunda colocação deixa os ideais pedagógicos da docente e quais são as suas percepções sobre as experiências vivenciadas em sala de aula com o cordel e suas possíveis consequências em relação a motivação para aprender. Não há a constatação da inovação pedagógica embora, as ações desempenhadas pela docente estejam intencionadas em romper com o tradicional conforme suas possibilidades.

Na terceira disposição, percebemos a interação e a cooperação entre os discentes e a docente na criação da poesia popular e constatamos a tentativa feita pela professora de criar uma situação de possibilidades de desenvolvimento da aprendizagem significativa. Fica clara tal situação ao observarmos a produção efetuada pelos aprendizes.

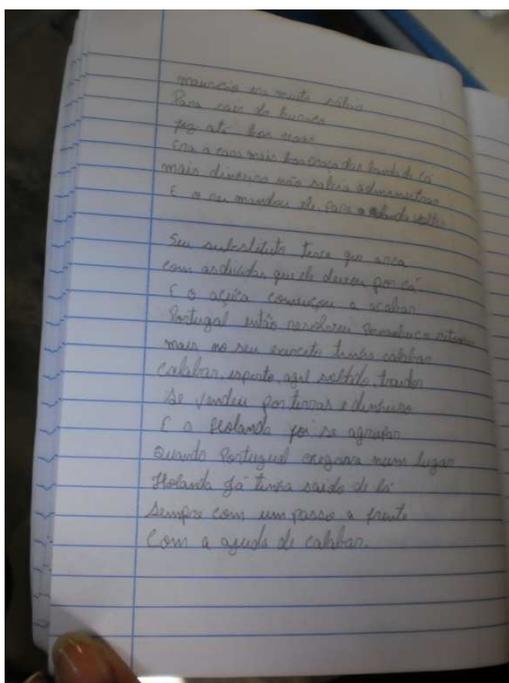


Figura nº 32: Trecho do cordel produzido pelos alunos do 5º ano

### **7.3.4 Como a Literatura de Cordel pode se caracterizar numa estratégia de ruptura de paradigmas no 5º ano do Ensino Fundamental da Escola Antonio Artur?**

A educação deve promover a pluralidade e a convivência social com as diferenças, tratando da inclusão de conhecimentos diferentes e identidades distintas. Assim, contribuirá para um meio social com menos exclusões, afinal estamos na era da globalização e esta trouxe reflexos positivos e negativos para a humanidade.

A pós- modernidade pede que a escola pense o global e o local juntos, tratando da heterogeneidade dos educandos, nas suas experiências, informações e orientações, pois esta deve abrir espaço para ressignificações do aprendizado, exercendo um papel fundamental para a sociedade que é favorecer a convivência entre diferentes indivíduos sociais, propondo relações pautadas na solidariedade e respeito.

Logicamente a escola não pode ignorar a singularidade e as necessidades de cada aluno, pois cabe a esta instituição promover o diálogo entre as diferenças, diminuindo as fronteiras existentes, propondo uma educação emancipadora.

A Literatura de Cordel pode possibilitar a relação entre uma atividade proposta e a capacidade de refletir sobre aquele conteúdo estudado e aquele exercício pretendido, tornando-se um elemento inovador na metodologia e colaborando para que o processo de ensino-aprendizagem possa ocorrer de forma plena.

A Literatura de Cordel age como elemento fortalecedor da socialização entre o conhecimento acadêmico e o saber popular. Silva e Arcanjo (2012, p. 2) em seus estudos sobre o uso do Cordel relataram que:

[...] o trabalho com a Literatura de Cordel, no contexto escolar, é extremamente valioso, na medida em que leva para os bancos escolares temas pertinentes que estão diretamente associados à formação dos discentes e associados à coletividade [...].

Nos dias atuais vemos que novos métodos estão sendo utilizados e novas técnicas para ensinar surgem, dispendo de linguagens alternativas para apresentar

conteúdos com uma nova roupagem e novos significados. A Literatura de Cordel recebe destaque quando incorporada a promoção de ressignificar o ensino numa perspectiva de interdisciplinaridade, pois aparece como reformulador do paradigma da construção do conhecimento.

Para isso faz-se necessário a incorporação de novas metodologias de ensino, baseadas nas discussões pedagógicas contemporâneas e o uso de novas linguagens para abordar determinados conteúdos.

Tomando como base os dados coletados e analisados, buscaremos uma articulação no ambiente investigado de fatos que levem a uma convergência da literatura de cordel usada em sala de aula como estratégia para a ruptura de paradigmas educacionais.

Quadro 7- A Literatura de Cordel Como Estratégia de Ruptura de Paradigmas		
DIÁRIO ETNOGRÁFICO	ENTREVISTAS	IMAGENS DE VÍDEO
<p>Atividades de rotina foram desempenhadas (recepção, acolhida e correção da tarefa de casa).</p> <p>A professora trouxe para a sala de aula um esqueleto desmontável de plástico. A turma adorou a novidade.</p> <p>A aula de ciências correu com a professora explicando a importância do esqueleto, e as funções de alguns ossos.</p> <p>A turma montou e desmontou o esqueleto.</p> <p>Após leituras complementares e algumas discussões.</p> <p>O desafio foi cada discente criar uma estrofe de cordel sobre o que haviam aprendido na aula de ciências. (Observação nº 20,</p>	<p>Pesquisadora: Porque você acredita que a prática de trabalhar com cordel é inovadora?</p> <p>Professora: Porque sai exatamente desse padrão do livro didático, a regra batida. Ele vem com outra maneira.</p> <p>Pesquisadora: Por gentileza, como surgiu a ideia de levar o cordel para as suas aulas? Você já gostava?</p> <p>Professora: Já gostava bastante. Tinha um aluno, que não é meu aluno é colega agora, é cordelista. Isso me encanta. Então transpor isso em sala de aula é um encanto.</p> <p>Pesquisadora: Em sua opinião, o cordel deve ser inserido no currículo escolar?</p> <p>Professora: Eu acredito que</p>	<p>No vídeo 3, o processo de criação do cordel continua acontecendo e boa parte dos alunos participam. Duas estrofes já foram criadas sobre a chegada dos holandeses e a dominação destes em Pernambuco.</p> <p>A professora dinamicamente continua a chamar todos para colaborar, deixando claro que respeita as ideias sugeridas pelos aprendizes.</p> <p>No vídeo 4, novos versos são criados e a professora atenta para a sequência de acontecimentos, a relação entre eles e a necessidade das rimas.</p> <p>No vídeo 5, continuação da criação do</p>

<p>03/09/2015)</p>	<p>sim, mas o professor tem que estar trabalhado para trabalhar com o ele, porque você tem que saber entonar o cordel, ler o cordel corretamente, porque não é qualquer texto que você tá lendo, é um trabalho artístico então ele pede também uma preparação pra isso. Não é só chegar e ler.</p> <p>Pesquisadora: Tem que fazer um bom planejamento?</p> <p>Professora: Tem que planejar bem, conhecer o cordel, e não dizer hoje é esse. É nada. E ver se sua turma está adequa a essa descoberta. (Entrevista a professora em 09/07/2015)</p> <p>Pesquisadora: A escola tem apoiado a senhora no seu projeto de inserção do cordel na aula?</p> <p>Professora: Bastante. Apoiado em tudo, inclusive a escola é um veículo que nos ajuda bastante porque não lhe impede de fazer as coisas. Você inova, você tem ideias inovadoras, e eles apoiam nessas ideias.</p> <p>Pesquisadora: A senhora pretende continuar utilizando o cordel em outras turmas no que for lecionar?</p> <p>Professora: Sim, o resultado é muito positivo.</p> <p>Pesquisadora: A senhora considera que o cordel modificou a maneira dessas crianças pensarem, se comportarem, refletirem sobre a vida?</p>	<p>cordel, seis estrofes foram criadas e todos copiam os versos em seus cadernos.</p> <p>No vídeo 6, as estrofes finais do cordel são criadas com base nas batalhas entre portugueses e holandeses. A turma a vibra com a finalização da poesia. (Transcrições dos vídeos 3, 4, 5 e 6 gravados em 11/06/2015)</p>
--------------------	--	---

	<p>Professora: Sim, especialmente sobre os problemas que os cordéis trazem. Porque quando a gente trata o cordel como instrumento pedagógico, por exemplo um cordel que fale sobre os holandeses, a invasão, mas tem cordéis que vão tratar das questões culturais, as regionais, populares e eles tem uma maior consciência como por exemplo o cordel trabalhado sobre a dengue. (Entrevista a professora em 12/12/2015).</p>	
--	--	--

A situação anunciada através do registro do diário etnográfico nos mostra uma postura em que a cultura é valorizada, ao passo que os discentes são motivados a escreverem uma poesia popular utilizando a cooperação em sala de aula e ao mesmo tempo a autonomia individual que possuem. A professora estimula e orienta a construção do conhecimento, possibilitando ações para melhorar o aprendizado da turma. Porém, as observações nos possibilitam compreender que a docente age como uma transmissora de informações e muitas vezes toma para si a escrita, embora esta mostre esforço para romper com o paradigma fabril.

A postura da professora observada nas entrevistas apresentadas confirma a intenção desta em promover uma ação pedagógica que melhore o desempenho de seus educandos e para isto ela direciona seus movimentos em sala de aula através de elementos culturais. Constatamos também que esta ainda encontra-se ligada a velhos modelos educacionais, o que atrapalha a sua dinamização em preparar suas atividades e lidar com as situações seguintes.

A terceira disposição faz com que observemos a relação docente e discentes. Há muitas imposições feitas por parte da professora, apesar desta tentar acompanhar e apoiar o raciocínio dos aprendizes, o que atrapalha estes a lidarem com a autonomia de forma plena. Há um esforço para romper com velhas práticas.

#### 7.4 A COMPROVAÇÃO DOS DADOS

Durante o processo de investigação cabe ao pesquisador que fez a opção pelo método qualitativo garantir que seu estudo irá progredir e retroagir constantemente na intenção de relacionar as ações que foram planejadas ao que está sendo desenvolvido, buscando assim garantir que os dados que foram obtidos são comprovados e coesos em relação às indagações que levaram tal estudo a ser efetuado e fundamentado em teorias. Para Fino:

[...] a validade e a riqueza de significados dos resultados obtidos dependem directamente e em grande medida da habilidade, disciplina e perspectiva do observador, e é essa, simultaneamente, a sua riqueza e a sua fraqueza (FINO, 2008b, p.4).

No presente estudo os dados serão comprovados através da triangulação destes, pois esta técnica consiste em fazer uma combinação entre dados ou abordagens teóricas para que a análise final de uma determinada realização seja obtida de forma compreensível (COUTINHO, 2008).

A triangulação permite que a partir de evidências, o pesquisador observe os fenômenos registrados e a partir destes construa interpretações. Portanto, os registros do diário etnográfico, as entrevistas e os documentos reunidos foram triangulados para que pudessemos encontrar os resultados que serão apresentados.

## CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Por meio de uma investigação com preceitos da pesquisa etnográfica, nos propusemos a analisar se a utilização do cordel na turma do 5º ano da Escola Municipal Antônio Artur poderia ser considerada inovação pedagógica, interpretando as ações vivenciadas no espaço em que comportamentos, atitudes e emoções afloravam naturalmente.

O presente trabalho foi construído em virtude da observação de um determinado espaço escolar organizado sistematicamente através das ideias pedagógicas tradicionais, centrado na postura autoritária do docente que impõe seu conhecimento conforme sugeriu o paradigma fabril, considerando que o aprendiz deve decodificar e memorizar tudo o que lhe for ensinado.

Para desenvolver a pesquisa, utilizamos a observação participante, registros no diário etnográfico, entrevistas, questionários e fotografias para coletar dados que estivessem relacionados às práticas que eram desenvolvidas no espaço pesquisado.

A investigação nos permitiu observar o andamento da sala de aula bem como as relações com a construção do conhecimento e obter várias perspectivas sobre a docente e os discentes.

Atualmente, discute-se a necessidade da escola reestruturar-se para propiciar situações de desenvolvimento onde os alunos sejam o foco das ações pedagógicas. Conforme Fino:

[...] à manipulação de coisas concretas e à construção de artefactos que, podendo ser externalizados, podem ser igualmente partilháveis e ficarem ao alcance do escrutínio metacognitivo feito pelo outro. [...] Construção, portanto. Construção partilhada. Construção em colaboração com o outro (FINO, 2011, p. 51).

A turma do 5º ano não apresenta diferenças em relação a outras espalhadas no município, estado e quiçá o país. Apenas um docente, polivalente em suas ações, em uma sala de aula em que os alunos tradicionalmente estão organizados em filas, na intenção de facilitar o trabalho da professora.

Nossas observações objetivavam analisar quais eram as perspectivas diferenciadas que ocorriam tanto na postura da professora quanto no desempenho

dos aprendizes, enfatizando a promoção da aprendizagem significativa compreendendo que a inovação pedagógica é fundamentada quando há a ruptura de algo já estabelecido.

As experiências vivenciadas na sala do 5º ano não revelaram rupturas variadas: a organização do espaço da sala era feita em filas de forma tradicional e o funcionamento desta centrava-se nas ações da professora, conforme seu planejamento, formas de avaliar e atividades de rotina, como tarefas de casa e de classe.

A maneira como a docente agia, muitas vezes nos levava a perceber como esta intencionava integrar seus alunos e promover a interação entre eles, principalmente quando esta organizava a sua aula utilizando cordeis com temas curiosos ou de interesse social. Porém, seu planejamento ocorria de forma mecânica, seguindo os parâmetros enviados pela Secretaria Municipal de Pesca.

Tais parâmetros sistematizavam os conteúdos e o tempo para trabalho destes, incentivando a docente a transmití-los de forma tradicional e não problematizada.

As avaliações ocorreram de acordo com as ideias tradicionais dos parâmetros brasileiros, considerados ainda burocráticos. Apesar da docente inserir outros instrumentos avaliativos, esta fazia uso contínuo de provas que cobravam temas e conteúdos ministrados em sala de aula. Não havia espaço para diálogo que construíssem outras compreensões e o ato de avaliar reproduzia modelos autoritários de outros tempos, inibindo a consolidação de um processo democrático.

Observamos em muitos momentos uma professora disposta a abandonar as ideias pedagógicas tradicionais e instituir novos processos educacionais, porém o sistema de ensino e o saber pedagógico retrógrado pregado no sistema escolar da rede municipal e do seio escolar, inserem um padrão de fixar conhecimento de forma mecanizada, através de repetências e reproduções na sala de aula.

No espaço onde a turma do 5º ano desenvolvia suas atividades, houve tanto a descoberta quanto a construção do conhecimento e notamos um compromisso da equipe de gestão e coordenação, da professora e dos alunos de estabelecer ali um lugar de aprendizagem.

Percebemos muitas atividades em sala sendo realizadas com o intuito de motivar os alunos a pensarem, discutirem e trabalhar em equipes. A docente muitas

vezes provocou seus aprendizes a criarem cordeis a partir dos assuntos vivenciados. Atividades que fortalecerem o diálogo entre os discentes e a relação destes com a professora.

As ações vivenciadas no 5º ano da Escola Municipal Antônio Artur não propiciavam um constante diálogo entre o que era idealizado e o que ocorria com os alunos. Havia a intenção de mudança na prática, mas esta, só ocorria pontualmente, portanto, não podemos constatar a existência da inovação pedagógica.

A inovação pedagógica ocorre quando o docente dialoga com suas intenções e reflete constantemente sobre sua prática. Quando este promove diálogo entre o processo educativo e a realidade de seus educandos, intencionando integração e interação entre as ações pedagógicas.

Quando um docente muda suas concepções a respeito do aluno e de suas ações em sala de aula e passa a coordenar o processo de desenvolvimento do ensino aprendizagem de forma que este rompa com os padrões tradicionais, dizemos que há inovação pedagógica. Principalmente quando as transformações de ideais proporcionadas naquele determinado espaço, alteram a maneira como os aprendizes enxergam e lidam com a vida política, cultural e social.

Consideramos também que os cordeis produzidos são prova que foi contruído o conhecimento, houve cooperação e a docente conseguiu abrir espaço para uma nova dinâmica a partir da cultura para que fosse alcançada a aprendizagem significativa.

A transmissão de conhecimentos de forma mecânica em nada é concebida como inovação pedagógica. Na turma do 5º ano da Escola Municipal Antônio Artur, vimos em muitos momentos planos de ação serem efetuados pela professora e seus aprendizes e constatamos que em muitos destes faltava o diálogo entre a metodologia da prática utilizada em sala de aula, com a forma que esta se estruturava e a maneira como os aprendizes eram cobrados e avaliados. Notamos falta de diálogo entre as ideias da professora e seu planejamento e técnicas para executar as atividades propostas.

Considerando então as atividades e interações desenvolvidas na sala do 5º ano da Escola Municipal Antônio Artur a partir da inserção da Literatura de Cordel no cotidiano, concluímos que o contexto pedagógico não foi inovador e não rompeu com antigos modelos, pois apesar de temáticas adequadas aos conteúdos

trabalhados na sala de aula e produção de cordeis, os alunos não eram o centro das ações.

Considerando a busca incessante pela inovação pedagógica, construímos nossa investigação com base nas ações pedagógicas do 5º ano de uma determinada escola da rede municipal de uma cidade do interior brasileiro.

Identificamos posturas que não condizem com a inovação pedagógica: o planejamento da secretaria de educação municipal, o planejamento da professora, os conteúdos pré-determinados sistematicamente conforme parâmetros estaduais, exercícios para classe e para casa efetuados de maneira tradicional e ação autoritária da professora.

Todas as reflexões geradas a partir da investigação nos levam a ter outros prismas da educação e sua relação com a cultura. Diante desse pressuposto, consideramos conveniente a introdução da Literatura de Cordel no ambiente escolar e esperamos que nossa pesquisa seja inspiração para que o cordel e sua relação com a educação possa ser estudado em outros trabalhos com outras perspectivas pedagógicas que busquem o rompimento com os velhos paradigmas e esperamos que a professora investigada continue se esforçando para inovar suas práticas e consiga estimular constantemente seus discentes a uma evolução como aprendizes, transforme o ambiente onde a aprendizagem acontece, consiga ter uma maior participação dos alunos e da comunidade nas práticas de escrita e apreciação da poesia popular, aperfeiçoe as relações entre professora e alunos e consiga através da inovação, atingir uma aprendizagem significativa.

## REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Luiza M; PONTARA, Marcela, **Literatura Brasileira: tempos leitores e leituras**, volume único, São Paulo: Editora moderna, 2005.

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. **Cordel em arte e versos**. Xilogravuras de Eivaldo Ferreira da Silva. São Paulo: Acatu, 2009.

\_\_\_\_\_. **O que é cultura popular**. Xilogravura de Eivaldo da Silva. São Paulo: [s.n], 2006.

ALCOFORADO, Doralice. **Literatura Oral e Popular**. Paraná:Revista Boitatá, 1999.

ALENCAR, Sampaio Antonio. **Cordel, Conhecendo o Cerrado**. Goiânia: Kelps, 2005.

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 4. ed. São Paulo:Cortez, 2005, v.103.

ALVES-MAZOTTI, Alda Judith. O método nas ciências sociais. In: ALVES-MAZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2 ed. Pioneira, 2001, p. 16-17.

AMARAL, Amadeu. **Tradições Populares**. São Paulo, HUCITEC, 1976.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. 11 ed. São Paulo: Papirus, 1995.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Tradução José Fonseca. Consultoria, supervisão e revisão desta edição Bernardo Lewgoy. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ANTUNES, Denise Dalpiaz. **Relatos significativos de professores e alunos e sua auto-imagem e auto-estima**. 2007. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

ARAÚJO, Patrícia Cristina de Aragão. **A cultura dos cordéis: território(s) de saberes**. Tese (doutorado em educação), Programa de Pós-Graduação em Educação. João Pessoa: UFPB, 2007.

ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu canto cá – filosofia de um trovador nordestino**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Inspiração nordestina: Cantos de Patativa**. São Paulo: Hedra, 2003, p. 123.

ATKINSON, P.; COFFEY, A. J.; DELAMONT, S.; LOFLAND, J.; LOFLAND, L. H. *Editorial Introduction*. In: Atkinson, P.; Coffey, A. J.; Delamont, S.; Lofland, J.; Lofland, L. H (eds.). **The Sage Handbook of Ethnography**. California: Sage Publications, 2001, p.1-7.

AUSUBEL, D.P. **Psicología educativa: un punto de vista cognoscitivo**. México: Editorial Trillas, 1976.

BAHIA. Secretaria da Cultura e Turismo. **Antologia baiana de literatura de cordel**. Salvador: SECT, 1997.

BARDIN, L. (1995). **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, Ltda.

BARROS, Leandro Gomes de. **A batalha de Oliveiros com Ferrabrás**. São Paulo: Luzeiro, 1910.

BAKHTIN, Mikhail, **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. Hucitec, 1987.

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo**: produzir e analisar dados etnográficos. Tradução de Sergio Joaquim de Almeida. Revisão da Tradução de Henrique Caetano Nardi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BERREMAN, Gerald. **Por detrás de muitas máscaras**. In: Desvendando máscaras sociais. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1980.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**. 3. ed. Brasília: A Secretaria, 2001.

BRASIL (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília/DF: Senado, 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm)> Acesso em: 12 de abril de 2015.

BRASIL. [Lei Darcy Ribeiro (1996)]. **LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 5. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010. Disponível em: <[http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/2762/ldb\\_5ed.pdf](http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/2762/ldb_5ed.pdf)>. Acesso em: 12 de abril de 2015.

BRAZÃO, José Paulo Gomes Coelho. Weblogs, **Aprendizagem e Cultura da Escola: Um estudo etnográfico numa sala do 1º ciclo do Ensino Básico**. (Tese de doutoramento). Universidade da Madeira, 2008.

\_\_\_\_\_. O diário de um diário etnográfico eletrônico. In: SOUSA, Jesus Maria & FINO, Carlos Nogueira(Org.). **A escola sob suspeita**. Porto: Asa Editores, 2007. p. 289-307.

BRANDÃO, Carlos da Fonseca. **Estrutura e funcionamento do ensino**. São Paulo: Avercamp, 2004.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Roberto E. Câmara. **Breve notícia de antecedentes da Literatura de Cordel nordestina**. Tempo Universitário. Natal, Ed. Universitária v. VI, p. 169-188, jan/jun/1980.

BOK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, Maria de L. Trassi. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

BOSI, Eclea. **Cultura de massa e cultura popular**. São Paulo: Vozes, 1986.

\_\_\_\_\_. **Memória e sociedade: lembrança dos velhos**. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

BOSI, Alfredo. Plural, mas não caótico. In: BOSI, Alfredo (Org.). **Cultura brasileira: temas e situações**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992. (Série Fundamentos).

BOGDAN R. E BIKLEN S. **Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto editora, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Trad. Daniela Kern/Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Editora da USP, 2007.

\_\_\_\_\_. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. In: Ciência e cultura. São Paulo: USP, 1972.

CARMO, H. E FERREIRA M.M. **Metodologia da investigação**. Guia para auto-aprendizagem. Lisboa: Universidade Aberta, 1998.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Cinco livros do povo** (edição fac-similar). João Pessoa: Editora Universitária, 1979.

\_\_\_\_\_. **Vaqueiros e cantadores**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: editora da universidade de São Paulo, 1984.

CEVASCO, E. M. **Dez lições: sobre s estudos culturais**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

CHAUI, Marilena. Introdução, como de praxe. In:\_\_\_\_\_. **Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

CHEVALLARD, Y.; BOSCH, M.; GASCÓN, J. **Estudar Matemática: o elo perdido entre o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CHIAPPINI, Lígia. **Reinvenção da catedral**. São Paulo: Cortez, 2005.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa. Métodos qualitativos, quantitativos e mistos**. Trad. Luciana de Oliveira Rocha. 2ª ed.. Porto Alegre: Artmed, 1998

COSTA, Hildemar de Araújo. **“Os costumes escandalosos e a loucura da ciência”**. São Paulo: Cortez, 1981.

CORREIA, José Alberto. **Inovação pedagógica e formação de professores**. 2. ed. Rio Tinto, Portugal: Edições ASA, 1991.

COULON, A. **Ethnométhodologie et éducation**. Paris: Presses Universitaires de France. 1990.

COUTINHO, Clara Pereira. **A qualidade da investigação educativa de natureza qualitativa: questões relativas à fidelidade e validade**. Educação Unisinos 12: pp. 5- 15, janeiro/abril, 2008. Disponível em: <<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&>>>. Acesso em: 11 dez. 2015.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

CURRAN, Mark. **História do Brasil em cordel**. São Paulo: Edusp, 2001.

DANTAS, JANDUHI. **A Gramática no Cordel**. Paraíba: Editora Sal da Terra, 2010.

DANZIGER, Marlies K. e JOHNSON W. Stacy. **Introdução ao estudo crítico da literatura**. São Paulo: Cultrix, 1974.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção de conhecimento**: metodologia científica nos caminhos de Habermas. 4 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. Características dos ciclos temáticos. In: **Literaturapopular em verso: estudos**. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura / Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973, tomo I, p. 224-329.

Diretrizes Curriculares da Educação Básica. Editora: Jam3 Comunicações.2008.

ESTRELA, A.; MARMOZ, L.; PIRES, J.; PEREIRA, O. (1998). **A investigação e Reforma Educativa**. Lisboa: IIE

ESTRELA, A. (1990). **Teoria e Prática de Observação de Classes**. Uma Estratégia de Formação de Professores. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.

ERICKSON, F.; SCHULTZ, J. 1977. "When is a Context? Some issues and methods in the analysis of social competence." **Quarterly Newsletter of the Institute for Comparative Human Development**, vol. 1, n. 2, p. 5-10, 1977.

FARIAS, Carlos Aldemir. **Alfabetos da Alma: histórias da tradição na escola**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

FARIAS, Isabel M. S. de. **Inovação, mudança e cultura docente**. Brasília: Líber Livro, 2006.

FINO, Carlos Nogueira. **Novas tecnologias, cognição e cultura: um estudo no primeiro ciclo do ensino básico** (tese de Doutoramento). Lisboa: Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. 2000. Disponível em <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes.htm>. Acesso em 13 de agosto de 2015.

\_\_\_\_\_. **A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas(escolares) locais**. 2008a. Disponível em <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes.htm>. Acesso em 13 de agosto de 2015.

\_\_\_\_\_. **Inovação Pedagógica: significado e campo (de investigação)** III Colóquio DCE – Uma, 2008b. Disponível em <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes.htm>. Acesso em 13 de agosto de 2015.

\_\_\_\_\_. **Vygotsky e a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP): três implicações pedagógicas**, (2001). Disponível em <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes.htm> . Acesso em 14 de agosto de 2015.

\_\_\_\_\_. **FAQs, etnografia e observação participante**. Disponível em <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes.htm> . Acesso em 14 de agosto de 2015.

\_\_\_\_\_. **Inovação pedagógica, etnografia, distanciamento**. Disponível em <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes.htm> . Acesso em 14 de agosto de 2015.

\_\_\_\_\_. **Demolir os muros da fábrica de ensinar**. Disponível em <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes.htm> . Acesso em 15 de agosto de 2015.

\_\_\_\_\_. (2004). **Convergência entre a teoria de Vygotsky e o construtivismo/construcionismo**. Disponível em [http://www3.uma.pt/carlosfino/Documentos/Draft\\_Convergencia\\_Vygotsky\\_construtivismo\\_construcionismo.pdf](http://www3.uma.pt/carlosfino/Documentos/Draft_Convergencia_Vygotsky_construtivismo_construcionismo.pdf) . Acesso em 15 de agosto de 2015.

\_\_\_\_\_. (2001). **Um Novo Paradigma (para a Escola): Precisa-se**. Funchal: FórUMa. Jornal do Grupo de Estudos Clássicos da Universidade da Madeira. 1, 2.. Disponível em: <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes/7.pdf>. Acesso em 15 de agosto de 2015.

\_\_\_\_\_. (2008b). **Inovação Pedagógica: Significado e Campo de (Investigação)**. In Alice Mendonça & António V. Bento (Orgs.). *Educação em Tempo de Mudança* (pp. 277-287). Funchal: Grafimadeira.

FRANKLIN, Jeová. **Xilogravura Popular na Literatura de Cordel**. Brasília: Editora L.G.E, 2007.

FRACALANZA, H. et al. **O ensino de ciências no 1º grau**. São Paulo: Atual, 1986.

FLEMMING, D. M. **Educação Matemática: didática da matemática**. Modalidade à distância (Didática da matemática). Unisul Virtual, 2004.

FREIRE, Paulo. **A Importancia do ato de Ler**. São Paulo: Cortez, 1985

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

\_\_\_\_\_. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos.** 10ª.ed. São Paulo:Paz e Terra,1999.

KUHN, T. **A estrutura das revoluções científicas.** Trad. Beatriz Boeira e Nelson Boeira. 9ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

GUBA, E. G.; LINCOLN, Y. S. (1981). **Effective Evaluation:** Improving the usefulness of evaluation results through responsive and naturalistic approaches. San Francisco: Jossey-Bass.

G.F. Silva, in Cordel e a Ciência: **A Ciência em Versos Populares**, editado por I.C.Moreira, L. Massarani e C. Almeida (Vieira & Lent, Rio de Janeiro, 2005).

GEERTZM C. **A interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.

GIDDENS, A.; BECK, U.; SCOTT, L. **Modernização reflexiva:** política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Unesp. 1997.

GIROUX, Henry. **Os professores como intelectuais:** Rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas,1997.

\_\_\_\_\_. **Theory and resistance in education** :a pedagogy for the opposition. London: Heinemann.1983.

GIMENO SACRISTÁN, José. **A educação obrigatória.** Porto Alegre: Artmed. 2001.

GINZBURG, Carlo, **O Queijo e os Vermes.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro Franco. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. São Paulo: Cortez, 2008. (Coleção Docência em Formação. Série Saberes Pedagógicos. Coordenação: Antônio Joaquim Severino e Selma Garrido Pimenta).

GOFFMAN, E. **Forms of talk**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1982.

GULLAR, Ferreira. **Cultura posta em questão**. Rio de Janeiro: Editora civilização brasileira, 1965.

GOMES, Candido Alberto. Sucesso e fracasso escolar no ensino médio. In: **Ensaio: avaliação de políticas públicas educacionais**. Rio de Janeiro: v. 7, n. 24, p. 259-280, jul./set.1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A. 11ª edição.2006.

\_\_\_\_\_. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução: Adelaine La Guardia Resende [et al]. Belo Horizonte: Ed. Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.

Hargreaves, A. **Os Professores em Tempo de Mudança**. Alfragide: Editora McGraw-Hill.1998.

HAURÉLIO, Marco. A grande travessia do cordel e seus briosos vates pelo gigantesco mar das letras brasileiras. **Discutindo Literatura**, São Paulo v. 4, n. 19, 2008.

\_\_\_\_\_; SÁ, João Gomes de. O cordel: sua história, seus valores. **Revista Cultura Crítica**, São Paulo: p. 17-21, jul./dez. 2007.

KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia**. Piracicaba:UNIMEP. Tradução de Francisco Cock Fontanella.1996.

Krasilchik M. **Prática de ensino de biologia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; 2004.

KLEIMAN, Ângela. **Leitura: ensino e pesquisa**. Campinas: Pontes, 1989.

\_\_\_\_\_. **Oficina de leitura**. Campinas: Pontes: Unicamp, 1992.

\_\_\_\_\_. **Texto e Leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995.

\_\_\_\_\_. **Abordagens de leitura**. V. 7. Belo Horizonte: Pontes, 2004.

KUHN, Thomas Samuel. **A estrutura das revoluções científicas**. Tradução: Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. Ed. 10. São Paulo: Perspectiva, 2011.

LAPASSADE, Georges. **La méthode ethnographique** (observation participante et ethnographie de l'école), 1992. Disponível em: <<http://www.ai.univ-paris8.fr/corpus/lapassade>>. Acesso em: 17 de setembro de 2015.

\_\_\_\_\_. **As microssociologias**. Brasília: Liber Livro, 2005, v. 9.

Lensky, Gerhard; **Human Societies**; McGraw-HillBook Company, 1970.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LIMA, C.M.G. de et al. Pesquisa etnográfica: iniciando sua compreensão. In: **Revista latino-americana de enfermagem**. Ribeirão Preto, v. 4, n. 1, p. 21-30, jan., 1996. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v4n1/v4n1a03.pdf>>. Acesso em: 12 de agosto de 2015.

LOIZOS, Peter. Vídeo, filme e fotografias como documento de pesquisa. In: BAUER, Martin W. e GASKELL, George (Eds). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 6 ed. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LONDRES, Maria José F. **Cordel, do encantamento às histórias de luta**. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

LUYTEN, Joseph. **O que é Literatura Popular**. São Paulo: Brasiliense. 2.ed. 1984.

LÜDCKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LUCKESI, C. Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MACDOWELL, Lídia. A transformação da geografia cultural. In: SMITH. G.; GREGORY, D.; MARTIN, R. (Orgs). **Geografia humana: sociedade, espaço e ciência social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências sociais humanas e na educação**. Salvador: EDUFRA, 2000.

\_\_\_\_\_. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa formação**. Brasília: Líber Livro, 2010.

MALBA TAHAN. **Meu Anel de Sete Pedras**. Record, 1993.

MAGNANI, J. G. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia a urbana**.

Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

MALINOWSKI, B. **Argonauts of the Western Pacific**. New York: E.P. Dutton; Co. Inc, 1922.

MARANHÃO, Liêdo. **Classificação Popular da Literatura de Cordel**. 2, ed. Recife: Cepe, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais - o que são e como se constituem**. Recife, UFPE, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, 2001. (Circulação Restrita).

\_\_\_\_\_. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva. **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucena, 2002.

MARTINS JUNIOR, Joaquim. **Como escrever trabalhos de conclusão de curso:** instruções para planejar, montar, desenvolver, concluir, redigir e apresentar trabalhos monográficos e artigos. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

MATTOS, C.L.G. **Estudos Etnográficos na Educação:** uma revisão de tendências no Brasil. 2005.

MENEZES, JBF; SILVA, JB; ALENCAR, MMR; LEMOS, AF; MARTINS, MMMC; SILVA, RR; SILVA, FRF. **Metodologias alternativas para o Ensino de evolução e ecologia: uma experiência de bolsistas do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (pibid) da FECLI/UECE.** In: Congresso Nacional de Formação de Professores, Aguas de Lindoia, 2014, Anais.

MENDES, Ângela Maria et al. **Psicologia:** teorias da aprendizagem. 2. ed. Florianópolis (SC): UDESC, 2002. (Caderno Pedagógico 2).

MOREIRA, Marco Antônio. **A teoria da aprendizagem significativa e sua implementação em sala de aula.** Brasília: Editora UnB, 2006.

MILANESI, Luís. A cultura do centro. In:\_\_\_\_\_. **A casa da invenção.** Cotia: Ateliê Editorial, 2003.

MIRANDA, Antonio. **Sociedade da informação:** globalização, identidade cultural e conteúdos. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 29, n. 2, 2000. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-19652000000200010&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652000000200010&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 20 de abril de 2015.

MOISÉS, Massaud. **A Literatura Portuguesa.** 12. ed. São Paulo, Cultrix, 1974.

\_\_\_\_\_. **A Literatura Portuguesa através dos textos.** 9. ed. São Paulo, Cultrix, 1980.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez, 2005. \_\_\_\_\_. ALMEIDA, M. C.; CARVALHO, E. A. (orgs.). **Educação e complexidade:** os setes saberes e outros ensaios. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

\_\_\_\_\_. **Ciência com Consciência.** Trad. Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Doria. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

\_\_\_\_\_. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2001.

NAIR, S. **Uma política de civilização**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

NEPOMUCENO, Cristiane Maria. **O jeito nordestino de ser globalizado**. 2005. 193 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)–Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005. Disponível em: <[http://bdt.d.bczm.ufrn.br/tesesimplificado//tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=149](http://bdt.d.bczm.ufrn.br/tesesimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=149)>. Acesso em: 12 de outubro de 2015.

OLIVEIRA, Pêrsio Santos de. A cultura. In:\_\_\_\_\_. **Introdução à sociologia**. 24.ed. São Paulo: Ática, 2002.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer projetos, relatórios, monografias, dissertações e teses**. 2. ed. Rio de Janeiro: Impetus, 2003.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

ORTIZ, Renato. **Cultura popular: românticos e folcloristas**. São Paulo: Olho d'água, 1992.

\_\_\_\_\_. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

OLIVEIRA, Gilvânio Correia de. **Região Nordeste! Cordel**. Itanhem – BA, 1985.

PAULA, Francisco Firmino de. **O foguete na lua e os boatos do povo**, 1959.

PAPERT, S. **A máquina das crianças. Repensando a escola na era da informática**. Trad. Sandra Costa. Porto Alegre: Artimed, 2002.

\_\_\_\_\_. **A família em rede**. Trad. Fernando J. S. Nunes e Fernando Augusto B. L.Melo. Lisboa: Relógio d'Água, 1997.

PEREIRA, Juarês Alencar. **O dia do Professor**. Ed. Cortez.2013.

PELIZZARI, Adriana et al. **Teoria da aprendizagem significativa segundo Ausubel**. In:**Revista PEC**. Curitiba, v. 2, n.1, jun./jul. 2002. Disponível em: <[http://www.bomjesus.br/publicacoes/pdf/revista\\_PEC/teoria\\_da\\_aprendizagem.pdf](http://www.bomjesus.br/publicacoes/pdf/revista_PEC/teoria_da_aprendizagem.pdf)> . Acesso em: 12 de novembro de 2015.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?**. Rio de Janeiro: José Olímpio Editora, 2009.

\_\_\_\_\_. **Epistemologia genética**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

\_\_\_\_\_. **Psicologia e pedagogia**. 10ª ed. São Paulo: Editora Forense universitária, 2010.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. **A ideologia do cordel**. Rio de Janeiro: Brasília,1977.

QUADROS, A.L.; SILVA, D.C.; ANDRADE, F.P.; ALEME, H.G.; OLIVEIRA, S.R.; SILVA, G.F. **Ensinar e aprender Química: a percepção dos professores do Ensino Médio**. Educ. rev., Curitiba, n. 40, Jun. 2011.

R. Santa Helena, in Cordel e a Ciência:**A Ciência em Versos Populares**, editado por I.C. oreira, L. Massarani e C. Almeida (Vieira & Lent, Rio de Janeiro,2005).

REIGOTA, Marcos. **As representações sociais envolvidas nas práticas pedagógicas cotidianas dos professores de Ciências de São Paulo**. Tese (Doutorado). Universidade Católica, 1990.

ROCKWELL, Elsie. **Etnografia e teoria na pesquisa educacional** IN EZPELETA, Justa. *Pesquisa participante*; Traduzido por Francisco Salatiel de Alencar Barbosa – São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

ROSA, S. S. da. **Construtivismo e mudança**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

SACRISTÁN, J.G. & GÓMEZ A.I. **Comprender e transformar o ensino**. 4ª Ed. Trad. Ernani Fonseca Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. **Memórias das Vozes: Cantorias, romanceiros e Cordel**. Prefácio Armindo Bião. Salvador: Secretaria da Cultura e turismo, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2006.

SEBARROJA, Jaume Carbonell. **A aventura de inovar: a mudança na escola**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SILVA, S. P. da.; ARCANJO, J. G. A Literatura de Cordel e o Ensino de Ciências: uma Linguagem Alternativa na Promoção da Reflexão Socioambiental. **Revista Virtual Partes**. Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/artigos/3932234>. Acesso em: 20 mar. 2015.

SILVA, Leonardo Gomes da. **Antoine Lavoisier**. Paraíba- Editora Cuité, 2011.

SILVA, V. L. L. A linguagem dos folhetos. In: LESSA, O.; SILVA, V. L. L. (orgs.) **O cordel e os desmandos do mundo**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1983. (Antologia / Nova Série).

SILVA, Fernanda Isis C. da; SOUZA, Edivanio Duarte de. **Informação e formação da identidade cultural: o acesso à informação na literatura de cordel**. **Inf. & Soc.:Est.**, João Pessoa, v. 16, n. 1, p. 215-222, jan./jun. 2006. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/455/1506>>. Acesso em: 15 de agosto de 2015.

SIMON, Roger e GIROUX, Henry. **Cultura popular e pedagogia crítica: a vida cotidiana como base para o conhecimento curricular**. In: Currículo, Cultura e Sociedade / Antonio Flávio Barbosa e Tomaz Tadeu da Silva (orgs.). São Paulo: Cortez, 1994.

SMITH, Corine, STRICK Lisa. **Dificuldades de aprendizagem de a a z**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SOUZA, Jesus Maria. **O currículo à luz da etnografia** disponível em [www.uma.pt/jesussouza/publicacoes/390.curriculoaluzdaetnografia.pdf](http://www.uma.pt/jesussouza/publicacoes/390.curriculoaluzdaetnografia.pdf). Acesso em 12 de agosto de 2015.

\_\_\_\_\_ **O professor como pessoa.** Porto: Edições Asa. Porto Editora, 2000.

\_\_\_\_\_ **Educação: textos de intervenção.** O Liberal, 2004.

\_\_\_\_\_ **O olhar etnográfico da escola perante a diversidade cultural.** PSI Revista de Psicologia Social e Institucional). Disponível em: <http://www3.uma.pt/jesussousa/publica.htm>. Acesso em 05 de agosto de 2015.

SOARES, M. H. F. B.; CAVALHEIRO, É. T. G. **Livros didáticos para Química no ensino médio: Levantamento sobre a presença/ausência de abordagem experimental.** Anais da Associação Brasileira de Química, v. 52, n. 3, p. 97-101, 2003.

SOBRAL, Germano Leóstenes Alves de . **“Imagens do migrante nordestino em São Paulo”.** Travessia: revista do migrante. São Paulo, ano 4, n. 17, 1993, p.10-20.

SOUTO MAIOR, Mário. **Painel Folclórico do Nordeste.** Recife: - UFPE - Editora Universitária, 1981.

SPRADLEY, James. **Participant observation.** New York: Hold, Rinehart andWinston, 1980.

\_\_\_\_\_. **The ethnographic interview.** New York: Holt, Rinehart and Winston, 1979.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** Tradução de Francisco Pereira. Petrópolis: Vozes, 2002.

TOFFLER, A. **O choque do futuro.** Trad. Marco Aurélio de Mora Matos. São Cristóvão: Editora Artenova S.A, 1973.

\_\_\_\_\_. **A terceira onda.** Trad. João de Távora. Rio de Janeiro: Record, 1998.

TRUJILLO FERRARI, A. **Metodologia da ciência**. 3. ed. Rio de Janeiro: Kennedy, 1974.

VASSALO, Lúgia. **O Sertão Medieval**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

VESENTINI, J. W. (Org.) **O ensino da Geografia no século XXI**. Campinas: Papyrus, 2004.

\_\_\_\_\_. **A caveira do ET em Quixadá**. Fortaleza: Tupynanquim, 2005.

\_\_\_\_\_. **Quirino, o vaqueiro que não mentia**. Cordel. Mossoró/RN, 2010. (Projeto Acorda cordel em sala de aula).

\_\_\_\_\_ FORTALEZA, Zé Maria de. **A didática do cordel**. Cordel. Canindé, 2006. (Projeto Acorda cordel em sala de aula).

\_\_\_\_\_. **Brasil 500 anos de resistência popular**. Fortaleza: Tupynanquim, 2000.

VICENTE, Zé. **O Brasil rompeu com eles**. 2 ed. Belém: Guajarina, 20/06/1943.

VIGOTSKI, L.S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. **A formação social da mente**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ZABALA, Antoni. (Org.). **Como trabalhar os conteúdos procedimentais em aula**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.

\_\_\_\_\_. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZANETIC, João .**Física e cultura**. Ciência e Cultura, São Paulo: v. 57, n. 3, p. 21-4.2005.

Zóboli, G. **Práticas de ensino**: subsídios para a atividade docente. São Paulo: Ática.1998.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Trad. De Jerusa Pires Ferreira et al. São Paulo: Hucitec, 1997.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

## ÍNDICE DO CONTEÚDO EM CD

### **ARQUIVO 1- ANEXOS**

ANEXO 1- Autorização da diretora da escola pra iniciar e proceder pesquisa

ANEXO 2- Proposta de sequencia didática para o 5º ano – Cordel ( Secretaria Municipal de Educação)

ANEXO 3- Avaliação de Ciências

### **ARQUIVO 2- APÊNDICES**

APÊNDICE A- Diário de Campo

APÊNDICE B- Fotografias

APÊNDICE C- Vídeos

APÊNDICE D- Transcrições dos Vídeos

APÊNDICE E- Áudios das Entrevistas

APÊNDICE F- Transcrições das Entrevistas

APÊNDICE G- Questionários respondidos pelos alunos

### **ARQUIVO 3- DISSERTAÇÃO ( Versão eletrônica em pdf)**